

Larissa Santos Ciríaco

**A hipótese do contínuo entre o léxico e a gramática e as
construções incoativa, medial e passiva do PB**

Belo Horizonte
2011

Larissa Santos Ciríaco

**A hipótese do contínuo entre o léxico e a gramática e as
construções incoativa, medial e passiva do PB**

Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Linguística Teórica e Descritiva.

Área de Concentração: Linguística Teórica e Descritiva

Linha de Pesquisa: Estudo da Estrutura Gramatical da Linguagem

Orientadora: Profa. Dra. Márcia Cançado

Belo Horizonte
2011

Tese intitulada *A hipótese do contínuo entre o léxico e a gramática e as construções incoativa, medial e passiva do PB*, defendida por LARISSA SANTOS CIRÍACO em 08/04/2011 e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos professores:

Dra. Márcia Maria Caçado Lima – UFMG
Orientadora

Dra. Maria Angélica Furtado da Cunha – UFRN

Dra. Maria José Gnatta Dalcuche Foltran – UFPR

Dra. Lúcia Monteiro de Barros Fulgêncio – UFMG

Dr. Mário Alberto Perini – UFMG

Dedico esta tese ao Eduardo, meu marido querido, em nome do amor, que tudo vence...

AGRADECIMENTOS

Esta tese é o fechamento de quatro anos de estudo e amadurecimento intelectual e acadêmico. Ela realmente significa o fechamento desse ciclo para mim e reflete o resultado alcançado ao longo desses quatro anos. Não tenho certeza se esta tese está à altura do nível intelectual que um dia desejei alcançar quando chegasse a esse ponto, ou mesmo do nível esperado pela própria academia; mas tenho certeza que ela faz jus, ao menos a meu ver, ao meu *processo* de amadurecimento acadêmico, que foi muito mais intenso e revelador do que eu esperava. Foi também um processo doloroso, mas muito proveitoso. E por isso eu sou extremamente orgulhosa e grata a este trabalho, não importa o quão pequeno ele seja. Além disso, esta tese também simboliza o resultado de uma jornada iniciada há exatos dez anos, quando decidi alçar vôo da casa de meus pais e perseguir um sonho, ainda incrédula da minha capacidade.

Por tudo isso, eu tenho muito a agradecer. É importante deixar o leitor saber o quanto esta tese significa para mim, minha família, meus amigos, meus colegas de trabalho e também para meus professores. Não existe forma melhor de fazer isso do que agradecendo.

A primeira pessoa a quem quero agradecer é a professora Márcia Cançado, minha querida orientadora, que me conduziu de maneira exemplar ao longo não apenas desses quatro anos, mas desde a graduação. Sou extremamente grata pelo conhecimento transmitido, pelo exemplo acadêmico, pelas lições de vida e pela confiança em meu trabalho. Obrigada por tudo, Márcia! Foi em você que encontrei motivação e inspiração para seguir a carreira acadêmica e serei eternamente grata a você por isso.

Agradeço também aos professores da FALE, meus queridos mestres, por quem nutro admiração eterna. Em especial, ao professor Lorenzo Vitral, meu orientador de IC ainda

na graduação, que me passou os primeiros ensinamentos sobre a área de pesquisa; ao professor César Reis, também orientador e chefe por um tempo, no laboratório de fonética, pelas inúmeras lições em tantos aspectos da vida e pela amizade; ao professor José Olímpio, o primeiro a me despertar para a Linguística, na época em que cursei Linguística I, por todo o conhecimento partilhado em tantas disciplinas que cursei com ele e também pela amizade e carinho. Aos professores Márcia Cançado, Jânia Ramos, Beth Saraiva, Luís Francisco, Seung Lee, Fábio Bonfim, Evelyne Dogliani e Thaís Cristóforo, agradeço por terem contribuído tanto para minha formação. Agradeço também às professoras Esmeralda Negrão e Evani Viotti, pela oportunidade de participar do curso ministrado por elas na USP, no primeiro semestre de 2009, e de desfrutar de todo o conhecimento partilhado em sala de aula. Foi uma honra receber esse convite! Agradeço ainda imensamente aos professores Lúcia Fulgêncio, Mário Perini e Esmeralda Negrão, pela leitura tão cuidadosa do texto de qualificação desta tese, que resultou em grande ajuda para este trabalho.

Aos professores da Rice University e em especial à professora Suzanne Kemmer, minha orientadora no exterior, durante o período sanduíche. Agradeço pela oportunidade ímpar, pela paciência com meus questionamentos, pela doçura e visão ampla da vida e do trabalho acadêmico. Ainda, aos professores Masayoshi Shibatani e Michel Achard, por dividirem seu tempo e conhecimento comigo.

Aos funcionários do PosLin, em especial à Malu e à Graça, pela ajuda constante, principalmente com o processo do sanduíche.

Aos colegas da pós-graduação, em geral, e aos colegas do Núcleo de Pesquisa em Semântica, em particular. Em especial a Luisa Godoy, pela amizade e a Luana Amaral, pela revisão tão cuidadosa desta tese e pela amizade. Aos colegas da Rice, em especial a Haowen Jiang, pela ajuda sempre providencial, pelas caronas e pela companhia; a Ann Olivo, também pela companhia e por ser praticamente minha “guia” no que diz respeito

à Rice; a Noriko Imazato, pela companhia e amizade, pelos encontros para estudo de língua inglesa e por me apresentar tão lindamente a um pedacinho da cultura japonesa; a Carlos Molina, pelas conversas inteligentes e pela sugestão sempre tão assertiva de material para pesquisa.

Ao meu marido querido, Eduardo, tão paciente, amoroso, disponível e incentivador. Obrigada pela força, amor! Sem você eu não teria conseguido!

Aos meus pais: Sebastião, de quem tenho muito orgulho pela simplicidade e sabedoria genuínas, e Rosângela, cuja coragem me inspira e me move todos os dias. Aos dois, agradeço o amor e a base sólida. À minha irmã, Lorena, tão importante para mim, pelo amor e carinho.

Aos amigos de todas as horas, que estão sempre conosco e com quem escolhemos dividir as alegrias e tristezas da vida, em especial à Fernanda e ao Estevão, à Josy e ao Paulo. Obrigada por torcerem tanto! E por entenderem nossas faltas, principalmente no período de fechamento deste trabalho. Obrigada também por serem vocês e deixarem que sejamos apenas nós...

À Cida, minha secretária em casa, importantíssima durante todos esses anos. Minha tranquilidade para estudar e realizar esta pesquisa não teria sido completa sem sua lealdade e cuidado para comigo, meu marido e nossa casa. Obrigada pelo carinho e pelo cuidado sempre tão providencial!

Agradeço ainda à Ana Laura Elias Arriaga, pela companhia constante em Houston e por ter se tornado minha amiga para sempre, e à Marie-Theres Odermatt, que não apenas me deu abrigo durante minha estada em Houston, mas cuidou de mim como se fosse uma mãe. Agradeço principalmente pela hora diária do jantar, que não apenas me

rendeu excelentes lições de culinária como também me propiciou o relaxamento necessário após os longos dias de trabalho em Houston. Obrigada para sempre, MT!

Por fim, agradeço também ao CNPq, pelo apoio financeiro durante todo o período de doutoramento e à Capes, pelo auxílio durante o período sanduíche; ambos indispensáveis para a conclusão desta pesquisa.

“(…) às vezes, a gente vê um relance na vida por um ângulo completamente novo. Existem portas ocultas, armadilhas por todas as partes. De repente você dá de cara com uma delas (...); é quando você se dá conta de que o mundo é muito *maior* do que imagina. Então, naquela noite, embora um tanto atrasada, tomei minha resolução de Ano-Novo: superar meu maldito ego. Afinal de contas, já que decidira entrar nessa aventura, (...) eu ia curtir o processo inteiro, mesmo sentindo-me exausta (...). Porque não é todo mundo que encontra uma toca de coelho que vai dar no País das Maravilhas. Pensando bem, eu era uma baita sortuda.”

Julie Powell

RESUMO

Esta tese toma como objeto de estudo as construções incoativa, medial e passiva do PB. As principais questões que direcionam esta pesquisa relacionam-se ao fato de que nem todos os verbos da língua podem instanciar essas construções. Sendo assim, perguntamos por que isso acontece e qual é o conhecimento que permite ao falante do PB utilizar essas construções da maneira como são utilizadas. Para responder a essas questões, adotamos a hipótese de que a incoativa, a medial e a passiva são construções do PB, dotadas de forma sintática e significado e, portanto, o fato de elas serem restritas a determinadas classes de verbos da língua se deve ao significado ao qual estão associadas. Segundo a teoria da Gramática de Construções (Goldberg, 1995, 2006), referencial teórico adotado nesta pesquisa, apenas verbos que apresentam um significado compatível com o de uma construção pode instanciá-la. Sendo assim, para responder às questões levantadas, é necessário explicitar o significado das construções incoativa, medial e passiva. Os objetivos principais desta pesquisa são, então, caracterizar as construções estudadas e propor uma representação para elas que dê conta de circunscrever as classes de verbos que podem instanciá-las. Para alcançar os objetivos propostos, foi realizada uma análise empírica de algumas classes de verbos do PB em relação às construções. Essa análise demandou a articulação da teoria da Gramática de Construções com a técnica de decomposição de predicados, utilizada como instrumento da determinação dos significados das classes de verbos. Observando as classes de verbos compatíveis com cada construção e os elementos de significado que apresentam, foi possível generalizar e atribuir um significado a cada uma das construções, além de caracterizá-las no que se refere à forma sintática, à função semântico-pragmática a que servem, o modo como atendem a essa função, a relação existente entre o significado dos verbos que integram as construções com o significado das próprias construções; e de explicitar o mapeamento entre os polos sintático e semântico de cada construção. Em conclusão, esta pesquisa corrobora a hipótese de que as construções incoativa, medial e passiva são unidades independentes na língua,

com significado próprio. Os resultados alcançados mostram que o conhecimento responsável por esses fatos da língua é de natureza semântica e permitem ainda explicitar as classes de verbos associadas a cada construção. A análise apresentada ainda explica do ponto de vista teórico, com a adoção da noção de construção, porque as construções estudadas se integram apenas com determinadas classes de verbos e não com outras.

ABSTRACT

This dissertation aims to study the Brazilian Portuguese (BP) inchoative, middle and passive constructions. The main issue at hand refers to the fact that not all verbs can instantiate these constructions. Therefore, we raise the question of why it is so, and what kind of linguistic knowledge is at stake when we face these facts of language. To answer those questions, we adopt the hypothesis that the inchoative, middle and passive patterns are constructions, independent units of language, being described as an association of form and meaning. If that hypothesis is correct, the meaning associated to those clausal patterns is responsible for the fact that only certain verbs are able to instantiate them. Adopting Construction Grammar (Goldberg, 1995, 2006) as a theoretical background, we assume that only semantic compatible verbs can instantiate the BP inchoative, middle and passive constructions. Hence, this research aims to characterize the constructions under study, and to provide a representation for their meaning. In order to circumscribe the verb classes associated to each of them, it was conducted a descriptive analysis where some verb classes were analyzed in relation to the inchoative, middle and passive constructions. The Construction Grammar theory was articulated to the semantic decomposition of verbs, used as an instrument for determining the constructions' meanings. Through observation of the semantic compatible verb classes meaning, we were able to isolate the meanings of inchoative, middle and passive constructions, and therefore attribute a representation to each of them. In conclusion, this research brings positive evidence for the hypothesis adopted, showing that inchoative, middle and passive are clausal patterns that can be described as constructions, and therefore explain the BP data.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Exemplos de construções do inglês (GOLDBERG, 2006 p. 5)	110
Tabela 2 – O contínuo entre o léxico e a sintaxe	113
Tabela 3 – Construções de estrutura argumental do inglês	116
Tabela 4 – Sentido que emerge das classes de verbos compatíveis com a construção passiva	187

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – A construção bitransitiva do inglês (GOLDBERG, 1995 p. 50)	123
Figura 2 – Construção bitransitiva + verbo <i>hand</i> (GOLDBERG, 1995 p. 50)	124
Figura 3 – A construção incoativa do PB	155
Figura 4 – Construção incoativa + verbo <i>quebrar</i>	156
Figura 5 – A construção medial do PB	172
Figura 6 – Construção medial + verbo <i>limpar</i>	173
Figura 7 – A construção passiva do PB	188
Figura 8 – Construção passiva + verbo <i>quebrar</i>	189

SUMÁRIO

1 Introdução	17
1.1 Objeto de estudo	17
1.2 Questões	24
1.3 Hipóteses	29
1.4 Objetivos	30
1.5 Justificativas	31
1.6 Metodologia	31
1.7 Organização da tese	32
2 Revisão de Literatura	33
2.1 Introdução	33
2.2 A construção incoativa	33
2.2.1 Análises baseadas na noção de papel temático	34
2.2.1.1 Whitaker-Franchi (1989)	34
2.2.1.2 Ciríaco e Cançado (2009)	37
2.2.1.3 Conclusões	39
2.2.2 Uma análise baseada na decomposição de predicados	41
2.2.2.1 Levin e Rappaport-Hovav (1995)	41
2.2.2.2 Conclusões	45
2.2.3 Análises baseadas na noção de raiz	46
2.2.3.1 Rappaport-Hovav e Levin (2010)	46
2.2.3.2 Cançado e Godoy (2009, 2010)	50
2.2.3.3 Conclusões	59
2.3 A construção medial	60
2.3.1 Medial x Incoativa	65
2.3.2 Propostas para a construção medial	68
2.3.2.1 Fagan (1992)	68

2.3.2.2 Kageyama (2006)	76
2.3.2.3 Cambrussi (2007, 2008)	80
2.3.2.4 Conclusões	84
2.4 A construção passiva	85
2.4.1 Propostas semânticas para a passiva	91
2.4.1.1 Shibatani (1985)	91
2.4.1.2 Rice (1987a, b)	97
2.4.1.3 Conclusões	102
2.5 Considerações finais	103
3 Quadro teórico	105
3.1 Introdução	105
3.2 Pressupostos teóricos	105
3.3 Apresentando o modelo gramatical	108
3.4 A Gramática de Construções	109
3.4.1 A noção de Construção	110
3.4.2 O contínuo entre o léxico e a gramática	113
3.4.3 As construções de estrutura argumental (GOLDBERG, 1995, 2006)	115
3.5 A Decomposição de Predicados	128
3.6 Considerações finais	136
4 Análise das construções	138
4.1 Introdução	138
4.2 A construção incoativa do PB	140
4.2.1 Classes de verbos compatíveis com a construção incoativa	148
4.2.2 Classes de verbos causativos não compatíveis com a construção incoativa	151
4.2.3 Representando a construção incoativa do PB	154
4.2.4 Resumo da análise para a construção incoativa	157
4.3 A construção medial do PB	158

4.3.1 Classes de verbos compatíveis com a construção medial	167
4.3.2 Classes de verbos que podem ser assimilados pelo significado da construção medial	169
4.3.3 Representando a construção medial do PB	172
4.3.4 Resumo da análise da construção medial no PB	175
4.4 A construção passiva do PB	175
4.4.1 Eventualidades compatíveis com a construção passiva	182
4.4.2 Eventualidades não compatíveis com a construção passiva	186
4.4.3 Representando a construção passiva do PB	187
4.4.4 Resumo da análise da construção passiva	191
5 Conclusão	193
Referências	199
Apêndice	217

Capítulo 1

Introdução

1.1 Objeto de estudo

Esta tese toma como objeto de estudo as construções incoativa, medial¹ e passiva do português brasileiro (PB), ilustradas respectivamente em:

- (1) A porta (se) abriu.
- (2) Essa porta (se) abre facilmente.
- (3) A porta foi aberta por João.

A escolha dessas três construções do PB como objeto de estudo deve-se ao interesse desta pesquisa por construções linguísticas que servem para codificar perspectivas semânticas diferentes da perspectiva agentiva, prototipicamente associada à construção transitiva e à maioria dos verbos do português. Em outras palavras, com base em Langacker (2008), as línguas apresentam estratégias de codificação de eventos de dois tipos de orientação: uma orientação agentiva ou uma orientação autônoma/temática, sendo uma delas mais prototípica do que a outra para determinada língua. Para o português, a organização conceitual predominante é a de orientação agentiva, porque o agente tende fortemente a ser o foco de atenção, além de ser o papel prototípico para preencher a posição de sujeito (GOLDBERG, 1995). Além disso, segundo Franchi e Cançado (2003), 95% dos verbos do PB lexicalizam eventos de ação/causação, confirmando a orientação agentiva da língua. Nesse contexto, a construção transitiva é aquela que expressa mais diretamente essa organização conceitual agentiva (KEMMER, 1993). Portanto, quando comparadas à construção transitiva², as construções incoativa,

¹ Justificamos a adoção dos termos *incoativa* e *medial* no capítulo 2.

² É importante realçar que o reconhecimento da relação semântico-conceitual existente entre as construções estudadas e a construção transitiva não implica a adoção de uma abordagem derivacional. A

medial e passiva podem ser consideradas estratégias alternativas de codificar linguisticamente os eventos (GOLDBERG, 1995, 2006; PINA, 2009; LANGACKER, 2008), expressando as diferentes perspectivas que podem ser adotadas pelo falante. Por exemplo, a construção incoativa expressa a perspectiva final de um evento de causação. A construção medial expressa uma perspectiva estativa sobre um evento. Já a construção passiva expressa um evento a partir da perspectiva do participante associado prototipicamente ao papel de afetado. As três construções servem, portanto, para expressar uma perspectiva distinta da perspectiva agentiva prototipicamente expressa pela construção transitiva. Assim, tomamos essas três principais construções de mudança de perspectiva da língua como objeto de estudo nesta tese, a fim de caracterizá-las e, conseqüentemente, lançar luz sobre as estratégias de expressão de eventos que diferem da perspectiva agentiva canônica. Antes de expormos as questões levantadas por esse objeto de estudo, vamos apresentar uma caracterização inicial para cada construção, a fim de delimitar o escopo de nossa análise.

O objeto de estudo desta tese são padrões oracionais específicos. Por exemplo, neste trabalho, entende-se que a incoativa é uma construção caracterizada inicialmente pela opcionalidade do clítico *se* e pela expressão de uma perspectiva processual de um evento lexicalizado como causativo³, como é o caso do evento designado pelo verbo *abrir*, mostrado na construção incoativa em (1) anteriormente. Outros exemplos são:

(4) A maçaneta (se) entortou.

(5) A pia (se) entupiu.

(6) O sapato (se) estragou.

(7) A porta (se) fechou.

relação entre as construções é de natureza estritamente conceitual e não impede que as construções estudadas sejam analisadas como construções independentes da construção transitiva.

³ Um evento causativo se caracteriza pela relação de consequência temporal entre dois subeventos – o evento causador e o evento causado – percebidos como um só pelo falante (COMRIE, 1991; SHIBATANI, 2000; GOLDBERG, 1995; LEVIN e RAPPAPORT-HOVAV, 2005).

Para Negrão e Viotti (2007), a construção incoativa inclui outros tipos de exemplos, que as autoras chamam de casos “menos típicos”. Esses exemplos são:

(8) O livro está xerocando.

(9) A roupa já lavou.

Entretanto, assumimos que esses exemplos menos típicos não se referem ao mesmo tipo de construção estudada nesta tese. Primeiramente, por diferirem da construção incoativa em forma, não aceitando o clítico *se*:

(10) *O livro se xerocou.

(11) *A roupa se lavou.

Nosso objeto de estudo inclui apenas instâncias⁴ que permitem a ocorrência do clítico *se*, sem prejuízo para o significado.

Em segundo lugar, os exemplos de Negrão e Viotti não estão associados ao mesmo significado da construção incoativa. A construção incoativa implica necessariamente uma mudança de estado para o participante em posição de sujeito, enquanto que o exemplo das autoras não implica necessariamente esse significado, como mostra o teste proposto por Cançado, Godoy e Amaral (em preparação):

(12) *Esse vaso (se) quebrou, mas não ficou quebrado.

(13) A roupa já lavou, mas não ficou lavada, vamos ter que lavar de novo.

Portanto, por diferirem da construção incoativa em forma e em significado, esses exemplos atípicos são assumidos neste trabalho como instâncias de uma outra

⁴ O termo *instância* está sendo empregado no mesmo sentido utilizado na área de informática, por importação do inglês. Essa palavra é um termo técnico da Gramática de Construções, e significa ocorrência ou realização. Uma instância é uma concretização de uma construção, ou seja, de um molde ou padrão oracional que essa construção representa.

construção, e, portanto, não fazem parte do recorte de análise desta pesquisa. Outros exemplos atípicos que também não serão considerados ocorrências da incoativa são (CIRÍACO e CANÇADO, 2009):

(14) O livro (*se) xerocou.

(15) O pão (*se) cortou.

(16) A mesa (*se) limpou.

Algumas outras ocorrências, formadas com verbos que Cançado e Amaral (a sair) chamam de “verbos incoativos”, também não farão parte do recorte de análise desta pesquisa. A construção formada com esses verbos, embora muito semelhante à construção incoativa estudada, difere dela, no mínimo, em forma, não aceitando a presença do clítico *se*⁵:

(17) A banana (*se) amadureceu.

Esse tipo de verbo também não faz parte do *corpus* de verbos analisados nesta pesquisa, porque sua representação semântica não pôde ser investigada⁶. Além de lexicalizarem o significado de mudança de estado, verbos desse tipo também designam uma mudança internamente causada (LEVIN e RAPPAPORT-HOVAV, 1995; CANÇADO e AMARAL, a sair), merecendo, em hipótese, um estudo à parte.

A construção medial também se caracteriza formalmente pela opcionalidade do clítico *se* e pela presença de um modificador adverbial. Além disso, segundo Cambrussi (2007), a construção medial está associada a uma leitura de propriedade. Acrescentamos que a construção medial se caracteriza pelo significado de propriedade em relação a um processo:

⁵ Outros argumentos para se considerar a construção formada com esses verbos diferente da construção incoativa podem ser encontrados no capítulo 4.

⁶ De fato, uma representação para essa classe de verbos é proposta por Cançado e Amaral (a sair), mas, por razões que não discutiremos aqui, discordamos dessa representação e reservamos o assunto para um trabalho futuro (ver capítulo 4).

(18) Vasos (se) quebram facilmente.

A construção em (18) significa que vasos têm a propriedade de passar pelo processo designado por *quebrar* de modo fácil. Portanto, outras construções genéricas, que não estão associadas especificamente a esse significado de propriedade em relação a um processo, não são consideradas como parte de nosso objeto de estudo. Um exemplo é a construção genérica a seguir, que está associada a uma leitura de propriedade em relação a uma ação e não a um processo:

(19) Vizinho ajuda muito.

Para Negrão e Viotti (2007), a presença do clítico na construção medial configura um outro tipo de construção. As autoras observam que modificadores adverbiais orientados para o agente exigem a presença do clítico, que recupera o agente requerido pelo modificador:

(20) *Essa roupa lava com cuidado. / Essa roupa se lava com cuidado.

Negrão e Viotti (2007) sugerem que esse é um exemplo de uma construção com sujeito indeterminado⁷ e não da construção medial. De fato, o exemplo em (20) não ilustra a construção medial, mas isso não quer dizer que é apenas a presença do clítico que configura um outro tipo de construção, nesse caso. Em realidade, esse exemplo mostra que a construção medial requer modificadores que possam estar orientados para o processo, rejeitando modificadores estritamente orientados para a ação, como é o caso da construção em (20). Quando o modificador pode ter escopo sobre o processo, a ocorrência do clítico é perfeitamente compatível com a interpretação atribuída à medial, como mostram os exemplos seguintes:

(21) Portas de madeira (se) fecham facilmente.

⁷ Moino (1989), Nunes (1990) e Cyrino (2007) são outros trabalhos que exploram a ideia de que o *se* traz a noção de indeterminação.

- (22) Esse vestido (se) amassa facilmente.
- (23) Essa pia (se) entope facilmente.
- (24) Rádios de banheiro (se) estragam facilmente.

Por fim, a construção passiva que tomamos como objeto de estudo se caracteriza por uma forma do verbo *ser*, um verbo principal no particípio passado (ou a designação de evento de uma forma de particípio) e um sintagma preposicionado opcional encabeçado pela preposição *por* (o chamado agente da passiva). Portanto, exemplos de construções que dependem do sintagma preposicionado para serem gramaticais, como em *Dilma foi precedida *(por Lula)*, não serão analisados nesta tese. O significado da construção passiva estudada designa um evento ou um processo (BARDDAL e MOLNÁR, 2003) e nunca um estado:

- (25) A faca foi afiada pela empregada.
- (26) Meu violão foi afinado pelo professor.
- (27) O carro foi aspirado pelo ajudante do lava-jato.
- (28) O bolo foi cortado pela tia do aniversariante.

Construções que chamaremos de “passivas de estado”, ilustrada abaixo, também não fazem parte de nosso recorte de estudo, pois não designam um evento. Essas construções diferem ainda da construção passiva porque permitem a substituição da preposição *por*, o que não é permitido pela construção passiva:

- (29) A maioria dos candidatos é desconhecida pelo/do povo.
- (30) Ele está rodeado por/de falsos amigos.
- (31) Ele é rodeado por/de falsos amigos.
- (32) Ele ficou rodeado por/de falsos amigos.

Esses dados indicam que o sintagma preposicionado das passivas de estado não é um verdadeiro agente da passiva.

Realçamos que a interpretação eventiva da construção passiva não se deve ao tempo empregado. Veja que, mesmo no tempo presente, as construções passivas ilustradas abaixo apresentam uma interpretação eventiva, ou, processual:

(33) Esse prédio é construído pela construtora.

(34) João é traído pelo amigo.

(35) Ana é amada por João.

Em contrapartida, essa é uma interpretação que não está disponível para passivas de estado.

Alguns verbos, sendo ambíguos entre uma leitura estativa e uma eventiva, podem produzir construções também ambíguas:

(36) O departamento é composto por/de professores experientes.

= professores experientes fazem parte do departamento.

(37) O departamento foi composto por professores experientes.

= professores experientes criaram o departamento.

O verbo *compor* possui tanto uma acepção estativa (*compor* = fazer parte de), quanto uma acepção agentivo/processual (*compor* = formar/criar). Nesses casos, embora o emprego do tempo pretérito não determine a leitura processual, ele a favorece, como mostrado em (37). Além disso, a preposição *por* pode ser trocada livremente na passiva de estado mostrada em (36), sem alteração no significado do sintagma que ela encabeça. Por outro lado, na construção passiva mostrada em (37), a troca da preposição muda a interpretação associada a “professores experientes”: de agente da composição do departamento para objeto do qual o departamento foi composto. Essa

parece ser uma peculiaridade desse verbo e apenas reforça a análise que distingue a construção passiva, que designa um evento, de passivas de estado.

1.2 Questões

A principal questão levantada pelo objeto de estudo desta tese refere-se ao fato de que determinados verbos não podem instanciar as construções incoativa, medial e passiva do PB:

(38) *A casa (se) teve.

(39) *Maria (se) amou. (na interpretação relevante)

(40) *Casas têm facilmente.

(41) *Maria (se) ama facilmente. (na interpretação relevante)

(42) *A casa é tida por João.

(43) *Maria foi preocupada por João.

Esses dados nos levam a questionar por que certos verbos não podem instanciar as construções incoativa, medial e passiva, quais são as classes de verbos que estão associadas a essas construções e qual é o tipo de conhecimento linguístico subjacente a esses fatos.

Para responder essas questões, esta pesquisa adota a Gramática de Construções como referencial teórico (GOLDBERG, 1995, 2006) e parte da hipótese de que a incoativa, a medial e a passiva são construções do PB, ou seja, unidades independentes na língua, dotadas de forma e de significado próprios. O termo *construção* é entendido como um padrão oracional, ou seja, um molde oracional que está associado a uma forma e a um significado específicos e que pode ser preenchido por itens lexicais variados. Estando as construções incoativa, medial e passiva associadas a um significado, em hipótese, apenas verbos semanticamente compatíveis com esse significado podem instanciá-las (ver capítulo 3).

Para adotar essa perspectiva teórica, partimos de evidências que permitem tratar nosso objeto de estudo como construções na língua. Segundo a Gramática de Construções, para ser considerada como tal, uma construção deve apresentar algum aspecto de forma ou significado que a distinga de outras construções já existentes. Como mostramos na seção anterior, a construção incoativa e a construção medial estão associadas a formas específicas, que, para ambas, inclui a possibilidade de ocorrência do clítico *se*, além de, especialmente para a medial, a ocorrência de um modificador. Esses aspectos, por si só, já bastariam para caracterizar esses padrões oracionais como construções na língua. Porém, há também aspectos semânticos que individualizam essas construções na língua. Por exemplo, a construção incoativa está associada a um significado de mudança de estado que não pode ser atribuído aos itens lexicais que a instanciam ou a outras construções oracionais:

(44) O vaso (se) quebrou.

O verbo *quebrar* lexicaliza um evento causativo e a construção incoativa na qual ele ocorre designa apenas mudança de estado. Para não termos que postular mais de um significado aos verbos que instanciam a construção incoativa, atribui-se o significado de mudança de estado à própria construção.

O mesmo pode ser dito para a construção medial. Como mostramos, ela está associada a um significado de propriedade em relação a um processo. Esse significado não pode ser atribuído a nenhum dos itens lexicais que instanciam a construção medial. Sendo assim, é mais adequado atribuir o significado de propriedade em relação a um processo à construção como um todo:

(45) Esse bolo (se) corta facilmente.

A construção passiva também apresenta aspectos de significado próprios, uma intuição partilhada por outros autores. Por exemplo, Barddal e Molnár (2003)

argumentam que a passiva apresenta uma leitura de processo que não pode ser atribuída aos itens lexicais que a instanciam isoladamente. As autoras explicam que o verbo auxiliar expressa apenas tempo, enquanto que o particípio designa um estado resultante e não um processo. Sendo assim, elas defendem uma interpretação processual para a passiva que é intrínseca ao padrão oracional que ela expressa. Identificamos essa interpretação processual identificada pelas autoras à leitura eventiva que a construção passiva veicula, como mostramos anteriormente. Além de Barddal e Molnár, Caçado (1995) e Franchi e Caçado (2003) também identificam aspectos de significado próprios do todo construcional da passiva. Segundo eles, um verbo, ao entrar em uma construção passiva, passa a ter um sentido mais agentivo. Entendemos que esse sentido agentivo identificado pelos autores é de natureza construcional. Essa é uma intuição que já tinha sido observada por Shibatani (1985), segundo o qual uma construção passiva, em comparação com uma construção ativa de mesmo preenchimento lexical, soa mais agentiva do que sua correspondente ativa. Em outras palavras, o que esses autores observam é que a passiva é mais aceitável quando associada a uma concepção de evento mais agentiva, ou que envolva propriedades associadas mais ou menos tipicamente com a noção de agentividade, como volição, iniciativa, controle, intenção, etc. Isso significa que a passiva possui um significado próprio, e que, portanto, apenas composições lexicais associadas a concepções de evento compatíveis com esse significado podem instanciá-la. Por exemplo, o verbo *ganhar* só pode instanciar a construção passiva se a composição dos itens lexicais que a preenchem designa uma conceptualização de evento em que o participante ganhador realiza algum esforço ou tem interesse no evento como um todo:

(46) a. A aposta foi ganha por João.

b. ?? O presente foi ganho por João.

A composição de *ganhar* com *aposta* evoca uma conceptualização de evento em que *João* teve interesse ou se esforçou para ganhar a aposta (para ganhar uma aposta, é

preciso ao menos apostar), ao contrário do evento designado por *ganhar um presente*. A conceptualização composta pelo significado de *ganhar* mais o significado de *aposta* é, como mostram os dados, compatível com o significado da construção passiva, permitindo ao verbo *ganhar* instanciar a construção.

Outro exemplo é dado com o verbo *sofrer*. Prototipicamente, esse não é um verbo associado à construção passiva:

(47) *O acidente foi sofrido por Maria.

Mas, se forjarmos um contexto em que há algum controle ou interesse por parte do participante que sofre, a construção passiva parece mais aceitável:

(48) A via crúcis foi sofrida por Jesus (para pagar nossos pecados).

Além de a perspectiva teórica adotada neste trabalho permitir explicar porque determinados verbos não podem instanciar as construções estudadas, ela também permite dar um encaminhamento a uma outra questão de cunho teórico relacionada ao objeto de estudo, que é a localização dos processos de alternância. Em termos breves, as construções incoativa e medial são frequentemente tratadas como alternâncias (LEVIN e RAPPAPORT-HOVAV, 1995, 2005), ou seja, como um tipo de mudança ou rearranjo na estrutura de argumentos (GRIMSHAW, 1990) de um verbo. Um tipo mais geral de alternância é a alternância de transitividade, que significa uma mudança no “número” de argumentos de um verbo. Ela se realiza pela possibilidade de um mesmo verbo aparecer em uma construção de configuração transitiva, que codifica sintaticamente pelo menos dois argumentos, ou em uma construção de configuração intransitiva, que codifica sintaticamente um só argumento. Alguns exemplos de alternâncias de transitividade são: a de verbos médios, como ilustrada pelo par de sentenças *o menino (se) levantou / o pai levantou o menino*; a de dupla-causação, como ilustrada pelas sentenças *o menino correu pra fora da sala / a professora correu o*

menino pra fora da sala; a de causativização, ilustrada pelas sentenças *a banana amadureceu / o calor amadureceu a banana*; dentre outras. Outro tipo de alternância de transitividade é a alternância causativa, que além de envolver uma mudança no número de argumentos de um verbo, limita-se a verbos que lexicalizam um evento causativo. Ela pode ser exemplificada pelo par de sentenças *o menino quebrou o vaso / o vaso (se) quebrou*, em que o verbo *quebrar*, lexicalmente causativo, ocorre em uma construção transitiva, ou causativa, e em uma construção intransitiva. Essas alternâncias envolvem algum tipo de derivação entre essas construções, seja ela lexical – por exemplo, uma regra que deriva um verbo intransitivo de um verbo transitivo no léxico –, seja ela sintática – no caso de uma regra que deriva um verbo intransitivo de um verbo transitivo por meio de operações puramente formais, como movimento, absorção de caso, etc⁸. Nessas abordagens, a construção incoativa é frequentemente tratada como um processo lexical. A construção passiva, embora não seja tratada especificamente como um tipo de alternância, mas como um fenômeno de voz⁹, é tradicionalmente assumida como um processo sintático. Para a construção medial, porém, não existe consenso sobre essa questão: alguns autores assumem se tratar de um processo lexical (FAGAN, 1988, 1992; ACKEMA e SHOOLERMAN, 1995) e outros de um processo sintático (KEYSER e HOEPER, 1984; HALE e KEYSER, 2002).

Ao adotarmos a Gramática de Construções como referencial teórico, essa questão pode ser entendida da seguinte maneira. Primeiramente, como mostraremos no capítulo 3, segundo essa teoria, léxico e gramática não são componentes isolados; eles formam um contínuo, ao longo do qual se organizam as unidades da língua (construções, dotadas de forma e significado simultaneamente). Algumas construções são consideradas mais lexicais, por serem mais substantivas; outras são consideradas mais gramaticais, por serem mais esquemáticas (ver capítulo 3). Tendo isso em vista, partimos da hipótese de que as construções incoativa, medial e passiva corroboram

⁸ Realçamos, mais uma vez, que este trabalho interessa-se pelas construções individualmente e independentemente caracterizadas. Portanto, não é assumida qualquer relação de derivação entre essas construções e outras construções da língua, o que torna o uso do termo *alternância* dispensável neste trabalho.

⁹ Sobre voz, ver Klaiman (1990), entre outros.

esse contínuo entre o léxico e a gramática, estando associadas a um significado mais substantivo, como é o caso da incoativa, ou mais esquemático, como é o caso da passiva. A construção medial, por conter tanto aspectos de significado mais substantivos, quanto aspectos mais esquemáticos, situa-se entre esses dois extremos. Sendo assim, é por causa desse caráter híbrido da construção medial que a localização do processo que a origina, numa abordagem que adota uma separação rígida entre o léxico e a gramática, pode ser dada tanto em um quanto em outro componente, gerando a falta de consenso entre os linguistas.

Por fim, uma última questão que este trabalho vai abordar refere-se à função a que servem as construções incoativa, medial e passiva. Como vimos na seção 1.1, as três construções estudadas codificam, linguisticamente, perspectivas diferentes se comparadas à perspectiva agentiva, canônica em PB, e prototipicamente associada à construção transitiva. Com base no estudo de Shibatani (1985), em termos gerais, elas servem à função de desfocalização do participante do verbo associado prototipicamente ao papel de agente¹⁰. Entretanto, as construções estudadas diferem entre si também quanto ao modo em que servem a essa função semântico-pragmática. Em outras palavras, este trabalho também questiona a maneira como cada uma das três construções estudadas atende à função de desfocalização do agente e espera que a adoção da Gramática de Construções se mostre adequada para explicitar essa função em cada caso.

1.3 Hipóteses

Em termos gerais, esta pesquisa, com base na Gramática de Construções, aventa as seguintes hipóteses: i) os padrões frasais incoativo, medial e passivo são construções do PB, ou seja, unidades gramaticais independentes, com forma e significado próprios; ii) apenas verbos compatíveis com o significado de uma construção podem instanciá-la;

¹⁰ Como será explicado mais adiante (ver capítulo 2), o papel de agente, especificamente ao nos referirmos a essa função semântico-pragmática, está sendo entendido prototipicamente, estando sujeito a extensão conforme a teoria de protótipos.

iii) o sentido dos verbos que instanciam uma construção contribui para o significado final, portanto, a investigação do significado dos verbos que a instancia pode contribuir para a delimitação do significado construcional; iii) os significados das construções incoativa, medial e passiva podem ser descritos em termos mais ou menos lexicais, situando as construções estudadas ao longo de um contínuo entre o léxico e a gramática.

Em termos mais específicos, as hipóteses são: i) a construção incoativa do PB está associada à forma *Suj. (se) V* e ao significado de mudança de estado; ii) a construção medial do PB está associada à forma *Suj. (se) V modificador* e à leitura de propriedade em relação a um processo; iii) a construção passiva do PB está associada à forma *Suj. ser+V (SP_{por})* e a um significado eventivo.

1.4 Objetivos

Esta pesquisa tem como objetivo principal estudar as construções incoativa, medial e passiva do PB e propor uma representação para cada uma delas, adotando a teoria da Gramática de Construções. Em termos específicos, objetiva-se i) caracterizar as construções incoativa, medial e passiva no que se refere a sua forma sintática; ii) caracterizar as construções incoativa, medial e passiva no que se refere ao seu significado e função semântico-pragmática; iii) verificar as compatibilidades lexicais de cada construção, propondo uma classificação semântica para algumas classes de verbos do PB frente às construções e, finalmente, iv) explicar as compatibilidades lexicais de cada construção.

Além disso, objetiva-se também, com a análise apresentada, mostrar como o significado atribuído às construções estudadas corrobora a hipótese de uma organização contínua entre o léxico e a gramática.

1.5 Justificativas

Apesar de já haver diversos trabalhos na literatura sobre as construções incoativa, medial e passiva, propõe-se, nesta tese, estudá-las a partir da perspectiva teórica da Gramática de Construções, sob os pressupostos da Linguística Cognitiva. O estudo proposto nesta tese se justifica tanto descritivamente, quanto teoricamente. Do ponto de vista descritivo, esta tese oferece uma análise empírica de algumas classes de verbos em relação às construções incoativa, medial e passiva do PB. É um trabalho que contribui, portanto, para a descrição do português. Do ponto de vista teórico, esta pesquisa propõe tratar o objeto de estudo sob uma perspectiva ainda pouco explorada na linguística atual, que é a Gramática de Construções, além de propor uma articulação dessa teoria com a técnica de decomposição dos sentidos dos verbos em predicados semânticos primitivos. É um trabalho que contribui, portanto, para a proposta teórica da Gramática de Construções. Por fim, este é um trabalho que, com a análise das construções incoativa, medial e passiva do PB, também contribui para a Linguística em geral.

1.6 Metodologia

Para caracterizar o significado das construções incoativa, medial e passiva no PB, esta pesquisa realizou uma análise empírica de 150 verbos do português brasileiro, divididos em classes, conforme apresentado no apêndice¹¹ que integra esta tese. Para coletar e dividir os verbos analisados em classes semânticas, foram utilizados vários dicionários de língua portuguesa, especialmente o de Borba (1991), além das análises e dos *corpora* disponíveis em várias trabalhos de monografia, dissertação e tese que integram as pesquisas do Núcleo de Pesquisa em Semântica Lexical (NuPeS)¹² da UFMG, que tem tradição no estudo semântico-lexical de verbos e de construções do português brasileiro. Os verbos analisados foram testados quanto à sua ocorrência nas construções

¹¹ O apêndice encontra-se às páginas 213-222 desta tese.

¹² Material disponível para consulta em: <http://www.lettras.ufmg.br/nucleos/nupes>.

estudadas, conforme pode ser verificado no apêndice desta tese. As ocorrências analisadas foram construídas para cada verbo do *corpus* com base na intuição desta pesquisadora, dos pesquisadores do NuPeS e de outros falantes de português, com os quais várias sentenças foram checadas. Além disso, o *corpus* também conta com dados provenientes de várias anotações que foram sendo realizadas ao longo desta pesquisa. Portanto, embora o *corpus* utilizado não seja composto de dados da língua em uso, é importante realçar que recorreremos a dados reais sempre que necessário, para confirmar a intuição.

A investigação do significado das construções foi realizada através da articulação da teoria da Gramática de Construções com a técnica de decomposição dos sentidos dos verbos em predicados primitivos. A avaliação dos significados das classes verbais compatíveis com cada construção possibilitou circunscrever o significado das construções em si.

1.7 Organização da tese

Além desta introdução, esta tese compreende mais quatro capítulos. No capítulo 2, é apresentada uma revisão da literatura sobre as construções estudadas, com especial interesse pelas propostas e análises que contribuem mais especificamente para esta pesquisa. O capítulo 3 apresenta o referencial teórico adotado, introduzindo a teoria da Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995, 2006) e articulando-a com a técnica de decomposição semântica em predicados primitivos. Esse capítulo também apresenta as classes de verbos analisadas nesta pesquisa. No quarto capítulo, são discutidos os resultados encontrados a partir da análise de cada construção e propostas representações para as construções incoativa, medial e passiva no PB. Por fim, o capítulo 5 conclui este trabalho, apontando seus méritos, suas lacunas e as questões em aberto para futuras pesquisas.

Capítulo 2

Revisão de Literatura

2.1 Introdução

Neste capítulo serão revisadas algumas propostas sobre as construções incoativa, medial e passiva. Os objetivos são oferecer uma visão geral da literatura sobre os temas estudados e abordar, em especial, os trabalhos que contribuem para esta pesquisa em particular.

2.2 A construção incoativa

A construção incoativa tem sido tratada como a contraparte intransitiva da alternância causativa (Levin e Rappaport-Hovav, 1995, 2005; Souza, 1999; Naves, 2005; Ribeiro, 2010; Whitaker-Franchi, 1989; Ciríaco, 2007; Ciríaco e Cançado, 2009; dentre outros):

- (1) a. João quebrou o vaso.
b. O vaso (se) quebrou.

A variante intransitiva da alternância pode apresentar diversas denominações, como “incoativa”, “ergativa”, “anticausativa”, “inacusativa”, “intransitiva derivada”, “decausativa”, etc. Segundo Haspelmath (1987) e Souza (1999), todos esses termos são inadequados por uma razão ou outra. Por isso, sem a intenção de entrar nesse mérito, vamos apenas assumir a terminologia “incoativa”, por essa ser a mais difundida na literatura linguística para se referir à construção estudada, ilustrada em (1b).

A construção incoativa tem sido tratada, predominantemente, como o resultado de um processo de formação lexical (cf. KEYSER e ROEPER, 1984; WHITAKER-FRANCHI, 1989; FAGAN, 1992; LEVIN e RAPPAPORT-HOVAV, 1995; entre outros), tendo merecido

diversos trabalhos de natureza semântico-lexical. Os trabalhos apresentados a seguir contribuem para esta pesquisa por investigarem aspectos de seu significado, utilizando-se para isso as noções de papéis temáticos, como Whitaker-Franchi (1989) e Ciriaco (2007) para o PB; a decomposição de predicados, tal como Levin e Rappaport-Hovav (1995), para o inglês; ou a decomposição de predicados conjugada com a ideia de “raiz”, como é o caso das análises de Rappaport-Hovav e Levin (2010) e de Cañado e Godoy (2010), para o inglês e o português respectivamente.

2.2.1 Análises baseadas nas noções de papéis temáticos

2.2.1.1 Whitaker-Franchi (1989)

Segundo Whitaker-Franchi (1989), e também Levin (1993), as relações de sentido entre os verbos e seus argumentos, mais conhecidas como papéis temáticos, são importantes na determinação das condições para que um verbo participe da alternância causativa. As autoras observam que, na correlação entre uma construção causativa e uma construção incoativa, as relações de sentido entre o sujeito da incoativa e o verbo, e entre o objeto da causativa e o mesmo verbo são as mesmas:

- (2) a. João abriu a porta.
- b. A porta (se) abriu.

O papel temático atribuído ao argumento em posição de sujeito da construção incoativa, mostrada em (2b), é o mesmo papel do argumento que ocupa a posição de objeto da construção causativa, mostrada em (2a). Em outras palavras, os exemplos em (2) mostram que o nominal *a porta* apresenta o papel temático de paciente tanto na posição de objeto da construção causativa quando na posição de sujeito da construção incoativa.

Com base nesse fato, Whitaker-Franchi e Levin generalizam e observam que quando não há a relação semântica de paciente entre o verbo da construção causativa e seu objeto, a integração desse mesmo verbo na construção incoativa não é permitida:

(3) a. Paulo possui vários carros antigos.

b. * Carros antigos (se) possuem.

(4) a. João ama Maria.

b. * Maria (se) ama (na interpretação relevante, ou seja, entendendo *Maria* como paciente ou objeto da experiência).

(5) a. João ganhou um presente.

b. * O presente (se) ganhou.

Os verbos mostrados nos exemplos anteriores não atribuem ao argumento em posição de objeto da construção causativa o papel de paciente. Whitaker-Franchi atribui a esse fato a não participação desses verbos na contraparte intransitiva da alternância, como mostrado nos exemplos em (b).

Entretanto, há verbos que atribuem o papel de paciente ao argumento em posição de objeto da construção causativa e, ainda assim, não se integram com a construção incoativa:

(6) a. João escreveu uma carta.

b. *Uma carta (se) escreveu.

A autora então observa que esses verbos apresentam uma propriedade semântica que pode estar impedindo a alternância. Segundo ela, verbos como *escrever* requerem, estritamente, um agente, e, por isso, não participam da alternância. Por outro lado, verbos alternantes admitem que o argumento em posição de sujeito da construção

causativa seja interpretado como causa¹³, e não apenas como agente, o que permite sua expressão na construção incoativa:

(7) João quebrou o vaso sem querer.

(8) ?? João escreveu uma carta sem querer.

Sendo assim, Whitaker-Franchi classifica os verbos não alternantes como estritamente agentivos e inclui nessa classe também os verbos que permitem um instrumento na posição de sujeito das construções causativas. Por exemplo, o verbo *escrever* poderia ser expresso na construção causativa com um sujeito cujo argumento apresenta a função de instrumento, como em *essa caneta escreveu sua carta*. Segundo a autora, participantes com papel de instrumento em posição de sujeito recuperam uma leitura agentiva para o evento descrito pelo verbo. Sendo assim, todo verbo que só permite um agente ou instrumento em posição de sujeito é também um tipo de verbo estritamente agentivo.

O principal problema para a análise de Whitaker-Franchi são as noções de papéis temáticos, sempre muito intuitivas, mas pouco formalizáveis (cf. LEVIN e RAPPAPORT-HOVAV, 2005; CROFT, 1991; DOWTY, 1991 e PARSONS, 1995; dentre outros). Em geral, a definição dos papéis diverge muito de um autor para outro (compare, por exemplo, as definições de GRUBER, 1965; HALLIDAY, 1967; CHAFE, 1970; COOK, 1979). Embora Whitaker-Franchi explique a distinção entre causa e agente e a assumam como importante para a alternância, há casos que obscurecem essa distinção. Por exemplo, seria o argumento expresso por *o vento*, nos exemplos abaixo, um caso de função causa ou agente?

(9) João/ o vento abriu a janela.

(10) João/ o vento limpou a sujeira da janela.

13 A autora distingue a função semântica de causa, não volitiva, da função de agente, que é volitivo. A distinção é pertinente porque ambas as funções podem aparecer em uma mesma sentença, como em *João matou Maria por amor*, em que *João* é o agente e *por amor* exprime a causa.

Sendo esse argumento entendido como uma causa, como explicar o fato de que *limpar* não alterna? Sendo ele entendido como um agente, como explicar, por outro lado, porque *abrir* alterna?

(11) A janela (se) abriu.

(12) * A janela (se) limpou.

2.2.1.2 Ciríaco (2007) e Ciríaco e Cançado (2009)

Com o intuito de evitar os problemas relacionados aos papéis temáticos, Ciríaco (2007) e Ciríaco e Cançado (2009) reformulam as restrições propostas por Whitaker-Franchi para o PB utilizando-se da proposta para os papéis temáticos de Cançado (2005). Para Cançado, o conteúdo semântico dos papéis temáticos pode ser dado em termos de propriedades semânticas mais finas. Em outras palavras, a autora rejeita uma noção de papel temático como um primitivo teórico, procurando esmiuçar as propriedades de sentido que os caracterizam. Ela assume, portanto, assim como outros autores (Dowty, 1991; Van Valin, 1990, 2005), uma noção de papel temático derivada. O papel temático de um argumento é entendido por Cançado como um conjunto de propriedades acarretadas lexicalmente (em referência a Dowty, 1989) pelo sentido do verbo e de sua composição com os argumentos na sentença (cf. Franchi, 2003).

Dentre as inúmeras propriedades acarretadas lexicalmente, Cançado destaca quatro como fundamentais ao sistema de atribuição de funções semânticas do PB: *ser o desencadeador de um processo* (abreviadamente, desencadeador), *ser o afetado em um processo* (abreviadamente, afetado), *estar em algum estado* (abreviadamente, estativo) e *ter controle sobre o desencadeamento, processo ou estado* (abreviadamente, controle).

No sistema de Cançado, pode haver algumas combinações entre as propriedades: a propriedade de controle se combina com todas as outras, e a de desencadeador pode se combinar com a de afetado. Por exemplo, em uma sentença

como *João quebrou o vaso de propósito*, atribui-se a *João*, pelo sistema da autora, as propriedades de ser o desencadeador de *quebrar* e de ter controle sobre essa ação. Esta última pode ser inferida a partir da composição dos sentidos do verbo e do sintagma *de propósito*. Em outras palavras, a autora realça que o verbo *quebrar*, por si só, não acarreta controle a *João*, mas apenas a propriedade de ser o desencadeador. Na mesma sentença, a propriedade de afetado é atribuída ao argumento *o vaso*.

Já em *João escreveu uma carta*, também se atribui a *João* as propriedades de desencadeador e controle, mas ambas são acarretadas lexicalmente pelo sentido do verbo *escrever*. Portanto, a proposta de Cañado permite detalhar a noção de “verbo estritamente agentivo” postulada por Whitaker-Franchi. Em seu sistema, um verbo estritamente agentivo é aquele que acarreta lexicalmente, ou de cujo sentido podem ser inferidas, necessariamente, as propriedades de desencadeador e de controle para o argumento em posição de sujeito de uma construção causativa.

Portanto, adotando a proposta para os papéis temáticos de Cañado (2005), Ciríaco (2007) e Ciríaco e Cañado (2009) estabelecem as condições para que um mesmo verbo possa ser codificado em uma construção causativa e em uma construção incoativa, utilizando as propriedades semânticas que compõem os papéis temáticos atribuídos por esse verbo a seus argumentos. As autoras observam que os verbos alternantes apresentam a rede temática {D, A}, ou seja, acarretam a um de seus argumentos a propriedade de desencadeador e ao outro a propriedade de afetado. Entretanto, em um segundo momento, as autoras, seguindo Levin e Rappaport-Hovav (1995), observam uma diferença semântica no que se refere ao desencadeador de verbos alternantes e de verbos não alternantes:

(13) a. João/ o vento/ o empurrão que João levou quebrou o vaso.

b. O vaso (se) quebrou.

(14) a. João/ o caminhão/ *o empurrão que João levou carregou a mala.

b. *A mala (se) carregou.¹⁴

¹⁴ Exemplos de Ciríaco (2007), páginas 76 e 78.

Segundo as autoras, eventos descritos por verbos que alternam permitem que um outro evento funcione como seu desencadeador, como mostrado em (13). Por outro lado, eventos descritos por verbos não alternantes não permitem esse tipo de interpretação, como mostrado em (14). Para explicar a alternância, as autoras postulam, com base em Cançado (2000), uma especificação para a propriedade de ser o desencadeador, que pode ser direto ou não. Verbos que não participam da alternância causativa possuem um argumento em posição de sujeito da construção causativa com a propriedade de ser o desencadeador direto, ou seja, mais restrito, sem possibilidade de ser interpretado como um evento. A rede temática associada a esses verbos é mais detalhada, indicando essa especificidade do desencadeador: {D/direto, A}. Por outro lado, verbos que participam da alternância permitem um evento como desencadeador, apresentando uma rede temática mais geral, sem especificidade para o desencadeador: {D, A}.

Um problema para essa análise é ilustrado abaixo. Veja que o próprio verbo *carregar*, exemplo que sustenta a análise das autoras, também pode ser usado num contexto em que uma descrição eventiva aparece como desencadeador na construção causativa e, ainda assim, não participar da construção incoativa:

(15) a. A passagem do tsunami carregou as casas.

b. * As casas (se) carregaram.

Portanto, embora Ciríaco e Cançado avancem em relação à proposta de Whitaker-Franchi no que se refere ao sistema de funções semânticas utilizado, a análise das autoras não se sustenta.

2.2.1.3 Conclusões

Ciríaco e Cançado (2009) avançam em relação ao trabalho de Whitaker-Franchi ao utilizarem o sistema de Cançado (2005) para a atribuição dos papéis temáticos e refinarem as propriedades semânticas envolvidas na alternância causativa,

particularmente no que se refere à propriedade de ser o desencadeador. Entretanto, como vimos, ao tentarem estabelecer restrições para a alternância, a análise de Ciríaco e Cançado ainda não se sustenta. Além disso, ambas as propostas apresentadas parecem assumir, mesmo que implicitamente, um tipo de derivação lexical entre construções causativas e construções incoativas. Análises que envolvem derivação não são desejáveis do ponto de vista da aquisição da linguagem, pois sempre envolverão muitas regras a serem aprendidas, em detrimento do fenômeno em si. Na proposta de Whitaker-Franchi, por exemplo, isso fica claro ao se estipular que os tipos de funções semânticas atribuídas pelos verbos na construção causativa determinam sua possibilidade de alternância com uma construção incoativa. Na proposta de Ciríaco e Cançado, a característica derivacional emerge quando é assumido que um verbo possui uma forma “básica” de transitividade e que propriedades semânticas são responsáveis pela construção da outra forma.

Outro problema para ambas as propostas refere-se às definições dos papéis temáticos. Mesmo para Ciríaco e Cançado, que não lidam com rótulos como agente e paciente como primitivos teóricos, ainda há o problema de se definir as propriedades que compõem os papéis temáticos. A definição dada para as propriedades semânticas de Cançado (2005) é ainda intuitiva, especialmente no que se refere à noção de controle. Em outras palavras, em última instância, Ciríaco e Cançado parecem cair no mesmo problema de Whitaker-Franchi ao terem de definir o que é um desencadeador direto e um desencadeador indireto, noções essas que não ficam muito claras.

Por fim, embora as autoras assumam certas características temáticas dos verbos alternantes como responsáveis pela alternância, na verdade, elas não explicam por que um verbo alterna ou não, mas apenas descrevem as características que um verbo alternante apresenta. Embora essa descrição seja muito importante para o estudo da construção incoativa nesta tese, indicando que a construção incoativa apresenta um sentido de afetação, ela não é suficiente para uma teoria gramatical, que deve almejar também a explicação dos fatos da língua. Por exemplo, ao tratar tanto verbos como construções de estrutura argumental como unidades independentes e dotadas de

significado (ver capítulo 3), como é a proposta desta tese, é possível explicar que um verbo *x* se integra com a construção *y* porque seus significados são compatíveis. Já em uma análise derivacional, na qual verbos apresentam restrições para formar um tipo ou outro de sentença, não é possível explicar por que esse verbo forma esse tipo e não aquele outro, mas apenas descrever as propriedades dos verbos que formam esse tipo e daqueles que formam aquele. Uma saída seria postular regras lexicais que operassem através das condições semânticas observadas, à semelhança do que propõem Levin e Rappaport-Hovav (1995), como detalhado a seguir.

2.2.2 Uma análise baseada na decomposição de predicados

2.2.2.1 Levin e Rappaport-Hovav (1995)

O trabalho de Levin e Rappaport-Hovav (1995), utilizando a alternância causativa como um instrumento de análise para a inacusatividade¹⁵, apresenta uma proposta sobre as propriedades dos verbos alternantes, especialmente sua diátese básica ou representação semântico-lexical e os elementos de significado que os separam dos verbos não alternantes.

Em primeiro lugar, Levin e Rappaport-Hovav adotam uma análise causativa para os verbos alternantes, assumindo a representação transitiva como básica. Em outras palavras, elas assumem que os verbos alternantes possuem uma única representação semântico-lexical, a causativa, mas podem se associar a duas estruturas argumentais diferentes: uma estrutura argumental transitiva, básica, que permite a expressão do argumento causador, e outra intransitiva, derivada, em que houve a vinculação prévia do argumento causador na representação semântico-lexical. Para sustentar sua análise

15 Segundo a Hipótese Inacusativa (Perlmutter e Rosen, 1984), os verbos intransitivos são divididos em duas subclasses, segundo propriedades sintáticas: os inergativos, com sujeito em estrutura profunda, como *correr*; e os inacusativos, cujo sujeito é superficial, como *começar*. Ambos aparecem numa forma sintática intransitiva, mas apenas aqueles com características de inacusatividade alternam com a forma transitiva, ou, em termos semânticos, causativa. Levin e Rappaport-Hovav utilizam a alternância causativa como diagnóstico de inacusatividade.

da representação causativa para os verbos alternantes, as autoras utilizam diversos argumentos, com base nas restrições seletivas dos verbos analisados e na proposta de Chierchia (1989)¹⁶ sobre o comportamento instável dos verbos inacusativos.

Tendo estabelecido a divisão de que verbos alternantes como *quebrar* possuem uma representação semântico-lexical diádica, ou seja, transitiva, e verbos não alternantes como *sorrir* possuem representação semântico-lexical monádica, ou seja, intransitiva, Levin e Rappaport-Hovav passam a explicar por que nem todo verbo alterna. Para isso, elas introduzem a distinção entre “eventos internamente causados” e “eventos externamente causados”. Os primeiros são aqueles em que uma propriedade inerente do argumento do verbo é responsável pela realização do evento. Por exemplo, para o verbo *falar*, essa propriedade seria a volição do agente. Para o verbo *corar*, essa propriedade seria alguma reação emocional, uma propriedade interna do participante do verbo. Esses verbos, chamados abreviadamente de internamente causados, não participam da alternância causativa e possuem uma representação semântico-lexical basicamente intransitiva, explicitada pelas autoras da seguinte maneira:

(16) [X PREDICATE]

Portanto, segundo as autoras, a noção de evento internamente causado explica por que nem todo verbo que denota uma afetação, como *corar* ou *enrubescer*, alterna, mostrando que a propriedade de afetação não é por si só suficiente para explicar a alternância.

Já os verbos que descrevem eventos externamente causados são aqueles cujo sentido implica na existência de uma causa externa responsável pela realização do evento. Essa causa externa pode ser um agente, um instrumento, uma força natural ou uma circunstância (ou evento). Esses verbos participam da alternância causativa e possuem representação semântico-lexical basicamente transitiva, explicitada pelas autoras da seguinte maneira:

16 Para conhecer os argumentos das autoras sobre esse ponto específico de sua proposta, consulte-se Levin e Rappaport-Hovav (1995).

(17) [[X DO-SOMETHING] CAUSE [Y BECOME STATE]]

A estrutura inteira representa a contraparte causativa dos verbos alternantes e a estrutura encaixada, [Y BECOME STATE], representa a contraparte incoativa desses verbos. DO-SOMETHING, CAUSE e BECOME são predicados primitivos e X e Y são os argumentos de cada um desses predicados, o “agente” e o “paciente” respectivamente.

Até o momento, segundo a análise de Levin e Rappaport-Hovav, todo verbo que denota um evento externamente causado apresenta a forma transitiva como básica e pode, em tese, participar da alternância causativa. Entretanto, nem todos os verbos classificados como externamente causados alternam, ou seja, nem todos apresentam a forma intransitiva da alternância, codificada pela construção incoativa:

(18) a. The baker cut the bread.¹⁷

‘O padeiro cortou o pão.’

b. * The bread cut.

‘*O pão cortou.’

(19) a. The assassin murdered the senator.

‘O assassino/homicida assassinou o senador.’

b. * The senator murdered.

‘*O senador assassinou.’

Para abordar essa questão, as autoras se apoiam no trabalho de Smith (1970) e observam que verbos causativos alternantes são verbos cujas descrições de evento podem ocorrer sem a intervenção direta de um agente volitivo. Segundo as autoras, a intervenção de um agente volitivo em um evento externamente causado impede que a causa externa seja vinculada lexicalmente, impossibilitando a expressão do verbo em uma construção incoativa. Como evidência, as autoras apontam o fato de que verbos

17 Exemplos de Levin e Rappaport-Hovav, 1995, p. 95, (28 a, b) e (31 a, b).

estritamente agentivos, ou seja, que requerem um agente necessariamente, nunca aparecem na construção incoativa:

(20) a. Pat wrote a letter to the editor of the local newspaper.¹⁸

‘Pat escreveu uma carta para o editor do jornal local.’

b. *My anger wrote a letter to the editor of the local newspaper.

‘Minha raiva escreveu uma carta para o editor do jornal local.’

Levin e Rappaport-Hovav refinam essa restrição explicando que a causa externa de um verbo causativo pode deixar de ser expressa na sintaxe, dando origem a uma construção intransitiva incoativa, apenas se a natureza do subevento causador não é lexicalmente especificada. Esse é o caso de *break*, que, como mostra o exemplo abaixo, não apresenta especificação lexical para o subevento causador:

(21) The vandals/the rocks/the storm broke the windows.¹⁹

‘Os vândalos/as pedras/a tempestade quebrou as janelas.’

Por fim, a alternância causativa, ou seja, a possibilidade de um verbo basicamente causativo transitivo aparecer numa construção intransitiva incoativa, é explicada pelas autoras da seguinte maneira: “a forma intransitiva de verbos externamente causados emerge da vinculação da causa externa dentro da representação semântico-lexical dos verbos”²⁰. Essa vinculação só ocorre se o verbo não especifica a natureza da causa externa e se realiza através do mapeamento da representação semântico-lexical na estrutura argumental, do modo como mostra o esquema abaixo, proposto pelas autoras:

18 Exemplos de Levin e Rappaport-Hovav, 1995, p. 102-103, (46 a, b).

19 Exemplo de Levin e Rappaport-Hovav, 1995, p. 102-103, (48).

20 Do original: “the intransitive form of externally caused verbs arises from bidding the external cause within the lexical semantic representation (...)”.

(22) Intransitive break

LSR [[X DO-SOMETHING] CAUSE [Y BECOME STATE]]

↓

Lexical binding \emptyset

Linking rules

↓

Argument structure

<y>

(23) Transitive break

LSR [[X DO-SOMETHING] CAUSE [Y BECOME STATE]]

Linking rules

↓

↓

Argument structure x

<y>

Trata-se, portanto, de uma regra lexical, chamada *lexical binding* (ou, vinculação lexical) que, sob determinadas restrições semânticas, dá origem ao *break* intransitivo.

2.2.2.2 Conclusões

Levin e Rappaport-Hovav apresentam uma proposta mais completa para o tratamento da alternância causativa, pois não apenas descrevem as propriedades semânticas envolvidas na alternância, mas também explicitam o mecanismo que permite que um verbo causativo apareça numa construção incoativa. A utilização da linguagem de decomposição dos sentidos dos verbos em predicados primitivos também significa um avanço em relação às propostas que utilizam papéis temáticos, porque permitem derivar os papéis temáticos dos argumentos de um verbo sem que seja necessário dar definições para conceitos como agente, paciente, etc. Por exemplo, o argumento de uma função BECOME terá sempre o sentido de mudança associado ao seu papel no evento descrito pelo verbo, não importando se esse papel for rotulado de paciente, afetado, etc. Por outro lado, Levin e Rappaport-Hovav também utilizam uma análise lexical derivacional, assumindo a forma causativa do verbo como a mais

“básica”. Essa é uma opção analítica que será evitada nesta tese, não apenas porque parte de uma hipótese pouco interessante do ponto de vista da aquisição da língua, mas também porque, como mostrado no capítulo 1, há indícios de que as construções aqui estudadas são independentes, dispensando uma análise derivacional.

A explicação de Levin e Rappaport-Hovav para a alternância causativa contribui para esta pesquisa da seguinte maneira: a construção incoativa expressa uma conceptualização de evento que não envolve a intervenção direta de um agente. Em outras palavras, seria o que Haspelmath (1987) afirma ao dizer que em construções incoativas, o processo ou evento é apresentado como que ocorrendo espontaneamente. Sendo assim, em hipótese, apenas descrições de eventos que podem ser conceptualizadas como que ocorrendo sem a intervenção de um agente seriam compatíveis com a construção incoativa. Essa observação será útil para o estudo do significado da construção incoativa neste trabalho.

Por fim, a decomposição do significado dos verbos em predicados primitivos é uma ferramenta que também será incorporada nesta pesquisa, pois oferece um modo de se estudar os sentidos verbais compatíveis com a construção e até a semântica da própria construção. Entretanto, da maneira como se apresentam em Levin e Rappaport-Hovav (1995), essas representações semânticas não permitem precisar o significado de várias outras classes de verbos. Apenas em estudos posteriores, com a adoção da noção de raiz, é que essas representações semânticas são aprimoradas.

2.2.3 Análises baseadas na noção de raiz

2.2.3.1 Rappaport-Hovav e Levin (2010)

Rappaport-Hovav e Levin (2010) argumentam em favor da existência de uma complementariedade entre verbos de maneira e verbos de resultado, procurando explicá-la. Em sua proposta, as autoras conjungam a decomposição de predicados com a noção de “raiz”, atribuindo o sentido dos verbos a dois componentes: um componente

idiosincrático, que é a raiz, e um componente estrutural, que representa um tipo ou esquema de evento (RAPPAPORT-HOVAV e LEVIN, 2010, p. 23), ou ainda um *template* (cf. RAPPAPORT-HOVAV e LEVIN, 2003).

A raiz é o elemento de significado do verbo responsável pelo sentido que não pode ser descrito em termos de predicados primitivos mais gerais. Ela funciona como argumento ou modificador dos predicados semânticos primitivos e corresponde a uma categoria ontológica²¹, escolhida de um conjunto definido de tipos, como: estado (STATE), estado resultante (RESULT STATE), maneira (MANNER), instrumento (INSTRUMENT), dentre outros (ver JACKENDOFF, 1990). Por exemplo, em (24), o significado dos verbos *jogar*, *correr*, dentre outros, é representado pelo predicado primitivo ACT, que exprime o aspecto de sentido que é comum a esses verbos, mais uma raiz, dada pela categoria ontológica de tipo MANNER, que exprime a parte do significado que é específica a cada verbo em particular. A raiz é representada em parênteses angulares:

(24) a. esquema de evento: [x ACT_{<MANNER>}]

b. jogar: [x ACT_{<jogar>}]

c. correr: [x ACT_{<correr>}]

Segundo as autoras, o esquema de evento mostrado em (24a) especifica uma dentre um conjunto de regras de realização lexical que predizem a forma como a categoria ontológica da raiz se integra à estrutura de predicados primitivos. Essas regras de realização lexical são descritas pelas autoras do seguinte modo:

(25) manner → [x ACT_{<MANNER>}]

(ex.: jog, run, creak, whistle, . . .)

(26) instrument → [x ACT_{<INSTRUMENT>}]

(ex.: brush, hammer, saw, shovel, . . .)

21 Categorias ontológicas são partes fundamentais da existência humana, que utilizamos para organizar e classificar nossa experiência do mundo. Exemplos são: PESSOA, ANIMAL, EVENTO, ESTADO, etc.

(27) container → [x CAUSE [y BECOME AT <CONTAINER>]]

(ex.: bag, box, cage, crate, garage, pocket, . . .)

(28) internally caused state → [x <STATE>]

(ex.: bloom, blossom, decay, flower, rot, rust, sprout, . . .)

(29) externally caused, i.e. result state → [[x ACT] CAUSE [y BECOME <RESULT-STATE>]]

(ex.: break, dry, harden, melt, open, . . .)²²

Rappaport e Levin explicam que as raízes podem ser integradas nos esquemas de evento como modificadores, tal qual em (25) e (26), ou como argumentos dos predicados, tal qual em (27), (28) e (29). A partir dessas regras, elas se perguntam se há alguma restrição sobre o que pode ser lexicalizado por uma raiz verbal, propondo o seguinte: “uma raiz só pode ser associada a um predicado primitivo em um esquema de evento, seja como argumento ou como modificador”²³. Portanto, segundo as autoras, raízes de maneira modificam ACT, enquanto raízes de resultado são argumentos de BECOME, ou seja, as raízes de maneira e as raízes de resultado estão em distribuição complementar nos esquemas de evento dos verbos. Verbos de maneira são verbos que especificam em seu significado um modo de realizar uma ação (como: *esfregar, rir, correr, nadar*), enquanto verbos de resultado são verbos que especificam um estado resultante (como: *quebrar, derreter, abrir*), sendo que um mesmo sentido verbal não pode expressar maneira e resultado ao mesmo tempo.

Uma evidência da relevância gramatical da distinção entre verbos de maneira e resultado é seu comportamento diferenciado em certos padrões de realização argumental. Por exemplo, segundo as autoras, enquanto verbos de maneira são encontrados com objetos não específicos (30), verbos de resultado não são (31):

(30) a. Kim scrubbed all morning.

22 Retirado de Rappaport Hovav e Levin (2010), p. 24, (7), (8), (9), (10), (11).

23 “a root can only be associated with one primitive predicate in an event schema, as either an argument or a modifier” (Rappaport-Hovav e Levin, 2010, p. 25).

b. Kim scrubbed her fingers raw.

(31) a. *The toddler broke.

b. *The toddler broke his hands bloody.²⁴

Os diferentes padrões de realização argumental dessas classes de verbos incluem a participação na alternância causativa. Verbos de maneira, como *esfregar*, não participam da alternância. Por outro lado, verbos de resultado, como *quebrar*, participam:

(32) a. Ele esfregou o chão.

b. *O chão esfregou.

(33) a. Ele quebrou o vaso.

b. O vaso quebrou.

Com o objetivo de refinar as noções de maneira e resultado e de encontrar quais elementos de significado são importantes para essa distinção, Rappaport Hovav e Levin propõem que raízes de resultado especificam mudanças escalares, enquanto raízes de maneira especificam mudanças não escalares. Verbos denotando eventos que especificam uma mudança escalar, como *aquecer* e *esfriar*, estão associados a uma escala de temperatura, ao passo que verbos de maneira, como *caminhar*, não lexicalizam uma mudança escalar, mas uma atividade. Segundo as autoras, a escala está presente mesmo para verbos cujas raízes especificam um resultado como *quebrar* e *abrir*. Nesses casos, a escala especificada é de apenas dois pontos: o estado de não quebrado ou não aberto e o estado resultante de quebrado ou aberto.

Por fim, as autoras ainda reconhecem que alguns verbos de resultado podem apresentar comportamento de verbos de maneira em algumas circunstâncias. Entretanto, elas não consideram esses casos como contraexemplos para sua proposta e afirmam que esses verbos estão convencionalmente associados a um sentido em alguns

²⁴ Exemplos retirados de Rappaport Hovav e Levin (2010), p. 21, (2) e (3).

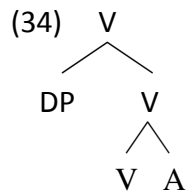
usos, mas a outro sentido em outros usos. Elas explicam que, em seus diferentes usos, os verbos lexicalizam apenas maneira ou resultado, mas nunca os dois ao mesmo tempo. Por exemplo, no caso dos verbos *cut* e *climb*, que apresentam comportamento tanto de verbos de maneira quanto de verbos de resultado, Rappaport Hovav e Levin propõem uma análise polissêmica. Segundo as autoras, em certos usos desses verbos, apenas o resultado é lexicalizado, mas em outros, apenas a maneira é lexicalizada. Essa abordagem, na qual apenas um tipo de raiz pode ser lexicalizado de cada vez, é, portanto, incompatível com uma teoria que representa a língua em componentes autônomos, como a teoria lexicalista, cuja única solução seria a postulação de duas entradas lexicais para verbos como *cut* e *climb*. Neste trabalho, a polissemia não gera esse tipo de problema, pois os verbos são polissêmicos na medida em que instanciam diferentes construções. Ou seja, as construções contribuem para o significado dos verbos, assim como estes contribuem para o significado das construções (ver capítulo 3).

2.2.3.2 Cançado e Godoy (2009, 2010)

Cançado e Godoy (2009, 2010) propõem relacionar dois níveis de representação lexical dos verbos: o nível sintático-lexical, proposto por Hale e Keyser (inicialmente em 1993, sendo re-elaborado em 2002), e um nível semântico-lexical, representado pelas decomposições em predicados semânticos primitivos, propostas com base em Rappaport-Hovav e Levin (1998) e Levin e Rappaport-Hovav (1995, 1999, 2005, 2009) e Cançado (2010). O nível sintático-lexical representa a estrutura argumental dos verbos e funciona, na interpretação das autoras, como a ligação entre uma semântica lexical e a sintaxe propriamente dita. Segundo Cançado e Godoy, o que relaciona as estruturas sintático-lexical e semântico-lexical é a noção de raiz, presente em ambos os níveis: na sintaxe lexical de Hale e Keyser, a raiz é representada por meio de uma categoria gramatical; na semântica lexical, ela equivale a uma categoria ontológica. Segundo as autoras, a coincidência terminológica da palavra “raiz” nas propostas de Levin e

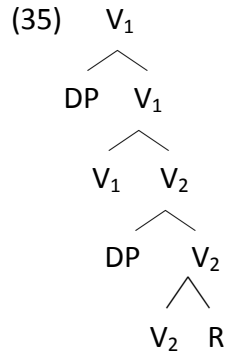
Rappaport-Hovav e Hale e Keyser não é gratuita. Elas afirmam que Levin e Rappaport-Hovav entendem as estruturas de Hale e Keyser como uma versão “sintática” da decomposição de predicados. Portanto, o objetivo principal de Cançado e Godoy é construir uma proposta de mapeamento entre a sintaxe e a semântica.

Para nossos propósitos, será relevante mostrar, primeiramente, apenas a explicação de Hale e Keyser para a alternância causativa, e não toda a teoria dos autores. De início, é importante observar que a sintaxe lexical de Hale e Keyser se atém ao argumento interno, pois a sintaxe do argumento externo é atribuída pelos autores à sintaxe propriamente dita, estando, portanto, fora do escopo da teoria proposta por eles. Segundo os autores, os verbos que participam da alternância causativa, como *clear*, são derivados de um adjetivo. A estrutura assumida para esses verbos é uma em que há a projeção de um Spec, uma exigência de raízes de natureza adjetival²⁵:

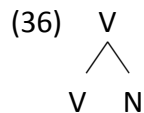


A presença da posição de especificador (o DP em (34)) na estrutura sintático-lexical projetada pela raiz A é responsável por sua transitivização, explicando por que verbos como *clear* alternam. Abrindo a posição de Spec, essa estrutura sintático-lexical, ao ser encaixada na estrutura sintática propriamente dita, permite acomodar dois argumentos – um interno, gerado em Spec V (V₂ na estrutura completa mostrada abaixo), e um externo, sempre presente no nível sintático (Spec V₁):

²⁵ Segundo Hale e Keyser (2002), um adjetivo requer um argumento, o que é interpretado na teoria como uma exigência da posição de Spec.



Por outro lado, Hale e Keyser mostram que verbos que não participam da alternância causativa, como *dance* e *laugh*, são verbos denominais, morfologicamente relacionados a nomes, e, portanto, associados a uma estrutura cuja raiz é um nome. Segundo eles, nomes não requerem um especificador e, portanto, não apresentam uma estrutura que projeta Spec:



A ausência da posição de Spec não permite que a estrutura sintático-lexical projetada pela raiz desses verbos seja transitivizada, pois, ao ser encaixada na estrutura sintática propriamente dita, poderá acomodar apenas um argumento, o externo. É a ausência da posição de Spec que explica, portanto, porque os verbos denominais não participam da alternância causativa. Em outras palavras, a explicação de Hale e Keyser para a alternância causativa é de natureza puramente estrutural.

Cançado e Godoy propõem, então, uma proposta de mapeamento semântico conjugada à teoria de Hale e Keyser, a fim de acomodar generalizações de natureza semântica. As autoras partem de um refinamento da representação dos esquemas de evento associados aos verbos. Tomando os verbos cujas raízes codificam resultado (segundo Rappaport e Levin, 2010), as autoras refinam essa classificação, sugerindo diferentes tipos de resultado codificados pelos verbos. Os verbos de resultado são

subdivididos em dois grandes grupos: os verbos de mudança de estado e os verbos de ação.

Baseadas em Parsons (1990), as autoras explicam que verbos que denotam uma mudança de estado acarretam necessariamente o sentido de: *become ADJ*, em que há um adjetivo relacionado ao verbo. Evidências dessa relação são dadas pelas autoras através do seguinte teste, em que as sentenças em (a) acarretam sua respectiva sentença em (b):

(37) a. O João quebrou o vaso.²⁶

b. O vaso ficou quebrado.

(38) a. A filha preocupou a mãe.

b. A mãe ficou preocupada.

(39) a. O calor amadureceu a banana.

b. A banana ficou madura.

Semanticamente, um adjetivo corresponde a um estado, podendo ser representado pela categoria ontológica *STATE*. Levin e Rappaport-Hovav (1995, 1999, 2005, 2009) e Rappaport e Levin (1998) fornecem a seguinte representação semântica para esses verbos:

(40) *v*: [[X ACT] CAUSE [Y BECOME <STATE>]]

As autoras agrupam os verbos em (37) a (39) em uma só classe, porque todos eles participam da alternância causativa uniformemente. Entretanto, Caçado e Godoy observam haver diferenças semânticas mais finas entre os verbos dessa classe, propondo três subclassificações. Baseadas em Caçado (2010), as autoras observam que, além dos verbos do tipo em (36) expressarem uma mudança de estado, eles

²⁶ Exemplos de Caçado e Godoy, 2010, p. 5, (6), (7) e (8).

também expressam uma opcionalidade no que se refere à agentividade²⁷ do participante X. Segundo Cançado (2010), esses são verbos causativos/agentivos, e apresentam o predicado primitivo ACT, responsável por propriedades de agentividade, apenas opcionalmente:

(41) v: [[X (ACT)] CAUSE [Y BECOME <STATE>]]

Em outras palavras, verbos causativos/agentivos não requerem que seu participante X seja necessariamente interpretado como um agente:

(42) João quebrou o vaso (por um descuido)/ (deliberadamente).

Outros verbos de mudança de estado causativos/agentivos, segundo Cançado e Godoy, são: *amassar, apagar, entortar, estragar, fechar, queimar, rasgar, etc.*

Já os verbos do tipo apresentado em (38), veiculam, além da mudança de estado, uma concepção de evento em que, segundo Cançado (1995, 2010), o participante X não é, de forma alguma, interpretado agentivamente. Esses são, segundo Cançado e Godoy, verbos estritamente causativos. Uma evidência de seu caráter puramente causativo (e nunca agentivo) é o fato de não aceitarem um instrumento:

(43) *A filha preocupou a mãe com uma faca.²⁸

A distinção entre verbos causativos/agentivos e verbos estritamente causativos parece ser relevante para a construção passiva. Conforme as autoras observam, verbos estritamente causativos não se compatibilizam com a construção passiva:

27 Nesse caso, a agentividade de um participante é dada por sua associação a ACT. Um participante apresenta agentividade se, na representação semântica do evento descrito pelo verbo ao qual está associado ele é um argumento do predicado primitivo ACT. Uma noção de agentividade mais ampla será utilizada na análise da construção passiva, no capítulo 6.

28 Exemplo de Cançado e Godoy, 2010, p. 6, (17a).

- (44) a. O vaso foi quebrado por João.
b. * Maria foi preocupada por João.

A representação semântico-lexical proposta pelas autoras para verbos estritamente causativos é mostrada em (45). Nessa representação, o predicado primitivo ACT não está presente:

(45) v: [[X] CAUSE [Y BECOME <STATE>]]

Com base em Cançado e Amaral (a sair), Cançado e Godoy classificam os verbos do tipo apresentado em (39) como incoativos. Elas propõem uma representação semântica para esses verbos em que o predicado primitivo CAUSE aparece entre parênteses, marcando sua opcionalidade. Essa representação semântica, mostrada abaixo, indica que a mudança de estado é o principal sentido lexicalizado por esses verbos e pode ser opcionalmente motivada por uma causa:

(46) v: ([X] CAUSE) [Y BECOME <STATE>]

Segundo as autoras, para verbos incoativos, X pode ser acrescentado ao verbo como argumento de CAUSE, cujo sentido não é inerente ao verbo.

Incorporando a distinção entre verbos externamente causados e verbos internamente causados de Levin e Rappaport-Hovav (1995), Cançado e Amaral (a sair) explicam que verbos incoativos como *amadurecer* não podem ser tratados como verbos causativos/agentivos porque os primeiros explicitam uma mudança de estado que se deve a um processo interno ao participante Y. Por outro lado, verbos causativos/agentivos como *quebrar* explicitam uma mudança de estado que se deve a um processo que ocorre externamente ao participante Y, não dependendo dele para se efetivar. Com base em Levin (2009), Cançado e Amaral também explicam que verbos incoativos referem-se a um tipo de evento que apresenta uma “motivação” como causa,

ou seja, algo que cria o ambiente propício para a ocorrência do processo. Entretanto, o processo em si só irá se desenrolar se o participante Y, que passa por esse processo, tiver propriedades inerentes que o efetivem. Por causa disso, elas consideram que esses verbos são também estritamente causativos, como os verbos do tipo de *preocupar*, mas diferem destes últimos por uma razão morfosintática: verbos incoativos, ao contrário de verbos estritamente causativos, não permitem, sistematicamente, a ocorrência do clítico *se*²⁹ na construção incoativa:

(47) *A banana se amadureceu.

Tendo refinado as representações semânticas para a classe de verbos de mudança de estado e proposto três subdivisões semânticas para essa grande classe, Cançado e Godoy partem para a explicitação do mapeamento dessas subclasses na sintaxe. Segundo elas, as três classes de verbos de mudança de estado, possuindo como raiz ontológica a categoria semântica *STATE*, projetam uma estrutura sintático-lexical cuja raiz é a categoria sintática A(djetivo). Em outras palavras, a categoria semântica *STATE* corresponde, na estrutura sintático-lexical, a um adjetivo. Sendo a raiz um adjetivo, sua estrutura sintático-lexical, segundo a proposta de Hale e Keyser (2002) é uma em que há a projeção da posição de Spec. A presença de Spec, por sua vez, licencia a possibilidade de um argumento alternante, prevendo a ocorrência da alternância causativa para todos os verbos de mudança de estado. Assim, as subdivisões semânticas propostas por Cançado e Godoy para os verbos de mudança de estado não têm relevância para a sintaxe, entretanto, podem ajudar a explicar, segundo as autoras, outros fenômenos semânticos.

A segunda grande classe de verbos de resultado analisados por Cançado e Godoy é a dos verbos de ação. Esses são verbos que descrevem conceptualizações de evento

29 Cançado e Amaral (a sair) analisam mais detidamente a questão da ocorrência do clítico *se* com verbos incoativos em contraste com verbos causativos, ponderando sobre as propostas encontradas na literatura para explicar esse fenômeno. Não entraremos em detalhes por não ser relevante para esta pesquisa, mas remetemos o leitor interessado ao trabalho das autoras.

agentivas, ou, nas palavras de Cançado e Godoy, têm um agente implícito em seu sentido, sendo classificados como verbos estritamente agentivos. Além disso, as autoras afirmam que suas representações semânticas são complexas, compostas por dois subeventos relacionados por uma causação. Segundo elas, o primeiro subevento é a ação do agente e o segundo subevento é o resultado da ação, denotando algum tipo de afetação no segundo participante, mas não uma mudança de estado. As autoras realçam que os verbos de ação estudados não participam da alternância causativo/incoativa e são, essencialmente, verbos denominais, ou seja, relacionados morfológicamente a um nome.

Cançado e Godoy reconhecem três tipos de verbos de ação no PB: *location* (mudança de lugar) e *locatum*, seguindo descrição de Clark e Clark (1979) e Hale e Keyser (2002), e verbos benefactivos. Embora as três subclasses estejam relacionadas à mesma categoria sintática N(ome) e, conseqüentemente, à mesma estrutura sintático-lexical de Hale e Keyser, Cançado e Godoy mostram que essas subclasses apresentam paráfrases diferentes e certas distinções semânticas que podem ser captadas por meio da decomposição de predicados. Segundo as autoras, verbos de *location* possuem a paráfrase: colocar algo/alguém em (lugar). Por exemplo, o verbo *hospitalizar* é um verbo de *location* porque apresenta a seguinte paráfrase: *colocar alguém no hospital*. Em outras palavras, o nome ao qual o verbo se relaciona denota um lugar. As autoras propõem a seguinte representação semântico-lexical para os verbos de *location*:

(48) [[X ACT] CAUSE [Y BECOME [IN <PLACE>]]]

Os verbos de *locatum*, segundo Clark e Clark (1979), são semelhantes aos verbos de *location*, mas diferem quanto à posição que o nome que dá origem ao verbo ocupa em sua paráfrase com esse nome. Por exemplo, para verbos de *location* como *engavetar*, a paráfrase é *colocar Y na gaveta*. Já para verbos de *locatum*, como *amanteigar*, a paráfrase é *colocar manteiga em Y*, em que o nome *manteiga* aparece como complemento do verbo da paráfrase. Contudo, as autoras optam por seguir a

paráfrase proposta por Hale e Keyser (2002:20) para verbos de *locatum*, que, no caso de *amanteigar*, é: *prover Y com manteiga*. Hale e Keyser consideram sua paráfrase mais adequada com base no seguinte raciocínio. Se a paráfrase de Clark e Clark estivesse correta, em que *amanteigar o pão* corresponderia a *colocar manteiga no pão*, então seria possível formar algo como **enlerrar a gaveta*, cuja paráfrase, por semelhança, seria *colocar livro na gaveta*. Naturalmente, isso não é possível. Assim, concordando com Hale e Keyser, Cançado e Godoy propõem a seguinte representação semântica para verbos de *locatum*:

(49) [[X ACT] CAUSE [Y BECOME [WITH <THING>]]]

Segundo o mesmo raciocínio de Hale e Keyser em relação aos verbos de *locatum*, Cançado e Godoy adotam a mesma paráfrase para verbos benefactivos: *prover Y com N*. Assim, para verbos benefactivos como *presentear* e *patrocinar*, a paráfrase adequada, segundo as autoras, seria: *prover Y com presente/patrocínio*. A representação semântica proposta pelas autoras para os verbos benefactivos é, portanto, a mesma dos verbos de *locatum*:

(50) [[X ACT] CAUSE [Y BECOME [WITH <THING>]]]

Segundo as autoras, o que difere verbos de *locatum* de verbos benefactivos é a raiz, que denota o que é dado e atribuí a Y um papel de beneficiário.

Por fim, as autoras mostram que os três tipos de verbos de ação vão projetar uma mesma estrutura sintático-lexical, cuja raiz é um N(ome). Em outras palavras, Cançado e Godoy mostram que as raízes ontológicas *PLACE* e *THING* são mapeadas em uma estrutura sintático-lexical de Hale e Keyser cuja raiz é N(ome). Essa semelhança de mapeamento explica, segundo as autoras, duas características dos verbos de ação em geral: sua origem nominal e a não participação na alternância causativa. Portanto, a subclassificação proposta por Cançado e Godoy para verbos de ação também não

apresenta uma motivação sintática, sendo apenas a divisão entre verbos de mudança de estado e verbos de ação de relevância para a sintaxe. As autoras observam que essa sobreposição de representações semânticas em apenas determinada estrutura sintático-lexical é esperada, visto que o mapeamento entre semântica e sintaxe é de natureza “muitos para um”, ou seja, há mais categorias semânticas/ ontológicas do que categorias sintáticas para codificá-las.

2.2.3.3 Conclusões

Rappaport Hovav e Levin (2010) propõem uma distinção entre verbos que lexicalizam maneira e verbos que lexicalizam resultado que se mostra relevante para a alternância causativa. Essa distinção explica de forma mais natural a participação na alternância causativa do que a proposta de Ciríaco e Cançado (2009), que propõem que um verbo deve ser compatível com um desencadeador indireto para poder participar da alternância causativa. Com a análise de Rappaport Hovav e Levin, essa explicação se segue mais naturalmente: verbos que não participam da alternância, como *carregar* e *levar*, parecem ser verbos que especificam a maneira como a ação é realizada, estando associados, portanto, a raízes de maneira, que modificam o predicado ACT. Como eventos não podem ser argumentos de ACT, então esses verbos não alternam. Em outras palavras, fica demonstrado, com a análise de Rappaport-Hovav e Levin que apenas verbos de mudança de estado alternam, possuindo uma raiz associada à categoria ontológica *STATE* e ao predicado primitivo *BECOME*. Cançado e Godoy (2009, 2010), incorporando a distinção entre verbos de maneira e verbos de resultado de Rappaport Hovav e Levin (2010), refinam as classes semânticas dos verbos cujas raízes codificam resultado para o PB, contribuindo para a descrição do léxico verbal do PB e também para esta pesquisa em particular, principalmente porque muitas classes de verbos analisadas nesta pesquisa seguem a divisão proposta pelas autoras. Ainda, ao adotarem a representação da opcionalidade de ACT para verbos causativos/agetivos de Cançado (2010), Cançado e Godoy avançam em relação a Rappaport-Hovav e Levin na

descrição dos verbos causativos. Esse refinamento permite a codificação, na representação de um esquema de evento, da distinção entre agente e causa.

2.3 A construção medial

A construção medial pode ser ilustrada em PB pelo exemplo abaixo:

(51) Vasos (se) quebram facilmente.

Embora essa construção seja mais conhecida na literatura como *média*, adotamos o termo *medial* seguindo sugestão de Souza (1999). Para o autor, este termo é mais adequado porque a denominação *média* já é utilizada para designar um fenômeno distinto, que é um tipo de voz das línguas clássicas. Segundo Souza, a voz *média* em grego antigo, de onde surgiu a denominação, apresenta um caráter híbrido quando comparada à ativa e à passiva; ou seja, enquanto nas vozes ativa e passiva o sujeito está associado, prototipicamente, aos papéis de agente e paciente respectivamente, na voz *média* o sujeito é tanto agente quanto paciente em relação à descrição de evento do verbo:

(52) Xenofon thúetai.³⁰

Xenofonte sacrificar – 3p.sg.média

‘Xenofonte faz sacrifícios (em seu próprio benefício).’

O autor explica que quando se começou a estudar a construção medial, viu-se que ela possuía propriedades que lembravam a voz *média* do grego antigo, por exemplo, em (51), o verbo *quebrar*, que normalmente possui um sujeito agente, aparece na forma ativa com um sujeito paciente. Essa particularidade levou os estudiosos a denominar esse tipo de construção de *média*, à semelhança da construção de voz em grego.

30 Exemplo de Souza, 1999, p. 26.

Entretanto, segundo Souza, em grego antigo, a voz média aparece com o mesmo sujeito da voz ativa, ou seja, não há a diferença animado/inanimado entre o sujeito de uma construção de voz ativa e o de uma construção de voz média, como normalmente se observa entre o sujeito de uma construção transitiva e o sujeito de uma construção medial³¹. A diferença entre uma construção de voz ativa e uma de voz média é apenas interpretativa, de modo que o sujeito da construção de voz média é, de alguma forma, afetado também pela ação. Portanto, sendo fenômenos distintos, acatamos a recomendação de Souza para não confundir voz média e construção medial.

Além da existência da voz média, há ainda outro argumento para se optar pela terminologia *medial* ao invés de *média*. Tendo em vista o significado que este último termo carrega, é mais apropriado reservá-lo à seguinte construção, chamada média na literatura (cf. CAMACHO, 2003; CREISSELS, 2006; CIRÍACO, 2009):

(53) João (se) levantou/ sentou.

Em (53), o participante em posição de sujeito pode ser associado tanto com o papel de agente quanto com o papel de afetado (em seu benefício) em relação à ação denotada pelo verbo. Não é uma diferença do tipo de sujeito que está sendo utilizado, mas sim uma diferença de interpretação entre o sujeito de (53) e o de (54) abaixo:

(54) João levantou o livro.

Sendo assim, justificamos nossa opção pelo termo *medial* para denominar o tipo de construção estudada nesta tese.

Diferentemente do que acontece para a construção incoativa, não há uma posição predominante na literatura sobre a “localização” do processo de formação medial nas línguas. Há autores que defendem um processo de natureza sintática (cf.

31 Isso, claro, sem considerar as construções mediais com verbos psicológicos.

KEYSER e ROEPER, 1984; STROIK, 1992; RODRIGUES, 1998; HALE e KEYSER, 2002³²; PACHECO, 2008³³; etc.) e há autores que defendem um processo de natureza lexical (cf. FAGAN, 1988, 1992; ACKEMA e SCHOOLEMMER, 1994, 1995; BASSAC e BOUILLON, 2002; KAGEYAMA, 2006; CAMBRUSSI, 2007). A adoção da Gramática de Construções como quadro teórico e conseqüentemente da hipótese do contínuo entre o léxico e a gramática (ver capítulo 3), permitem situar a medial entre esses dois polos, mostrando que a dificuldade em se caracterizar a medial como processo lexical ou sintático se deve, na verdade, ao fato de ela ser uma construção cujo significado apresenta tanto aspectos mais substantivos (ou lexicais), quanto aspectos mais esquemáticos (ou gramaticais). Sendo assim, vamos assumir que a construção medial encontra-se no meio do caminho no contínuo entre o léxico e a gramática. Essa posição teórica para a medial é, de acordo com os dados, mais natural do que a postura adotada por uma teoria que assume componentes linguísticos isolados.

A construção medial é também tratada dentro do domínio de voz média³⁴ por vários autores (cf. KEMMER, 1993, 1994; MALDONADO, 1999; CAMACHO, 2003), em estudos que visam analisar e relacionar as várias construções desse domínio. Por exemplo, Kemmer (1993) investiga a natureza da categoria de voz média objetivando delimitar a semântica associada à marcação de medialidade em várias línguas. A autora isola onze tipos situacionais, ou seja, onze situações eventivas que comumente trazem uma marcação para a voz média nas diversas línguas analisadas:

32 Na proposta de Hale e Keyser (2002), o processo de formação de médias se dá no nível sintático-lexical, um componente estruturado, que obedece aos mesmos princípios e operações do componente sintático. Ideia semelhante é assumida por Fagan (1992), ao postular uma divisão entre léxico dinâmico, responsável pelas regularidades, e léxico estático, responsável pelas idiosincrasias.

33 A proposta de Pacheco (2008) situa-se, na verdade, no quadro teórico da morfologia distribuída. Em síntese, a autora propõe, baseada na decomposição do verbo em raiz, núcleo de causa e núcleo (Alexiadou et al, 2006), que as alternâncias médias sejam resultado da combinação entre esses núcleos e as raízes. Segundo Pacheco, o PB tem dois núcleos de voz para as construções médias: um agentivo, que projeta as sentenças com o clítico *se* e um não-agentivo, que projeta as construções sem o *se*.

34 O domínio de voz média é, grosso modo, um conjunto de fenômenos que envolvem a marcação sintática de medialidade (ou seja, o clítico *se*, no caso das línguas românicas), ou o sentido de medialidade (como construções que descrevem ação e afetação para um mesmo participante, estando no “meio” entre uma construção de voz ativa e uma construção de voz passiva).

- a) *grooming* ou cuidados corporais: verbos para as situações de barbear, vestir, maquiar, tomar banho, etc.
- b) movimento não translacional: virar, abaixar, reclinar, etc.
- c) mudança de postura corporal: deitar, sentar, levantar, ajoelhar, etc.
- d) média indireta ou *selfbenefactive middle*: adquirir, ganhar, tomar, etc.
- e) eventos naturalmente ou inerentemente recíprocos: brigar, encontrar, conversar, etc.
- f) movimento translacional: ir, vir, andar, voar, correr, etc.
- g) média de emoção: verbos para as situações de ficar bravo, assustado, feliz, triste, etc.
- h) ações de fala de tipo emotivo: reclamar, lamentar, xingar, etc.
- i) média de cognição: pensar, lembrar, esquecer, meditar, supor, etc.
- j) eventos espontâneos: crescer, quebrar (uso incoativo), secar, evaporar, etc.
- l) situações de demissão do agente: passiva, impessoal e a construção medial, que Kemmer chama de média facilitativa³⁵.

Com base na hipótese de que a coincidência de formas indica semânticas relacionadas e na premissa de que a polissemia, como propriedade produtiva das línguas, relaciona uma mesma forma a vários sentidos, Kemmer busca uma semântica comum para a marcação de voz média. Segundo ela, essa semântica comum seria motivada pela existência de um sistema cognitivo universal. Ela propõe, então, o parâmetro de “elaboração do evento” para explicar por que a marcação de voz média se aplica a esses tipos situacionais. Segundo ela, os tipos situacionais marcados pela voz média apresentam baixa elaboração do evento em relação a outros tipos situacionais. Por exemplo, a situação que expressa a habilidade intrínseca de um objeto de passar por um processo particular apresenta, comumente, uma marca média em várias línguas. Segundo a autora, isso se deve à baixa elaboração de evento com que essa situação é conceptualizada: um tipo situacional concebido a partir do paciente é menos elaborado do que um tipo situacional concebido a partir do agente. Em síntese, Kemmer se volta para a semântica da marca de voz média, que, em PB e em outras línguas românicas, é o

35 Do original, em inglês: *facilitative middle*.

clítico *se*. A autora refuta explicações puramente sintáticas para o clítico e mostra que ele pode estar associado a várias funções relacionadas, mas todas com uma motivação semântica. Essa ideia é apresentada também por Maldonado (1999) que mostra, com seu trabalho para o espanhol, que o clítico pode estar associado a vários sentidos relacionados dentro do domínio de marcação medial. Essa posição será adotada também nesta pesquisa, em que levantamos algumas hipóteses semânticas para a ocorrência do clítico nas construções incoativas e mediais do PB (ver capítulo 4).

Já Camacho (2003) defende o reconhecimento de uma categoria de voz média para o português. Camacho não se ocupa da construção média especificamente, mas de um domínio semântico que possa englobar essa construção. O autor analisa sentenças formadas com *verbos pronominais*, a exemplo de *Ela procura se aperfeiçoar* e outros casos com verbos do tipo de: *lavar-se, barbear-se, queixar-se, irritar-se, abraçar-se, ir-se, lembrar-se*, que configuram tipos de situação média recorrentes em diversas línguas, entre elas o português. Segundo Camacho (2003), se houver pelo menos duas dessas situações médias em uma língua, elas serão expressos através de um mesmo marcador. Para o português, e também para as línguas românicas em geral, esse marcador é o clítico *se*. O que Camacho quer dizer é que o fato de esses estados de coisas serem marcados recorrentemente por uma mesma marca comprova a manifestação gramatical regular da categoria de voz média, o que se configura mais um argumento em favor da distinção entre fenômenos de voz e construções individuais.

Camacho preocupa-se, então, em distinguir a voz média da voz reflexivo-recíproca. A distinção é importante porque, além de verbos reflexivos e verbos pronominais, esses últimos chamados de “verbos médios” pelo autor, referirem-se a estados de coisas diferentes, é preciso motivar a postulação de uma categoria de voz média que seja independente da voz reflexiva, que já possui existência atestada em português. Camacho (2003, p.98) explica que o marcador médio, como no caso de *profissionais tentam se manter no mercado*, ainda mantém traços morfológicos e sintáticos semelhantes à categoria pronominal que marca a voz reflexivo-recíproca; entretanto, sua manifestação sintática e semântica não é idêntica à do marcador

reflexivo-recíproco. Por exemplo, nas construções médias, o clítico não permite comutações com outros termos que expressem reflexividade (**profissionais tentam manter eles mesmos no mercado* – na interpretação relevante) ou reciprocidade (**profissionais tentam manter um ao outro no mercado* – na interpretação relevante). Em outras palavras, o clítico não estabelece com o sujeito uma relação semântica de correferência ou uma relação sintática de coindexação. Isso só seria possível se houvesse duas posições estruturais disponíveis para serem preenchidas por SNs referencialmente idênticos. Para Camacho, o clítico reflexivo-recíproco mantém uma simetria de traços número-pessoais com o sujeito da sentença ao qual está indexado, enquanto o marcador médio não está indexado ao sujeito, já que não há uma posição argumental preenchível. Em síntese, Camacho (2003) diferencia *voz reflexiva* e *voz média* a partir do contraste do significado e das propriedades do clítico *se* em cada caso. O marcador médio, ao contrário do clítico reflexivo-recíproco, não comuta com outros termos, não tem relação semântica de correferência e sintática de coindexação e está ligado a verbos médios, que só possuem uma posição estrutural disponível.

As propostas de Kemmer, Maldonado e Camacho sobre o clítico *se* serão importantes neste trabalho para formular hipóteses sobre o papel do clítico nas construções estudadas; entretanto, não se referem especificamente ao significado da construção medial. Por isso, será importante revisar em detalhes algumas propostas para a construção medial em particular, como Fagan (1992), Kageyama (2006) e Cambrussi (2007), de onde serão exploradas, principalmente, as noções semânticas utilizadas para descrever e analisar a construção (ver seção 2.3.2). Antes, porém, é preciso tomar um posicionamento sobre a distinção entre construção medial e construção incoativa.

2.3.1 Medial x Incoativa

Há um debate na literatura sobre incoativas e mediais constituírem um só tipo de construção ou serem construções diferentes. Consideramos, assim como Perini

(2005), que a diferenciação ou não das construções depende dos objetivos da pesquisa. Por exemplo, para os propósitos do autor, apesar dos efeitos de sentido diversos que mediais e incoativas possam ter em uma dada situação comunicativa, a distinção entre elas não se sustenta. Segundo ele, para efeitos de classificação dos verbos segundo a diátese que apresentam, ou mais especificamente, segundo os papéis temáticos que atribuem a seus argumentos, os verbos compatíveis com a construção incoativa e os verbos compatíveis com a construção medial pertencem a uma só classe: a dos verbos que selecionam um sujeito com papel de paciente. Além disso, Perini, ao contrário do que mostra Levin (1993) para o inglês, afirma que não existem verbos que se compatibilizam apenas com uma ou com outra construção em português.

Entretanto, para os objetivos desta tese, que envolvem a caracterização semântica das construções estudadas, o fato de elas apresentarem significados distintos é suficiente para distingui-las. Ainda, de acordo com o recorte adotado para as construções estudadas neste trabalho, como mostrado no capítulo 1, e com os dados desta pesquisa (ver apêndice), há verbos que são compatíveis com a construção medial, mas não são com a construção incoativa:

(55) Esse pão (se) corta fácil.

(56) *Esse pão (se) cortou.

(57) Roupa branca (se) lava fácil.

(58) *A roupa branca (se) lavou.

Portanto, para nossos propósitos, é importante tratar a construção incoativa como uma construção diferente da medial. Há, ainda, outras diferenças a serem consideradas. Primeiramente, é importante notar que elas diferem formalmente, o que já é importante para um trabalho que se propõe a caracterizar essas construções da língua: a incoativa, comumente, não vem acompanhada de modificação adverbial, enquanto que a medial está associada, prototipicamente, a uma modificação adverbial.

Além disso, incoativas são usadas, prototipicamente, no tempo passado, enquanto as mediais estão associadas, prototipicamente, ao tempo presente.

Keyser e Roeper (1984) e Fagan (1988, 1992) ainda alegam outras diferenças semânticas entre as duas construções. Segundo os autores, uma primeira diferença semântica entre mediais e incoativas deve-se ao que é chamado de “agente implícito” ou “argumento implícito”. Eles argumentam que apenas a medial tem a interpretação de um argumento implícito, mas a não incoativa. Por exemplo, a construção medial mostrada abaixo pode ser lida como “é fácil para alguém quebrar copos”:

(59) a. Copos (se) quebram facilmente.

b. O copo (se) quebrou.

Porém, nada impede que a construção incoativa em (59b) seja interpretada como “algo/alguém quebrou o copo”.

Portanto, argumentamos, em contrapartida, que essa leitura de argumento implícito não é uma propriedade que distingue as construções incoativa e medial; em realidade, a principal característica semântica que as diferencia é o caráter não-eventivo ou genérico da construção medial em contraste com o caráter eventivo da construção incoativa. Ou seja, expressões mediais não se referem a um evento específico e delimitado no tempo, mas a uma propriedade de uma entidade em relação a um processo. Keyser e Roeper (1984) mostram, para o inglês, que mediais não descrevem eventos particulares no tempo, não sendo compatíveis, na interpretação relevante, com expressões de tempo definido:

(60) a. Bureaucrats bribe easily.

‘*Burocratas subornam facilmente.’ (Na interpretação relevante.)

b. ?Yesterday, the mayor bribed easily, according to the newspaper.

‘*Ontem, o prefeito subornou facilmente, conforme o jornal.’³⁶

36 Exemplos retirados de Keyser e Roeper, 1984, p. 384, (11a) e (12a).

Embora o caráter não eventivo das expressões mediais esteja diretamente relacionado ao uso do tempo presente, esse aspecto de seu significado não é incompatível com a utilização de outro tempo verbal:

(61) Esse carro vendeu muito na década de 60.

A expressão acima não parece se referir a um evento específico e particular, mas, de forma genérica, a uma sucessão de eventos, de modo a exprimir uma propriedade do carro, e não um evento particular de venda. Ainda assim, expressões mediais no passado são incomuns e não foram analisadas neste trabalho.

Em resumo, as construções incoativa e medial serão tratadas como construções distintas neste trabalho porque são construções que diferem em forma e em significado, o que é relevante para nossos objetivos. Expressões incoativas apresentam a seguinte forma *Suj. (se) V* e expressões mediais apresentam a forma *Suj. (se) V modificador*. Quanto ao significado, as expressões incoativas são não-genéricas e utilizadas para descrever eventos particulares, enquanto que as expressões mediais são genéricas e não descrevem eventos particulares no tempo.

2.3.2 Propostas para a construção medial

2.3.2.1 Fagan (1992)

Fagan estuda a construção medial em três diferentes línguas: alemão, inglês e francês, mas vamos nos ater apenas à análise da autora para as expressões mediais do inglês. A autora utiliza-se da teoria de Regência e Ligação (Chomsky, 1981, 1982) e parte da afirmação de que operações lexicais estão envolvidas na formação medial. Fagan propõe a divisão do léxico em um componente estático e um componente dinâmico. O léxico estático “inclui itens lexicais excepcionais e não produtivos, assim como palavras comumente utilizadas que adquiriram significados adicionais ou significados um pouco

diferentes de suas interpretações previsíveis”³⁷. O léxico dinâmico é um componente gerativo e inclui todas as palavras morfológicamente possíveis e todas as suas regras produtivas de formação. Antes de apresentar sua proposta, Fagan mostra por que uma análise que assume um processo de formação sintática para o fenômeno é inadequada, refutando os argumentos de Keyser e Roeper (1984).

Keyser e Roeper perseguem a hipótese de que as diferenças entre expressões mediais e expressões incoativas se devem a razões sintáticas. Segundo os autores, há verbos incoativos, tratados como intransitivos já no léxico, e verbos mediais, tratados como transitivos lexicalmente, que são “intransitivizados” na sintaxe. Para corroborar esse processo de formação de natureza sintática para as mediais, Keyser e Roeper se valem basicamente de três argumentos.

Primeiramente, os autores assumem, com base em Roeper e Siegel (1978 *apud* Keyser e Roeper, 1984), que como a formação de compostos em inglês é sensível à ordem de subcategorização, ou seja, toma o primeiro nóculo irmão do verbo como elemento a ser antecedido ao verbo, Keyser e Roeper concluem que os verbos das expressões mediais devem ser transitivos. Eles argumentam que o composto em (b) é gramatical ao passo que o composto em (c) não é, sugerindo que o advérbio não é o primeiro nóculo irmão do verbo, e sim o argumento *bureaucrat*:

- (62) a. Bureaucrats bribe easily.³⁸
- b. bureaucrat-bribing.
- c. *easily-bribing bureaucrat.

Fagan (1992, p. 131) argumenta, entretanto, que a regra de compostos não pode ser utilizada como evidência da natureza transitiva dos verbos compatíveis com as

37 “The Static Lexicon includes exceptional and nonproductive lexical items as well as productively formed and commonly used words that have acquired additional meanings or meanings that are slightly different from their predictable interpretations” (Fagan, 1992, p. 17).

38 Exemplos retirados de Keyser e Roeper, 1984, p. 392, (33a), (34a) e (35a).

expressões mediais simplesmente porque não existem compostos formados com advérbios em inglês.

O segundo argumento de Keyser e Roeper é baseado no comportamento da partícula *away*. Conforme Williams (1980), essa partícula, no sentido repetitivo, aparece apenas com verbos intransitivos. Sendo assim, é de se supor, a partir da hipótese de Keyser e Roeper, que apenas as expressões incoativas aceitariam a partícula *away*:

(63) a. *The bureaucrats bribe away easily.³⁹

b. The ships are sinking away.

Fagan (p. 136) observa, todavia, que sentenças como (a) são agramaticais por motivos semânticos, e não sintáticos. Segundo a autora, a partícula *away* não pode ser utilizada no sentido repetitivo com verbos de estado e, como expressões mediais descrevem estados, e não eventos, é natural que essa partícula não ocorra com expressões desse tipo. Sendo assim, ela alega que o teste com a partícula *away* não pode ser utilizado como evidência do caráter transitivo dos verbos das expressões mediais.

Por fim, Keyser e Roeper apresentam o teste com o prefixo *out*. Seguindo Bresnan (1982), a regra de prefixação com *out* cria verbos transitivos a partir de verbos intransitivos. Como construções incoativas aceitam a prefixação com *out*, Keyser e Roeper concluem que os verbos nessas construções são lexicalmente intransitivos:

(64) The basketball outbounced the baseball.⁴⁰

(We bounced the ball./ The ball bounced.)

Por outro lado, segundo o raciocínio dos autores, os verbos que integram a construção medial devem ser lexicalmente transitivos, pois não aceitam a prefixação com *out*:

(65) *Trees outplant flowers easily.⁴¹

39 Exemplos retirados de Keyser e Roeper, 1984, p. 392 e 394, (37a) e (38a).

40 Exemplo de Keyser e Roeper, 1984, p. 393, (40).

Mais uma vez, Fagan (p. 136-137) mostra que esse teste também não é um argumento seguro em favor do caráter transitivo de verbos que aparecem nas construções mediais em oposição a verbos que aparecem nas construções incoativas. A autora observa, com base em Roberts (1987), que nem todos os verbos intransitivos permitem a prefixação com *out*. Verbos de estado, por exemplo, não aceitam o prefixo sistematicamente. Novamente, os testes apresentados por Keyser e Roeper parecem estar respondendo, na verdade, a uma característica semântica da construção medial.

Em resumo, embora Keyser e Roeper invistam em uma proposta sintática para as expressões mediais, as diferenças entre estas e as expressões incoativas não se devem apenas a aspectos de forma, mas também a aspectos de significado, que não podem ser explicados pela teoria adotada. Além disso, nos perguntamos o que dizer da estrutura de argumentos de um verbo compatível tanto com expressões mediais quanto com expressões incoativas, como *quebrar*. Dada essa abordagem, ele seria um verbo transitivo ou intransitivo no léxico? Haveria duas entradas lexicais?

Em um segundo momento, Fagan se ocupa das restrições para a formação de expressões mediais. Segundo Fagan, a principal restrição para a formação de expressões mediais em inglês, apontada em vários estudos (Roberts, 1987; Fellbaum e Zribi-Hertz, 1989; Hale e Keyser, 1987; e Zubizarreta, 1987 *apud* Fagan, 1992, p. 64), é o que se conhece por *affectedness constraint*, ou restrição de afetação. Segundo essa restrição, apenas verbos que possuem um argumento interno com papel de afetado ou paciente são compatíveis com a construção medial:

(66) This fabric launders nicely. (Fagan, p. 65, ex. 1a)

‘Esse tecido lava bem.’

(67) * This poem understands easily. (Fagan, p. 65, ex. 2a)

‘* Esse poema entende facilmente.’

41 Exemplo de Keyser e Roeper, 1984, p. 395, (44c).

A autora explica que o verbo *launder* é compatível com a medial porque seu argumento, *fabric*, está associado ao papel de afetado. Por outro lado, o verbo *understand* não é compatível com a construção porque não atende à restrição de afetação: seu argumento interno, *poem*, não está associado ao papel de afetado.

Entretanto, Fagan argumenta que a noção de afetação não parece suficiente para o estudo da construção medial, pois existem exceções:

(68) a. This book reads easily. (Fagan, p. 65, ex. 4)

‘*Esse livro lê facilmente.’

b. She photographs well.

‘Ela fotografa bem.’

A autora também observa que a noção de afetação não explica o contraste entre os verbos *comprar* e *vender*, cujos argumentos internos estão associados, aparentemente, ao mesmo papel temático:

(69) *Esse carro compra facilmente.

(70) Esse carro vende facilmente.

Fagan passa então à verificação das classes aspectuais dos verbos compatíveis com a construção medial, apoiando-se na divisão aspectual proposta por Vendler (1967). Segundo ela, apenas verbos transitivos de atividade e verbos de *accomplishment* são compatíveis com a construção medial:

a) Atividade:⁴²

The car drives easily. (*O carro dirige facilmente.)

b) *Accomplishment*:

This book reads easily. (* Esse livro lê facilmente.)

⁴² Traduzido de Fagan, p. 68, (12) a (15).

c) *Achievement*:

*A red-winged blackbird recognizes easily. (*Um pássaro de asa vermelha reconhece facilmente.)

d) Estado:

The answer knows easily. (A resposta sabe facilmente.)

Essa observação, segundo ela, explica o contraste entre *launder* e *understand*, mostrado em (66) e (67), mas ainda não explica o contraste entre *comprar* e *vender* mostrado em (69) e (70), sendo insuficiente para os objetivos da autora.

Fagan explora então a noção de “responsabilidade”, seguindo discussão proposta por Van Oosten (1986). Segundo ela, para o evento descrito pelo verbo *comprar*, são as propriedades do comprador, e não do objeto comprado, que são percebidas como responsáveis pela transação de comprar. Essa observação pode ser corroborada pelo teste proposto por Van Oosten (1986, p. 100 *apud* Fagan, 1992, p. 77):

(71) Como Alex conseguiu comprar um Jaguar?⁴³

a. Ele largou a escola, arrumou um emprego, vendeu uns livros, se mudou para um apartamento mais barato...

b. É um carro ótimo, uma barganha.

Segundo a autora, o teste mostra que a resposta mais direta ou usual para a pergunta acima é uma do tipo de resposta contida em (a), que se concentra nas propriedades ou ações do comprador, mas não aquela do tipo contido em (b), que se concentra nas propriedades do objeto comprado. Por outro lado, no caso do verbo *vender*, as propriedades do objeto vendido são relevantes para a ação de vender:

(72) Como Maria conseguiu vender o carro?⁴⁴

⁴³ Traduzido e adaptado de Fagan, 1992, p. 77, (43) e (44).

⁴⁴ Traduzido e adaptado de Fagan, 1992, p. 77, (45) e (46).

- a. Ela está fazendo uns cursos de venda e poderia vender qualquer coisa a qualquer pessoa.
- b. É um carro ótimo, uma barganha.

A autora argumenta que, embora ainda seja possível dar ênfase às propriedades do objeto comprado, como mostra (73) abaixo, isso não exclui o fato de que o evento descrito por *comprar* destaca primariamente as propriedades do comprador como responsáveis pelo ato de comprar e não do objeto comprado:

(73) Como Alex conseguiu comprar o carro?

- a. Foi barato.

A resposta para a pergunta em (73) não é inadequada, mas requer o uso de inferências para ser entendida. Ou seja, a pergunta implica que Alex não possuía meios para comprar o carro e a resposta nega essa implicatura, dizendo que sim, ele tinha meios para comprar o carro, pois esse era barato. Em outras palavras, os testes mostram que uma resposta que realça propriedades do objeto comprado é menos direta para a pergunta em (73) do que uma que realça propriedades do comprador como responsáveis pelo ato da compra.

Fagan conclui que a diferença entre *comprar* e *vender* é uma diferença semântico-pragmática: o que permite que alguém compre algo é a situação financeira do comprador, mas, por outro lado, o que permite que alguém venda algo não são apenas suas habilidades como vendedor, mas principalmente as propriedades do objeto que está à venda. A autora assume que a formação de sentenças mediais é determinada pelo modo como o sujeito é percebido em relação à ação descrita pelo verbo. O verbo *vender* forma expressões mediais aceitáveis porque seu sujeito nessas expressões pode ser percebido como responsável pela ação/processo descrita pelo verbo.

Uma questão em aberto é: por que o sujeito de uma expressão medial deve ser percebido como responsável pelo evento? Fagan especula que o papel da noção de

responsabilidade na formação medial possa ser explicado se a construção for vista como um mecanismo que permite, prototipicamente, a desfocalização de um sujeito agente ou próximo à função de agente. Essa hipótese é demonstrada por Shibatani (1985), que avalia a função semântico-pragmática da construção passiva, em especial, e de outras construções relacionadas. Para Fagan, ao ser codificado como sujeito nas expressões mediais, o argumento paciente herda as propriedades semânticas do sujeito prototípico do verbo, em especial a de ser responsável pelo evento. Fagan ainda realça que a função das expressões mediais é descrever uma propriedade do participante paciente.

Por fim, a autora apresenta sua proposta para a formação de expressões mediais, propondo as seguintes regras lexicais. Ela assume que a formação de expressões mediais é um exemplo do processo geral de “generalização”, tomando como base o trabalho de Rizzi (1986, *apud* Fagan, 1988, 1992) e propondo uma primeira regra:

(74) Atribua *arb* ao papel temático externo.⁴⁵

Nessa regra, *arb* refere-se ao conjunto de propriedades que permite uma interpretação arbitrária ao participante mais agentivo do verbo, como [+humano, +genérico, etc.]. Essa regra também explica a interpretação genérica do agente em sentenças mediais. Para dar conta da hipótese de que a formação dos verbos das sentenças mediais não envolve movimento no componente sintático, Fagan postula uma segunda regra lexical:

(75) Externalize (papel temático direto).⁴⁶

Essa última regra responde pelo fato de o argumento interno do verbo ser expresso na posição de sujeito. Em outras palavras, ela torna o verbo que aparece nas construções mediais um verbo intransitivo no léxico. Para concluir, Fagan realça que a formação de expressões mediais difere da formação de expressões incoativas porque estas últimas não apresentam um argumento “subentendido” ou “implícito”, e sim um argumento a

⁴⁵ Fagan, 1992, p. 162, (48).

⁴⁶ Fagan, 1992, p. 164, (53).

menos. Entretanto, vimos que isso não se sustenta, como mostrado anteriormente em (59), pois também é possível ter a leitura de uma causa subentendida para expressões incoativas.

A análise de Fagan é relevante para esta pesquisa porque evidencia vários aspectos da semântica das expressões mediais. Ela contribui para esta pesquisa ao: i) mostrar que existe uma importante motivação semântica para o comportamento das expressões mediais na língua; ii) mostrar que a restrição de afetação não é suficiente para explicar a ocorrência das expressões mediais; iii) apresentar a noção semântico-pragmática de responsabilidade e, conseqüentemente, realçar a importância da conceptualização associada à construção para seu estudo e sua relação com a função semântico-pragmática de desfocalização do agente.

2.3.2.2 Kageyama (2006)

Enquanto a maioria das propostas da literatura analisa as construções de voz exclusivamente como operações de promoção ou demissão de argumentos, Kageyama propõe abordá-las através da função semântica de “estativização”. O autor observa que, embora a análise de Shibatani (1985) tenha relacionado todas essas construções pela função de desfocalização do argumento agente, essa função não é suficiente para distingui-las. Além disso, mesmo sendo as expressões mediais descritas, para além da função de desfocalização do agente, como “eventos espontâneos” (cf. Shibatani, 1985, p. 838), essa propriedade, sozinha, também não diferencia mediais, que são estativas, de incoativas, que são eventivas.

Kageyama propõe, então, que a natureza dessas construções pode ser mais bem entendida recorrendo-se ao argumento evento de Davidson (1967 *apud* Kageyama, 2006), que é incluído na estrutura argumental do verbo como um argumento externo e está sujeito à supressão em alternâncias de voz (Kageyama, 2006, p. 87). Mais especificamente, o autor mostra: i) que existe um processo abstrato de mudança do tipo semântico de uma sentença de descrição de evento para descrição de propriedade;

e ii) que a mudança semântica induz a mudança de valência no verbo, tipicamente observada em passivas, mediais e construções reflexivas.

O autor explica que descrições de evento são expressões oracionais que representam a ocorrência real ou hipotética de um evento particular (processo, ação, acontecimento, etc.) em um domínio específico de espaço e tempo (Kageyama, p. 86). As descrições de evento são, portanto, compatíveis com advérbios de tempo pontuais como *at that moment* (naquele instante) e correspondem ao que é comumente chamado de predicações eventivas, particulares ou *stage-level* (cf. Carlson, 1980; Krifka et al. 1995 *apud* Kageyama, 2006). Descrições de propriedade, por outro lado, são expressões estativas que representam propriedades características ou inerentes do sujeito (p. 87). Esse tipo de expressão corresponde ao que se chama de predicação genérica ou *individual-level*. Segundo o autor, as descrições de propriedade não se limitam a um ponto particular no tempo e são concebidas como mais ou menos duradouras.

É consenso entre os autores que construções mediais descrevem propriedades mais ou menos permanentes sobre seus sujeitos, uma característica que as identifica, segundo Matsumoto e Fujita (1995 *apud* Kageyama, 2006, p. 95), com as predicações *individual-level*. Se a análise dos autores está correta, Kageyama se pergunta a que se deve esse estatuto de predicação *individual-level* das expressões mediais. Para responder a essa questão ele vai propor que a estrutura argumental associada às expressões eventivas contém um argumento evento, que, ao ser suprimido, muda seu tipo semântico para um estado. Kageyama assume que: i) apenas expressões de descrição de evento possuem um argumento evento; ii) estados *individual-level* não possuem um argumento evento; iii) o argumento evento conta como um argumento externo na estrutura argumental. Assim, além dos papéis temáticos comuns, como agente e paciente, a estrutura argumental de expressões eventivas possui um argumento evento. Segundo o autor, a estrutura argumental é projetada da informação contida na Estrutura Léxico-Conceptual. Por exemplo, atividades e estados possuem as seguintes estruturas léxico-conceptuais, respectivamente:

(76) [event X ACT]

(77) [state Y BE AT-STATE/PLACE]⁴⁷

Esses esquemas ilustram como o tipo eventivo de um verbo é representado no léxico. O esquema em (76) ilustra uma atividade, em que o argumento evento encabeça a representação e é projetado como argumento externo na estrutura argumental do verbo. Já um estado, representado em (77), não apresenta esse argumento evento. Segundo o autor, isso não significa que cada verbo esteja associado a apenas uma eventualidade, na verdade, ele assume que verbos são polissêmicos e podem estar associados a mais de um tipo eventivo.

Kageyama assume que regras de mudança de valência, sejam elas sintáticas ou lexicais, podem operar sobre o argumento evento em alguns casos. Por exemplo, no caso da passiva prototípica, cuja função é a desfocalização do agente (cf. Shibatani, 1985), Kageyama assume uma operação a que ele chama de “supressão temática”, ou seja, a passiva canônica⁴⁸ suprime⁴⁹ o argumento agente, mas não afeta o argumento evento, representando uma descrição de evento. Segundo o autor, essa análise prevê que apenas verbos que possuem um argumento evento em sua estrutura argumental podem formar passivas canônicas, ou seja, predicções *individual-level*, como *resemble* e *have blue eyes*, não formam passiva. Por outro lado, se uma construção seleciona o argumento evento, e não o argumento agente como alvo da supressão, então tem-se um caso de mudança do tipo semântico da sentença de evento para estado. Essa operação é chamada de “supressão de evento” pelo autor, sendo assumida como a operação que origina expressões mediais, além de outros tipos de construção, como a chamada “passiva peculiar” (ver nota 48).

Portanto, Kageyama assume que a função principal de expressões mediais é a supressão do argumento evento. Sendo a supressão do agente e a supressão do

⁴⁷ Adaptado de Kageyama, 2006, p. 98.

⁴⁸ Kageyama distingue entre a passiva canônica, que descreve um evento, e passiva peculiar, que descreve uma propriedade (cf. *João está preocupado*).

⁴⁹ Para o autor, supressão significa que o argumento suprimido não se manifesta na sintaxe, ou, em alguns casos, é realizado como adjunto.

argumento evento operações do mesmo tipo, a proposta de Kageyama unifica as construções passiva canônica, passiva peculiar e medial em um único processo. Esse processo é chamado pelo autor de “supressão do argumento externo”, pois tanto o argumento evento quanto o argumento agente são considerados argumentos externos. O processo de formação de expressões mediais proposto pelo autor é representado formalmente da seguinte maneira:

(78) Formação Medial na Estrutura Argumental⁵⁰

(Ev (x<y>))

a. Supressão de Ev → (Ev^ (x<y>))

b. Supressão colateral do agente → (Ev^ (x^ <y>))

c. Descrição de propriedade por abstração lambda → λy (Ev^ (x^ <y>))

Na operação de formação medial, a supressão (^) do argumento evento (Ev) tem como efeito a supressão colateral do argumento agente (x). Kageyama ainda recorre às línguas românicas, como o espanhol, como evidência da supressão colateral do agente. Segundo o autor, o clítico reflexivo presente nas línguas românicas sinaliza essa operação secundária:

(79) La puerta se abrió a las ocho. (Kageyama, 2006, p. 102)

‘A porta se abriu às oito.’

(80) Esta silla se pliega (*a las ocho). (Kageyama, 2006, p. 102)

‘*Essa cadeira se dobra (às oito).’

O autor propõe que o clítico *se* indica que o agente foi suprimido, e é entendido como estando em correferência com o paciente na expressão incoativa em (79). Na expressão medial em (80), o autor propõe que o clítico *se* esteja em correferência com o argumento evento, indicando tanto a supressão do evento quanto a supressão do

⁵⁰ Retirado de Kageyama, 2006, p. 102, (34).

agente. Entretanto, essa relação entre a operação de supressão do argumento evento e o clítico não fica muito clara no trabalho do autor.

A proposta de Kageyama reforça nossa hipótese de que o caráter estativo das construções mediais seja um aspecto da própria construção, e não do verbo que a integra. Isso pode ser deduzido da associação das expressões mediais às predicções estativas como um todo, e não ao verbo especificamente. Sua análise também corrobora a posição assumida nesta tese de que as construções incoativa, medial e passiva possuem em comum o fato de serem construções que servem à mudança da perspectiva canônica, ou mais especificamente à desfocalização do agente.

2.3.2.3 Cambrussi (2007, 2008)

Cambrussi propõe uma análise polissêmica para a construção medial tendo como base a teoria do Léxico Gerativo, de Pustejovsky (1995). Essa teoria propõe decompor o léxico de forma estruturada e relacionar os sentidos em uma composição de significados lexicais, ao invés de enumerar e distinguir os itens lexicais por meio de conjuntos de traços semânticos. Nessa teoria, a informação lexical possui os seguintes níveis de representação: a estrutura argumental, a estrutura de evento, a estrutura qualia e a estrutura de herança lexical, que, estando interligadas, produzem a interpretação composicional das palavras em diferentes contextos. Portanto, ao assumir o modelo de Pustejovsky, Cambrussi assume que o léxico é altamente estruturado e o sentido dos itens depende das relações de composição com outros itens ou expressões. Nessa perspectiva, a autora assume que expressões mediais e expressões incoativas constituem uma só construção, mas com dois sentidos relacionados.

Segundo a teoria adotada pela autora, a estrutura de evento de um item lexical possui uma especificação de núcleo. No caso dos verbos que se integram à construção medial, a autora assume que a falta de especificação do evento núcleo na estrutura de eventos do verbo gera polissemia e, conseqüentemente, diferentes estruturas sintáticas possíveis. Por exemplo, um verbo como *cozinhar*, segundo Cambrussi, possui uma

estrutura de eventos complexa, da qual se pode prever as possibilidades de alternância entre uma construção transitiva, uma incoativa e uma medial:

(81) Estrutura de eventos de *cozinhar*

EA = [ARG1= x:ind ARG2= y:ind]

EE = E1= e1: processo

E2= e2: estado

Núcleo = e1, e2

QUALIA = causativo_lcp

Formal= cozinhar_resultado(e2,y)

Agentivo= cozinhar_ato (e1,x,y)

Segundo a autora, “há, para *cozinhar*, um ato de ‘cozimento’ marcado pelo qualia agentivo e o estado final de ‘cozido’ marcado pelo qualia formal”. A autora explica que, com o evento 1 (e1), referente ao ato de cozimento, interage mais diretamente o argumento X, correspondente ao agente. Com o evento 2 (e2), referente ao estado final, interage mais diretamente o argumento Y, correspondente ao tema. Como ambos os subeventos estão listados no atributo ‘Núcleo’, um não depende do outro para se realizar sintaticamente. Trata-se, portanto, de um verbo alternante entre uma construção que exprime como núcleo do evento o ato de cozimento e uma construção que exprime como núcleo do evento o estado final:

(82) Maria cozinhou o feijão.

(83) O feijão cozinhou.

(84) Feijão cozinha fácil.

Segundo Cambussi, tanto em construções mediais (84), quanto em construções incoativas (83) e transitivas (82) tem-se o mesmo verbo *cozinhar*, mas com destaque para facetas distintas de seu sentido: a construção transitiva destaca todo o processo de

cozimento, enquanto as construções incoativas e mediais referem-se apenas à parte final do processo. Essa situação caracteriza a polissemia verbal.

Por outro lado, verbos que não possuem uma estrutura de eventos complexa não alternam entre construções mediais, incoativas e transitivas. A autora fornece exemplos com os verbos *saber* e *usar*, que, em sua estrutura de eventos, contêm apenas um subevento:

(85) saber:

EA = [ARG1= x:ind ARG2= y:ind]

EE = E1= e1: estado

QUALIA = estativo_lcp

Formal= saber(e1,x,y)

(86) usar:

EA = [ARG1= x:ind ARG2= y:ind]

EE = E1= e1: processo

QUALIA = processo_lcp

Formal = usar(e1,x,y)

A autora reforça que uma estrutura de eventos que apresenta apenas um subevento só tem uma opção de núcleo matriz, e, conseqüentemente, só pode se realizar sintaticamente de uma forma, que, nesse caso, é a transitiva:

(87) Ele sabia matemática. / *Matemática sabia. / *Matemática sabe fácil.

(88) João usou o carro. / *O carro usou. / *Carro usa fácil.

Entretanto, essa análise é ainda insuficiente para explicar a construção medial, pois não a diferencia da incoativa. Assim, a autora passa à análise de algumas propriedades distintivas das mediais, como a genericidade, o uso do modificador adverbial e a interpretação atribuída à construção. Cambrossi observa que incoativas

são sempre marcadas temporalmente, ao passo que médias são inicialmente restritas ao tempo presente não marcado ou gnômico⁵¹, o que favorece a leitura genérica das expressões mediais. Baseando-se em Costa (1990), a autora observa que “sentenças construídas no presente gnômico são incompatíveis com a imperfectização, ou seja, o fato expresso pelo verbo é atemporal e referido de maneira global, sem possibilidades de partitura interna”. A autora ainda diferencia construções mediais com SN nu e SN pleno no que diz respeito à genericidade que veiculam:

(89) a. Lápis aponta fácil.

b. Este lápis aponta fácil.⁵²

Segundo Cambrussi, construções mediais com SN nu, como mostrado em (a), apresentam duas leituras: i) para qualquer x, se x é lápis, x é facilmente apontado; ii) para qualquer agente x, se x apontar lápis, x o fará fácil/facilmente. Já construções mediais com SN pleno, como mostrado em (b), apresentam apenas a leitura de genericidade para o agente implícito: para qualquer agente x, se x apontar este lápis, x o fará fácil/facilmente. Entretanto, não vemos essa diferença de interpretação. Em realidade, ambas as construções mostradas acima apresentam a leitura de que lápis ou este (tipo de) lápis aponta facilmente, com a possível inferência de que é fácil para alguém apontar lápis.

Segundo Cambrussi, a modificação adverbial não é obrigatória em construções mediais do PB:

(90) a. Esse piso não limpa.

b. Nenhum piso limpa.

c. Batata doce assa.

d. Essa batata doce assa?⁵³

⁵¹ Ou seja, dotado de teor moral.

⁵² Exemplos de Cambrussi, p. 108, (122).

⁵³ Exemplos de Cambrussi, 2007, p. 104-105, (114).

Entretanto, esses exemplos não nos parecem totalmente aceitáveis como instâncias da construção medial, a não ser que estejam inseridos em um contexto específico, algo como “batata doce assa, mas cenoura não”. Portanto, vamos considerar o modificador como parte integrante da construção, como tentativa de garantir que o *corpus* desta pesquisa seja composto apenas de ocorrências totalmente aceitáveis na língua.

Em síntese, Cambrussi reconhece como características definidoras da construção medial: a leitura genérica para o agente implícito e a interpretação de propriedade intrínseca para o tema. Quanto à interpretação de um agente implícito, já explicamos se tratar de uma inferência, que pode ser possível também para a incoativa. Já a leitura genérica e a interpretação de propriedade são aspectos de significado que parecem realmente distinguir a construção medial da construção incoativa. Entretanto, para Cambrussi, esses aspectos de significado não são suficientes para distinguir incoativas e mediais como construções separadas. Para a autora, mesmo sendo as interpretações distintas, trata-se de uma só construção na língua. Nesta tese, tomamos a direção contrária e assumimos que, como há motivação semântico-pragmática para se distinguir as construções, com base no que mostram os dados, então elas podem ser descritas como construções independentes.

2.3.2.4 Conclusões

As propostas apresentadas contribuem para o estudo da construção medial desta tese em muitos aspectos. Com o trabalho de Fagan, realça-se a importância dos aspectos semânticos e da conceptualização associada a uma descrição de evento para a caracterização desse fenômeno nas línguas; a importância de se investigar a natureza das descrições de evento associadas à construção medial – se voltados para o agente ou para o processo; e a importância de se reconhecer a função de desfocalização do agente da construção medial, tanto para se explicar essas propriedades da construção, quanto para se entender a ocorrência do clítico em PB. Kageyama explicita como a função de desfocalização é atendida, assumindo a função específica de estativização para a medial.

Cambrussi contribui ao mostrar propriedades semânticas importantes da construção medial no PB, especialmente a genericidade e a leitura de propriedade.

2.4 A construção passiva

A construção passiva é tida como um fenômeno de voz:

(91) A janela foi quebrada (por Francisco).

Muitos trabalhos sobre a construção passiva adotam uma perspectiva derivacional e, comumente, sua formação é atribuída ao componente sintático ou gramatical. Embora tais propostas não contribuam diretamente para esta pesquisa em particular, retomaremos algumas de suas ideias centrais a fim de fornecer um breve estado da arte sobre o tema.

A análise transformacional para a construção passiva remonta ao trabalho de Wasow (1977) e ganhou repercussão com os desenvolvimentos da Gramática Gerativa, que, inicialmente, se destacou com a chamada teoria padrão ou *standard* (CHOMSKY, 1957, 1965). Nessa perspectiva teórica, as seguintes características das expressões passivas chamaram a atenção: i) o sujeito gramatical de uma passiva é o objeto da ativa correspondente; ii) o sujeito da contraparte ativa é expresso na passiva como um adjunto agentivo ou não expresso; iii) o verbo da construção passiva corresponde ao verbo da ativa com uma marcação especial de voz passiva (cf. SIEWIERSKA, 1984: 2-3). Para explicar a relação entre o objeto lógico do verbo das construções ativas e o sujeito das construções passivas, formou-se a hipótese de que a estrutura da construção ativa estaria latente na estrutura da construção passiva (CHOMSKY, 1981: 124).

Em outras palavras, essa perspectiva teórica partilha da ideia, herdada da tradição gramatical latina, de que construções ativas e construções passivas com o mesmo verbo são sinônimas. Entretanto, essa é uma ideia equivocada, como mostra Langacker (1990). O autor explica que a suposta sinonímia entre construções ativas e

construções passivas é apenas aparente e decorre da ideia de que elas se referem ao mesmo evento objetivo no mundo. É importante notar que as construções são objetos linguísticos, e não correspondem diretamente aos acontecimentos do mundo real, mas sim às ‘conceptualizações’ dos falantes sobre esses acontecimentos. Sendo assim, elas não são construções iguais em termos semânticos. Segundo Langacker, a composição dos sentidos não é a mesma em cada construção: mesmo apresentando os mesmos itens lexicais, ativas e passivas são formadas através de diferentes caminhos composicionais. Isso basta para distingui-las: a composição de ‘João’ com ‘comeu’ não veicula a mesma interpretação que a composição de ‘foi comida’ com ‘pelo João’. Existem questões de foco e proeminência ligadas à estruturação dos sentidos em cada construção e essas questões interferem na interpretação final. Além disso, como mostra Shibatani (1985), a construção passiva serve a uma função semântico-pragmática completamente distinta da construção ativa transitiva, que é a desfocalização do participante prototipicamente associado ao papel de agente. Em síntese, dizer *o João comeu a maçã* não é o mesmo que dizer *a maçã foi comida por João*.

Uma característica da teoria padrão é a preocupação com a universalidade das regras. A passivização seria, em hipótese, uma regra universal, aplicando-se uniformemente para todas as línguas do mundo. Em geral, as regras envolvem noções estruturais, como ordem de palavras, marcação de caso e marcação morfológica do verbo. Perlmutter e Postal (1983), argumentando em favor da Gramática Relacional, mostram, porém, que nenhuma dessas noções seria suficiente para caracterizar a passiva de modo a abranger todas as línguas. Por exemplo, tomando a ordem de palavras, há línguas, como o turco, em que a posição do verbo é em final de sentença, diferentemente do inglês e do PB:

(92) a. Hasan bavulu açti.⁵⁴

Hasan suitcase-Acc open-Past

‘Hasan opened the suitcase.’

⁵⁴ Perlmutter e Postal (1983), p. 4.

- b. Bavul (Hasan tarafından) açıldı.
 Suitcase-Nom (by Hasan) open-Pass/Past
 'The suitcase was opened (by Hasan).'

Partindo da noção de caso, o mesmo se seguiria: enquanto o latim utiliza o caso ablativo para marcar o nominal correspondente ao agente da passiva, o russo utiliza o caso instrumental:

(93) Latim:⁵⁵

- a. Magister puero-s laudat.
 Teacher-Nom boys-Acc praise-3sg
 'The teacher praises the boys'
- b. Pueri- a- magistro- laudantur.
 Boys-Nom by teacher-Abl praise-Pass-3PL
 'The boys are praised by the teacher.'

(94) Russo:

- a. Car` soslal Pus<kina.
 Czar-Nom exiled Pushkin-Acc
 'The czar exiled Pushkin.'
- b. Pus<in byl soslan carem.
 Pushkin-Nom was exiled czar-Instr
 'Pushkin was exiled by the czar. '

Da mesma forma, usar a noção de marcação morfológica para formular a regra de passivização também não resultaria em uma regra uniforme. Em mandarim, por exemplo, a construção passiva não apresenta nenhuma mudança na morfologia verbal:

(95) a. Zhù la^oshi- píyè-le wo^de ka^oshi.⁵⁶

⁵⁵ Perlmutter e Postal, (1983), p. 6.

Zhu professor mark-ASP my test.

'Professor Zhu marked my test.'

b. Wo[^]-de ka[^]oshi bèi Zhù la[^]oshi- pìyè-le.

My test by Zhu professor mark-ASP

'My test was marked by Professor Zhu.'

Segundo os autores, o único modo de caracterizar universalmente a passiva é por meio das relações gramaticais, adotando a perspectiva da Gramática Relacional. Nessa teoria (cf. PERLMUTTER e POSTAL, 1983 e PERLMUTTER e ROSEN, 1984), a estruturação das sentenças se dá por meio de uma rede relacional, em que há vários estratos ou níveis de estruturação. A passivização é analisada como uma operação em que esses estratos relacionam a estrutura da construção ativa com a estrutura da construção passiva correspondente através das relações gramaticais de sujeito e objeto. Ou seja, a passivização é uma regra que atribui ao nominal associado à relação de objeto direto no estrato transitivo a relação de sujeito no estrato seguinte. Entretanto, por ser uma teoria que objetiva um tratamento universal para a passivização, os casos de construções passivas impessoais, formadas a partir de verbos intransitivos, ainda constituem um problema para essa análise (cf. SHIBATANI, 1985; COMRIE, 1989).

Com desenvolvimentos posteriores da teoria gerativa, mais especificamente, Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981), propôs-se que a passivização é uma operação que detematiza o verbo de seu papel temático externo, de agente, dando origem à forma de particípio. Jaeggli (1986) argumenta que o morfema de particípio (*-en* em inglês) seria o responsável pela absorção do papel temático externo, tornando o verbo principal da construção passiva um verbo inacusativo⁵⁷. Segundo a generalização de Burzio (1986), um verbo, ao perder seu argumento externo, perde a capacidade de atribuir caso acusativo ao seu argumento interno. Sendo a atribuição de caso aos SNs obrigatória, é preciso que o argumento interno mova-se para a posição de sujeito, a fim de receber caso. Assim, nessa teoria, toda a formação de sentenças passivas decorre da

⁵⁶ Perlmutter e Postal (1983), p. 8.

⁵⁷ Verbos inacusativos são verbos que não atribuem caso acusativo (cf. Burzio, 1986).

interação de princípios sintáticos autônomos (cf. JAEGLI, 1986 e ROBERTS, 1987), bastando que haja uma mudança categorial no verbo principal (verbo → particípio) para que todas as outras operações listadas acima se sigam automaticamente. Em resumo, a construção passiva é entendida como uma operação essencialmente gramatical, sintática e abstrata. A consequência é que exemplos de não correspondência entre estruturas ativas e passivas são tratados como exceções ou idiosincrasias da língua, devendo ser marcados lexicalmente como casos não sistemáticos:

(96) a. João tem uma casa.

b. *Uma casa é tida por João.

Quando, na verdade, há importantes generalizações semânticas governando esse tipo de dado: nesse caso, é sabido que verbos que descrevem estados não são compatíveis com a construção passiva. Entretanto, generalizações desse tipo não recebem tratamento dentro da perspectiva teórica delineada acima.

Em desenvolvimentos recentes minimalistas (CHOMSKY, 1995), a passiva continua a ser tratada como uma operação de promoção do argumento interno, com algumas diferenças nos mecanismos propostos. Por exemplo, Roeper e Van Hout (1999) sugerem que a operação de detematização do verbo envolve o traço invisível [+tema], baseando-se na proposta de Hornstein (1999), segundo a qual os papéis temáticos são traços formais. Ao levar o traço invisível [+tema] para a posição de especificador de DP (ou seja, a posição de sujeito), a passivização estaria bloqueando um agente nessa posição. Os autores propõem, então, uma reformulação da generalização de Burzio, propondo que o movimento para a posição de sujeito do argumento interno não é desencadeado devido à absorção do papel temático do argumento externo, mas sim devido à combinação do traço formal [+tema] com a posição de sujeito. Entretanto, essa proposta parece pouco intuitiva, pois é sabido que passivas podem ser formadas com verbos de diferentes redes temáticas (FRANCHI e CANÇADO, 2003), podendo ter, na posição de sujeito, um argumento com papel de experienciador, afetado, objetivo, etc.

Esse fato é, inclusive, conhecido por dificultar a tentativa de se propor uma hierarquia temática (JACKENDOFF, 1972) que dê conta do mapeamento dos argumentos na construção passiva, como mostra Gee (1974). Collins (2005) também trata a construção passiva como uma operação de promoção do argumento interno. O autor também conclui que a morfologia passiva não pode ser responsável pela absorção do papel temático do argumento externo do verbo, pois, se assim fosse, seria difícil explicar por que o sintagma conhecido por agente da passiva recebe o papel de agente. Em vista desses problemas, Collins (2005) assume, ao invés, que o papel temático externo é atribuído em Spec vP, postulando um mecanismo (chamado *smuggling*) que torna o argumento interno do verbo mais próximo de Spec TP e permite sua promoção.

Já Gehrke e Grillo (2008), embora trabalhando no mesmo quadro teórico, defendem uma perspectiva um pouco diferente e consideram que a estrutura de eventos é o centro da transformação da passiva, além de ser responsável por determinar sua disponibilidade geral entre os predicados. A passivização é definida pelos autores como uma operação na estrutura de eventos, em que um subevento estativo move-se para uma posição acima de VP. Eles explicam que a passivização realça o subevento de “estado consequente”, que é o resultado de uma transição associada ao predicado BECOME. Assim, segundo os autores, apenas estruturas de evento que contêm BECOME sofrem passivização. Entretanto, verbos estativos, como *amar*, *saber* e *circundar* não contêm BECOME em suas estruturas de evento, mas ainda assim se compatibilizam com a construção passiva. Segundo os autores, nesses casos, há uma mudança no tipo semântico desses verbos que adiciona BECOME a sua representação de evento, permitindo uma leitura onde o estado denotado é reinterpretado como um estado resultante. Em outras palavras, os autores assumem que o verbo muda sua representação de evento para se integrar à passiva. Entretanto, o fato de verbos como *amar* e *saber* poderem se integrar à construção pode receber uma explicação mais natural ao se reconhecer que a construção é, ela própria, dotada de significado. Nesse caso, o significado da construção interage e contribui para o significado do verbo, explicando a aparente mudança de sentido sofrida pelo verbo. Ou seja, o sentido do

verbo isoladamente continua o mesmo, o que muda é a compatibilização de sentidos entre verbos e construções, que pode ou não resultar em instâncias gramaticais.

Outras propostas, dentro de teorias como a gramática léxico-funcional (Bresnan, 1982), caracterizam a passiva como uma operação lexical, e não sintática. Por exemplo, segundo Kibort (2004), a passivização é uma operação que muda a estrutura argumental dos verbos, tornando-os intransitivos e impedindo o argumento mais proeminente do verbo de ir para a posição de sujeito. Nesse tipo de proposta, observa-se que a passiva passa a ser entendida como um mecanismo de desfocalização do agente, e não de promoção do argumento interno do verbo.

Entretanto, as propostas delineadas acima, de cunho formalista, não podem explicar as questões levantadas neste trabalho, nem oferecer uma caracterização plena da construção passiva que leve em conta tanto forma quanto significado. Primeiro, porque considerar apenas a forma e analisar a passiva como um tipo de derivação a partir de uma estrutura transitiva básica (seja uma sentença ou um verbo) pode viciar a análise e levar a uma caracterização inadequada. Várias línguas apresentam construções relacionadas que se sobrepõem em forma, o que não significa que elas sejam as mesmas. Segundo, porque, mesmo ao considerar aspectos semânticos na análise da passiva, essas propostas atribuem todos os aspectos de sentido aos verbos, não sendo capazes de explicar aqueles aspectos de sentido que não podem ser atribuídos aos itens lexicais isoladamente. Sendo assim, análises mais funcionalistas, de cunho semântico-pragmático, como as revisadas a seguir, parecem contribuir mais ativamente para esta pesquisa em particular.

2.4.1 Propostas semânticas para a passiva

2.4.1.1 Shibatani (1985)

Shibatani objetiva analisar as correlações entre a construção passiva e outras construções, como a reflexiva, a recíproca, a incoativa, a medial, dentre outras,

utilizando dados de várias línguas. Em primeiro lugar, segundo o autor, a discussão sobre se uma construção é ou não uma passiva não faz sentido. Segundo ele, mais importante seria dar uma descrição da construção examinada em relação ao protótipo de passiva, a ser definido. Em segundo lugar, Shibatani argumenta que os tipos de correlações examinadas em seu trabalho vão além do escopo de teorias transformacionais ou da gramática relacional. Ele defende que um entendimento adequado dessas relações entre as construções estudadas e seus padrões de distribuição numa língua requer uma perspectiva mais ampla. É preciso uma noção pragmática para explicar o uso da morfologia passiva em várias construções de uma mesma língua, como, por exemplo, no japonês, em que o mesmo morfema *-(r)are* é usado em quatro tipos de construções – a passiva, a potencial, a honorífica e a espontânea, respectivamente:

(97) a. Taroo wa sikar-are-ta.⁵⁸

T. TOP SCOLD-PASS-PAST

‘Taro was scolded.’ (Taro foi repreendido.)

b. Boku wa nemur-are-nakat-ta

I TOP SLEEP-POTEN-NEG-PAST

‘I could not sleep.’ (Eu não consegui dormir.)

c. Sensei ga waraw-are-ta.

teacher NOM laugh-HON-PAST

‘The teacher laughed (hon.)’ (O professor riu.)

d. Mukasi ga sinob-are-ru

old.time NOM think.about-SPON-PRES

‘An old time comes (spontaneously) to mind.’

(A lembrança de um tempo antigo vem à cabeça.)

⁵⁸ Exemplos de Shibatani, 1985, p. 822.

Segundo o autor, a relação morfológica que se verifica nas construções acima é um problema para abordagens que buscam caracterização morfológica em detrimento de fatores pragmáticos. Por exemplo, se a construção passiva é caracterizada a partir da construção transitiva, o que dizer das ocorrências de passiva que não possuem construções transitivas relacionadas (como em *ela foi incompreendida pelos pais*⁵⁹)? Qual seria o objeto direto disponível para promoção no caso de línguas que apresentam construções passivas formadas com verbos intransitivos?

Segundo Shibatani, embora seja difícil dizer que os morfemas de construções diferentes são os mesmos, no caso do japonês, evidências históricas indicam que os diferentes usos de *-(r)are* vieram de um único sufixo comum, indicando uma motivação semântica comum. Além disso, ele observa que ainda hoje certas expressões do japonês parecem ambíguas com relação às interpretações espontânea e potencial. Em inglês, por exemplo, também existe ambiguidade na morfologia associada à construção passiva: em uma construção como *the vase was broken*, é possível interpretar que *o vaso foi quebrado* ou que *o vaso estava quebrado*. Nesse caso, a mesma morfologia estaria indicando sentidos relacionados.

Portanto, o autor mostra que as várias construções da língua exibem semelhanças morfossintáticas ou semânticas que só podem ser completamente explicadas em termos funcionais ou pragmáticos. Por exemplo, segundo o autor, muitas construções, reunidas sob os rótulos de “médias” ou “médio-passivas” ou ainda “pseudo-passivas”, são comumente entendidas como construções que expressam uma ocorrência espontânea, ou seja, um evento que ocorre automaticamente, ou um estado que espontaneamente se obtém sem a intervenção de um agente. Muitas línguas expressam esses eventos ou estados através do uso de pronomes reflexivos, como o espanhol e o francês. Assim como as construções mostradas acima para o japonês, Shibatani argumenta que deve haver algum tipo de relação funcional motivando a relação morfossintática que há entre essas construções.

⁵⁹ Exemplo observado por Perini, comunicação pessoal.

Baseando-se em Jespersen (1924: 167-8), que identificou cinco razões para o uso da construção passiva no inglês, Shibatani resume três funções principais para a passiva: i) as passivas não mencionam o agente por razões contextuais; ii) passivas trazem um tópico não agentivo para a posição de sujeito; iii) passivas criam um *pivot* sintático (cf. DIXON, 1979)⁶⁰. Segundo Shibatani, é inegável que todas essas funções motivam o uso da passiva, mas sua função primária é a “desfocalização do agente”, sugerida em (i). Para aventar essa hipótese, o autor se baseia em Meillet (1948, p. 196), segundo o qual “o verdadeiro papel da passiva é exprimir o processo onde o agente não é considerado”⁶¹. Shibatani também se baseia nos fatos da língua. Por exemplo, segundo ele, passivas, geralmente, não expressam o agente, ou seja, várias línguas, como o finlandês e o russo, evitam, em geral, a expressão do agente na passiva. Nas línguas que permitem a expressão do agente, o autor nota que as construções passivas sem a expressão do agente são muito mais numerosas em dados reais do que aquelas com o agente expresso (cf. análises estatísticas presentes nos trabalhos de Jespersen, 1924 e Yamamoto, 1984). Isso significa que a construção passiva é usada quando a expressão ou a individualização do agente é impossível ou não importante, seja por o agente já ser conhecido, óbvio ou irrelevante para a conversação.

Em outras palavras, segundo Shibatani, a passiva é uma construção centrada no agente e sua função fundamental é a desfocalização desse agente. Evidências para essa afirmação advêm do fato de que a passiva não se aplica a verbos intransitivos não agentivos (ou verbos inacusativos, cf. Perlmutter e Postal, 1983), mesmo em línguas em que a passivização de verbos intransitivos é permitida. Além disso, o autor observa que a passiva também falha para verbos transitivos cujo sujeito não é um agente. Por exemplo, ele mostra que, em inglês, os verbos podem ser passivizados dependendo da natureza semântica de seu sujeito:

⁶⁰ Dixon usa o termo *pivot* para remeter a termos sintáticos que podem ser recuperados no discurso sem menções expressas posteriores.

⁶¹ Do original: “Le vrai rôle du passif est d’exprimer le procès là où l’agent n’est pas considéré” (Meillet, 1948, p. 196).

- (98) a. John bought his house for \$250,000 in 1980.⁶²
b. This house was bought by John for \$250,000 in 1980.
c. \$250,000 won't buy this kind of house any more.
d. * This kind of house won't be bought by \$250,000 any more.

Segundo o autor, isso mostra que, mesmo que a aplicação da passiva tenha sido estendida para as orações cujo sujeito é experienciador e não agente, com é caso de *Mary is loved by John*, a noção de agente é ainda crucial.

Sobre esse aspecto de sentido, Franchi e Cançado (2003) também observam que, em certos casos, a construção passiva, quando possível, leva a uma interpretação agentiva da conceptualização do evento. Por exemplo, nas construções abaixo, sua leitura só é aceitável se há uma interpretação agentiva para os participantes associados a *crianças* e a *alunos*:

- (99) a. Eu fui obrigada a ficar em casa pelas crianças.⁶³
b. Eu fui deixado doente por esses alunos.

Também sobre esse aspecto, Furtado da Cunha (2000) observa que passivas envolvem “um agente pressuposto, que é identificável no contexto discursivo ou do conhecimento pragmático geral”.

Shibatani propõe a seguinte caracterização para a construção passiva prototípica:

- (100) Caracterização do protótipo de passiva:
a. função pragmática primária: desfocalização do agente
b. propriedades semânticas:
(i) valência semântica: predicado (agente, paciente)
(ii) sujeito é afetado

⁶² Exemplos de Shibatani, 1985, p. 832.

⁶³ Exemplos de Franchi e Cançado (2003), p. 115.

c. Propriedades sintáticas:

(i) codificação sintática: Agente $\rightarrow \emptyset$ (não codificado)

Paciente \rightarrow sujeito.

(ii) valência do predicado: Ativa = P/n;

Passiva = P/n -1.

d. Propriedade morfológica:

ativa = P;

passiva = P [+passiva].

Shibatani ainda realça que uma oração sem um participante agente, ou algo próximo disso, como um experienciador, não permite passiva porque não há agente para desfocalizar. Segundo ele, a construção passiva implica a existência de um agente para o evento e sua conceptualização é a de um evento transitivo. Em outras palavras, na construção passiva prototípica, o agente é parte da valência semântica, ou seja, ele está presente semanticamente, sendo desfocalizado no nível da codificação sintática (p. 839). Para construções como a incoativa e a medial, o agente é desfocalizado desde o nível conceptual, ou seja, a conceptualização associada a essas construções é, segundo o autor, “espontânea”. Assim, segundo o autor, passivas verdadeiras são semanticamente “transitivas”, pois possuem tanto um agente quanto um paciente em seu esquema semântico. Por outro lado, formas “detransitivizadas”, como as construções incoativa e medial, e verbos intransitivos regulares são tanto semântica quanto sintaticamente intransitivos. Para corroborar sua hipótese, Shibatani observa o contraste entre as formas *be killed* e *die*, do inglês, que não são equivalentes nem semanticamente, nem sintaticamente. O autor também observa que, em uma situação em que uma criança quebra um vaso e conta para a mãe que *o vaso quebrou* ao invés de dizer *eu quebrei o vaso* ou *o vaso foi quebrado sem querer*, sua intenção comunicativa é a de desfocalizar o agente completamente, escolhendo uma construção “intransitiva”. Shibatani observa ainda outras relações semânticas entre essas

construções: todas apresentam um sujeito afetado e em todas é o participante paciente que vai para a posição de sujeito, ou seja, elas apresentam um sujeito inativo.

O autor ainda observa que, em muitas línguas, como no caso do japonês, a afetação do sujeito de uma construção passiva é mais pronunciada do que a afetação do objeto em uma sentença ativa (p. 841). Isso é, presumivelmente, um efeito da diferença de foco que existe entre as posições de sujeito e de objeto. A posição de sujeito tem o efeito de realçar o aspecto semântico de afetação inerente ao participante paciente. Segundo o autor, o foco de uma sentença obedece a uma hierarquia de posições sintáticas: sujeito > objeto direto > objeto indireto > objeto oblíquo. Assim, na voz ativa de línguas de tipo acusativo, o agente é comumente atribuído à posição de sujeito, a fim de refletir o fato de ele ser o elemento mais proeminente conceptualmente⁶⁴. Já a construção passiva evita a focalização do agente através de mecanismos morfossintáticos, como sua atribuição a uma posição sintática menos proeminente (caso em que o agente da passiva é expresso) ou sua omissão (caso em que o agente da passiva não é expresso na sintaxe). Segundo Shibatani, outras construções, embora diferindo da construção passiva prototípica em muitos aspectos importantes, são “passivas” na medida em que também atendem à função de desfocalização do agente. Portanto, no caso do PB, passivas, incoativas e mediais seriam construções semanticamente relacionadas pela função geral de desfocalização do agente.

2.4.1.2 Rice (1987a, 1987b)

Em seu estudo sobre a transitividade, Rice (1987a) mostra que a estrutura argumental é suficiente apenas em casos mais prototípicos para a definição do fenômeno. Em realidade, a autora observa, à luz da abordagem de protótipos de Lakoff (1977) e da proposta de Hopper e Thompson (1980), que muitos outros fatores, tais como volição do agente, ação pontual, afetação do paciente, etc., contribuem para a transitividade de uma oração. A autora define transitividade como um fenômeno de

⁶⁴ Langacker (2008) observa que línguas de tipo acusativo/nominativo possuem orientação agentiva, ou seja, são conceptualmente orientadas para o agente (ver capítulo 3).

construto que, assim como outras categorias linguísticas e cognitivas, apresenta efeitos de prototipicidade (RICE, 1987b).

Tendo examinado centenas de sentenças, o trabalho da autora se destaca para esta pesquisa pela relação entre a noção conceptual de transitividade e a construção passiva. Rice utiliza a construção passiva como teste de transitividade, associando a construção a aspectos do protótipo de transitividade que ela define. Por exemplo, ela observa que as entidades que interagem na descrição de um evento devem ser pré-existentes para o falante:

(101) *A life was lived by Susan.

‘*Uma vida foi vivida por Susan.’

(102) A good life was lived by Susan.

‘??Uma boa vida foi vivida por Susan.’

Segundo a autora, quando um objeto cognato é modificado, como no caso de (102), ele pode ser construído como um *tipo*, e expressões com objetos cognatos antes inaceitáveis, como (101), são licenciadas na construção passiva. Entretanto, vemos que esse não parece ser o caso para o PB. Claramente, esses aspectos semântico-conceptuais devem variar de língua pra língua.

Outro aspecto do protótipo de transitividade requer que as entidades que interagem sejam maximamente distintas. Por exemplo, expressões de reflexividade não são compatíveis com a construção passiva:

(103) *Steve was shaved by himself.

‘*Steve foi barbeado por ele mesmo.’

Em outras palavras, a ação descrita pela passiva não pode ser auto-direcionada.

O evento transitivo prototípico também é unidirecional, ou seja, descreve o movimento de uma entidade para um alvo ou destino, e não apenas para além da fonte.

Segundo Rice, esse aspecto da transitividade ajuda a explicar por que as passivas abaixo contrastam em gramaticalidade. Ela observa que as construções ativas correspondentes não evocam um construto igualmente transitivo. No primeiro exemplo, há um direcionamento do evento de uma fonte para um alvo, um construto que não pode ser observado para o segundo exemplo:

(104) a. Mary rushed to John.

b. John was rushed to by Mary.

(105) a. Mary rushed from John.

b. ??John was rushed from by Mary.

Embora esse tipo de dado não ocorra para o PB, em que passivas só podem ser formadas com verbos transitivos diretos, a noção de direcionamento do evento descrito pelo verbo será importante para a definição do significado da construção passiva.

Ainda, Rice realça que as entidades de um evento transitivo canônico devem estar em uma relação assimétrica, de modo que o evento seja construído como que ocorrendo entre opostos, como animado / inanimado; móvel / imóvel; pequeno / grande; parte / todo; forte / fraco; volitivo / passivo; protagonista / antagonista; perceptor / percebido; conceptualizador / concebido; falante / ouvinte; etc.

Outros aspectos do protótipo de transitividade relevantes para a construção passiva são aqueles que indicam a completude e unidade da descrição de evento:

(106) *John is known by the couple next door.

‘?João é conhecido pelo casal vizinho.’

(107) John is no longer known by the couple next door.

‘?João não é mais conhecido pelo casal vizinho.’

Segundo a autora, o comportamento de verbos de aspecto imperfectivo ou durativo, como *parecer* e *saber*, na construção passiva, sugere que apenas a adição de advérbios,

marcas de negação ou SNs genéricos podem tornar as orações imperfectivas em (106) aceitáveis, como mostra (107). Segundo a autora, esses exemplos mostram ainda que a transitividade não é uma propriedade lexical, no sentido de ser restrita ao verbo e sua estrutura argumental, mas sim uma noção conceptual. Especificamente para este trabalho, esses dados também corroboram o papel do significado construcional na descrição das construções da língua, na medida em que mostram que o sentido da composição dos itens é importante para o significado da construção como um todo.

Por fim, Rice mostra que a transitividade de um evento aumenta se o significado da oração sugere que a atividade é enérgica, isto é, implica alguma oposição entre os dois participantes. Esse aspecto está intimamente ligado às noções de direcionamento do evento e de assimetria entre seus participantes, apresentadas anteriormente.

Embora Rice constatare que os componentes de transitividade mostrados não apresentam realização sintática ou lexical, estando ligados à interpretação do verbo e da sentença como um todo, em PB há uma realização sintática para alguns desses requisitos de transitividade da construção passiva: a exigência de que o argumento do verbo mapeado como sujeito da passiva seja um argumento direto, ou seja, não necessite de preposição para se relacionar com o verbo no nível sintático. Isso pode ser o reflexo de vários aspectos de transitividade, como a individualização dos participantes e a afetação do participante mapeado em posição de sujeito da construção passiva. Além de estar relacionado a um requerimento semântico da construção, ou seja, de um aspecto de seu significado: que haja um participante que seja o destino do direcionamento da eventualidade. Em tese, esse papel cognitivo estaria prototipicamente relacionado em PB a um objeto direto.

Rice conclui que designar um verbo como transitivo ou intransitivo não depende apenas das propriedades sintáticas e lexicais desse verbo. Sua proposta mostra, também, como a ideia de construção gramatical pode ser relevante para o estudo da passiva, na medida em que mostra que verbos se integram à construção passiva quando seu sentido e a composição dos sentidos dos itens lexicais que a preenchem são compatíveis com seu significado construcional. A autora ainda delinea uma definição

para o léxico, afirmando que, ao invés de uma lista fechada de idiosincrasias, ele seria mais bem entendido como uma enciclopédia aberta de conhecimento (cf. HAIMAN, 1980 *apud* RICE, 1987b). Portanto, não é o caso de negar a existência do conhecimento lexical, mas sim de reconhecer que esse conhecimento é dinâmico, parte de uma rede de conhecimento linguístico.

Especificamente para o PB, Furtado da Cunha (1996) também considera, assim como Rice, que orações passivas manifestam alta transitividade. Furtado da Cunha sugere que orações passivas podem ser ordenadas em uma escala de acordo com o grau de transitividade que apresentam. Quanto mais transitiva é uma instância de passiva, mais “passiva” ela é segundo a autora, pois a passiva canônica é definida como aquela que apresenta todos os traços de transitividade, conforme o complexo de transitividade de Hopper e Thompson (1980). Em sua análise, Furtado da Cunha considera que nem todos os dez parâmetros propostos por Hopper e Thompson têm relevância ou igual importância para as passivas. A autora então, baseada na interpretação semântica das orações passivas em PB, adapta os parâmetros sugeridos por Hopper e Thompson no seguinte conjunto de traços: traços do SPrep passivo (intencional, não controlado, concreto e individuado), traços relativos ao sujeito (referencial, afetado) e traços que dizem respeito à oração (modalidade, polaridade e perfectividade). Segundo Furtado da Cunha, o protótipo de construção passiva é aquele em que há: um SPrep intencional, não controlado, concreto e individuado; um sujeito referencial e afetado; uma oração afirmativa, com aspecto perfectivo para o auxiliar, ou seja, denotando um evento completo e concluído⁶⁵; e o modo real, como, por exemplo, o indicativo – eventos hipotéticos ou possíveis não são bem descritos por construções passivas⁶⁶. Como esses traços estão intimamente relacionados à transitividade, o trabalho de Furtado da Cunha para o PB corrobora a conclusão extraída da análise de Rice de que a construção passiva está relacionada a um significado de alta transitividade.

⁶⁵ Segundo Givón (1984, p. 281), eventos perfectivos são mais salientes cognitivamente. Além disso, quanto mais completo é um evento, maior é a percepção de afetação do paciente. Nesse sentido, o particípio, sendo de aspecto perfectivo, influencia na interpretação de afetação do paciente (cf. Furtado da Cunha, 1996).

⁶⁶ Nascimento (1979) é outro autor que aponta essa exigência de orações passivas.

2.4.1.3 Conclusões

As propostas apresentadas contribuem muito para a pesquisa desta tese. Shibatani mostra que abordagens puramente formais não são adequadas para se estudar as relações entre as construções de uma língua, mostrando que, para isso, são necessárias noções semântico-pragmáticas. Isso significa que há uma motivação de base semântica para o modo como uma língua se estrutura, fato demonstrado pelo autor para o japonês e outras línguas. Essa observação é importante para esta tese porque corrobora a hipótese de que todas as estruturas linguísticas carregam significado, e não apenas forma sintática.

Especificamente sobre a construção passiva, Shibatani defende que sua função principal é a de desfocalizar o agente, assim como de outras construções relacionadas. Portanto, ele mostra que a noção de agente, entendida como uma noção prototípica sujeita a extensão, é crucial para o estudo da construção passiva. Em outras palavras, se não há agente, não há passiva; e essa é uma hipótese que será perseguida neste trabalho.

Além disso, Shibatani esclarece que a desfocalização do agente é atingida na passiva através da codificação linguística, ou seja, é de natureza sintática para a passiva, mas de natureza semântica para construções como a incoativa e a medial. Mostraremos essa diferença através do modo como a função de desfocalização é atendida em cada construção. No caso das construções incoativa e medial, em que a concepção do evento é espontânea, ou “intransitiva”, a relação funcional entre as construções e o verbo que as instanciam é de “corte” do participante agente da representação semântica ou da conceptualização associada ao verbo. No caso da construção passiva, em que a concepção do evento é causal, ou “transitiva”, a relação funcional entre a construção e o verbo que a instancia é de “sombreamento” do participante agente da representação semântica ou da conceptualização associada ao verbo. Enfim, mesmo pensando em modelos de conceptualização distintos, um espontâneo, no caso da incoativa e medial, e outro causal, no caso da passiva, não há como ignorar a relação **semântica** que a

construção, dotada de significado, mantém com o verbo que a instancia, este também dotado de um significado. A maioria dos verbos analisados nesta tese lexicaliza, como parte de seu significado, uma perspectiva agentiva, canônica em PB. E é essa relação semântica do verbo com a construção que nos permite generalizar e dizer que essas construções são construções de mudança da perspectiva canônica em PB.

Sobre o trabalho de Rice, destaca-se que o significado associado à construção passiva está associado a um sentido de alta transitividade, que engloba várias noções semânticas importantes. Dentre elas, aquelas que, em vista do trabalho de Shibatani, se destacam são: a importância de haver um “direcionamento” no evento descrito pelo verbo e a importância de esse evento ser construído como uma atividade enérgica, implicando oposição entre os participantes.

Para finalizar, conclui-se que a construção passiva, para atender à sua função principal, realça as propriedades de agentividade presentes no evento, propriedades essas que fazem parte do protótipo de transitividade. Entretanto, essas relações por si só não definem a construção passiva como unidade linguística e não são suficientes para explicar por que certos verbos podem instanciar a construção e não outros.

2.5 Considerações finais

Para finalizar este capítulo, vamos retomar as ideias principais a serem exploradas, fruto das conclusões que fizemos a partir das propostas examinadas. Sobre a construção incoativa, vimos que ela expressa uma conceptualização de evento que não envolve a intervenção direta de um agente. Sendo assim, levantamos a hipótese de que apenas descrições de eventos que podem ser conceptualizados como que ocorrendo sem a intervenção de um agente seriam compatíveis com a construção incoativa. Mais especificamente, foi mostrado que a noção de mudança de estado é importante para o estudo do significado da construção incoativa. Além disso, vimos que a decomposição do significado dos verbos em predicados primitivos, conjugada com a noção de raiz, é uma ferramenta útil, pois oferece um modo de se estudar os sentidos

verbais compatíveis com a construção e até a semântica da própria construção. Sobre a construção medial, foi realçada a importância dos aspectos semânticos, da conceptualização dos eventos associados aos verbos e de se investigar a natureza das descrições de evento associadas à construção medial – se voltados para o agente ou para o processo. Ainda, viu-se que a medial possui a propriedade de “estatizar” uma descrição de evento, apresentando leitura genérica e de propriedade. Sobre a construção passiva, viu-se que ela parece estar associada a uma leitura de alta transitividade, em que propriedades de agentividade são importantes para definir seu significado. Além disso, viu-se que, para todas as três construções, a função de desfocalização do agente está presente, sendo um desafio para esta pesquisa mostrar como cada construção atende a essa função especificamente. Isso será mostrado com a representação de cada construção como uma unidade linguística.

Capítulo 3

Quadro Teórico

3.1 Introdução

Neste capítulo, será apresentado o referencial teórico da pesquisa. Seus objetivos são: inicialmente, apresentar os pressupostos teóricos assumidos, a fim de situar o leitor acerca de nossa posição teórica em relação a conceitos fundamentais da linguística e, posteriormente, caracterizar o modelo teórico adotado, explicitando a teoria da Gramática de Construções articulando-a com a decomposição de predicados.

3.2 Pressupostos teóricos

A teoria adotada nesta pesquisa, que é a Gramática de Construções, é uma hipótese de representação do conhecimento gramatical que se insere na corrente de estudos da Linguística Cognitiva. Segundo Evans e Green (2005), as teorias gramaticais em linguística cognitiva assumem uma concepção de língua que reconhece duas funções cruciais das línguas humanas: a função simbólica e a função comunicativa.

A função simbólica das línguas humanas refere-se ao uso da língua para expressar nossos pensamentos e ideias. Ou seja, é sabido que as línguas servem à codificação e externalização de nossos pensamentos. O modo como a língua faz isso é através de **símbolos**, que são associações de uma forma, que pode ser falada, escrita ou sinalizada, com um significado. Portanto, os símbolos constituem as unidades das línguas e podem ser exemplificados tanto por simples morfemas ou palavras inteiras, quanto por, até mesmo, conjuntos de palavras, como expressões e orações completas.

A forma dos símbolos linguísticos está associada ao significado de maneira arbitrária, convencional. Já o significado associado aos símbolos linguísticos reflete nossa representação mental do mundo, ou seja, nossos conceitos, ou aquilo que Jackendoff (1983) chama de realidade projetada: nossa representação da realidade,

mediada pelo sistema perceptivo-conceitual da mente humana. Ou seja, há um aspecto subjetivo na representação do significado. Entretanto, esse aspecto subjetivo se ampara no contexto de uma comunidade linguística, pois a língua serve também à expressão da cultura e das convenções sociais partilhadas pelos indivíduos dessa comunidade.

Esse fato responde pela segunda dimensão de uma língua: a dimensão comunicativa. Segundo Evans e Green (2005), uma comunidade faz uso da língua não apenas para expressar seus pensamentos, mas também para se comunicar, expressar afeição, estabelecer padrões de comportamento social (cumprimentos, felicitações, etc.), expressar emoção em relação ao mundo, agir (atos de fala), etc. Assim, embora nossas conceptualizações ou representações mentais sejam aparentemente ilimitadas, as línguas são conjuntos limitados de recursos (EVANS e GREEN, 2005). Em outras palavras, uma língua condensa estruturas conceituais muito mais ricas do que imaginamos ao utilizarmos uma simples palavra ou frase. Essas estruturas conceituais precisam ser reconhecidas pelos falantes e também acessíveis a eles, sendo, portanto, estruturas **convencionalizadas** pela comunidade linguística.

Voltando ao aspecto subjetivo da língua, que existe dada a natureza conceitual atribuída ao significado linguístico, é importante observar que há limites impostos pelo próprio sistema linguístico. Por exemplo, em PB, pode-se usar o nome *rompimento* para designar o processo de romper de um ponto de vista de processo acabado, limitado, mas não se pode usar o nome **quebramento* para designar o processo de quebrar sob a mesma perspectiva. Isso não significa que não é possível conceptualizar o processo de quebrar a partir dessa perspectiva, mas que essa forma não é uma convenção do sistema linguístico do PB. Em outras palavras, ela não faz parte da **estrutura** dessa língua. Os símbolos linguísticos obedecem a uma estruturação e organização própria a cada língua, ou seja, a cada sistema linguístico. É possível, portanto, abstrair padrões de organização internos ao sistema. Todos os falantes de português sabem, por exemplo, que a sequência *menino o de gosta chocolate* não é uma sentença de sua língua, pois existe uma ordem determinada na qual as palavras devem se combinar nessa língua para formar uma oração aceitável. Essa sistematicidade se estende à língua como um

todo. Poder-se-ia investigar, por exemplo, que condições de significado relacionam os verbos do PB e as nominalizações em *-mento*, a partir do contraste de gramaticalidade dado entre *rompimento* e **quebramento*. Conclui-se, portanto, que uma língua é um conjunto **estruturado** de **símbolos** linguísticos **convencionalizados** pela comunidade linguística que a utiliza (LANGACKER, 1987, 1990, 1991, 2008; EVANS e GREEN, 2005).

O papel do significado é fundamental. O modo como concebemos os eventos determina a escolha de uma palavra ou outra, de uma frase ou outra. Em outras palavras, todo uso que se faz da língua é motivado pela conceptualização do falante e pela perspectiva semântica adotada por ele para veicular informação. Por exemplo, como se viu no capítulo 1, em termos de cena eventiva, para os falantes de PB e de muitas outras línguas, a forma canônica ou predominante de conceber um evento é aquela em que há dois participantes: um agente, que direciona o fluxo de energia e para qual se reconhece saliência cognitiva, e um paciente, que recebe esse fluxo. Esse tipo de evento é conhecido como o evento transitivo prototípico (HOPPER e THOMPSON, 1980; GIVÓN, 1984; KEMMER, 1993; GOLDBERG, 1995, 2006). Segundo Langacker (2008), línguas que refletem essa organização conceitual são línguas de orientação agentiva. Em termos de estrutura oracional, esse evento transitivo prototípico é codificado, prototipicamente, pela construção transitiva. A construção transitiva reflete, então, a saliência conceitual do participante com papel de agente, pois o codifica em uma posição gramatical altamente proeminente para as línguas, que é a posição de sujeito. Por outro lado, as línguas oferecem meios de veicularmos outras perspectivas. Por exemplo, se optamos por utilizar uma construção passiva para descrever um evento, estamos adotando o ponto de vista do participante paciente, uma perspectiva que difere da perspectiva veiculada pela construção transitiva em português e em outras línguas.

Sendo assim, a estrutura utilizada é motivada semanticamente, ou seja, pela concepção e perspectiva adotada pelo falante sobre um evento ou sobre o assunto que se deseja abordar. A análise desta tese se norteia, então, pela premissa de que

descrever uma língua requer, fundamentalmente, a descrição do significado de suas unidades.

3.3 Apresentando o modelo gramatical

Segundo Croft e Cruse (2004), a abordagem construcional veio como resposta ao modelo teórico modular, que divide o conhecimento gramatical em módulos ou componentes, e possui várias teorias linguísticas como representantes, dentre as quais se destaca a Teoria Gerativa. Croft e Cruse explicam que, nessa visão, cada dimensão da língua poderia ser descrita por um componente teórico. Por exemplo, na Teoria Gerativa, a sintaxe, o único componente gramatical assumido, refere-se às regras e princípios que governam o mecanismo de combinação de palavras. Mas há linguistas que propõem outros componentes, seguindo a mesma ideia básica. Por exemplo, um componente fonológico consistiria de regras e condições que regem a estrutura sonora da língua. Um componente semântico seria responsável pelo significado das unidades linguísticas (JACKENDOFF, 1983, 1990) e, ainda, um componente morfológico seria responsável pela estruturação interna das palavras (ARONOFF, 1993). A ideia geral é sempre a mesma: um componente governa propriedades linguísticas de um único tipo, relativo a seu domínio, seja ele sintático, semântico, fonológico, pragmático, etc. Croft e Cruse observam que, em princípio, deveria haver regras de ligação entre todos esses componentes, como um meio de mapear a informação de um componente em outro. De fato, há linguistas que se ocupam de explicitar esse mapeamento entre, por exemplo, a semântica lexical e a sintaxe (LEVIN e RAPPAPORT-HOVAV, 1995, 2005).

Entretanto, além desses componentes, uma teoria de tipo modular também apresenta um componente bem diferente de todos os outros: o léxico, responsável por armazenar os itens lexicais (CROFT e CRUSE, 2004; CROFT, 2007). O léxico difere dos demais componentes porque armazena informação que, em tese, pertenceria a vários componentes. Para cada item lexical, ele fornece sua estrutura sonora, sua categoria

sintática (que determina seu comportamento em relação às regras do componente sintático) e seu significado, tornando esse modelo teórico não uniforme.

Com o estudo das expressões idiomáticas⁶⁷, especialmente a partir de Fillmore, Kay e O'Connor (1988), um outro modelo de organização gramatical começou a surgir. Os linguistas começaram a notar que as expressões idiomáticas apresentavam um problema para as teorias modulares, principalmente no que se refere às expressões de preenchimento lexical variável. Por exemplo, a expressão inglesa *The longer you practice, the better you will become*⁶⁸ não possui preenchimento léxico fixo, diferentemente da expressão idiomática do PB *quebrar a cabeça*. Ou seja, a expressão inglesa pode apresentar outros preenchimentos, como *The bigger they come the harder they fall*⁶⁹, desde que o esquema *The X-er, the Y-er* seja mantido. Em outras palavras, observou-se que certas expressões idiomáticas de preenchimento léxico variável apresentavam regularidades, sinalizando a existência de regras de estruturação. Entretanto, observou-se que essas expressões possuíam regras próprias, e não obedeciam às regras e princípios⁷⁰ supostamente gerais, assumidos pelas teorias modulares.

A existência das expressões idiomáticas esquemáticas, de preenchimento léxico variável, foi entendida como evidência da existência de *construções* na língua, motivando a criação de um modelo teórico em que todas as unidades gramaticais são descritas como construções, como é o caso da Gramática de Construções.

3.4 A Gramática de Construções

O termo *Gramática de Construções* refere-se, na verdade, a uma família de teorias, dentre as quais se podem citar: a Gramática Cognitiva (LANGACKER, 2008), a

⁶⁷ Sobre expressões idiomáticas do português, consulte-se Fulgêncio (2008).

⁶⁸ Tradução: “quanto mais você pratica, melhor você fica”.

⁶⁹ Equivalente à expressão do PB “quanto maior o adversário maior é a queda”.

⁷⁰ O princípio de composicionalidade na atribuição do significado do todo, por exemplo, que diz que ele é a soma dos significados das partes, é posto em dúvida pela observação do comportamento das expressões idiomáticas.

Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995, 2006), a Gramática de Construções Radical (CROFT, 1991, 2001, 2007; CROFT E CRUSE 2004), a Gramática de Palavras (Word Grammar; HUDSON, 2007), entre outras⁷¹. Nesta tese, nos orientaremos, particularmente, pela gramática de construções de Goldberg (1995, 2006). Todas essas teorias, embora divergindo em alguns aspectos, compartilham certas características fundamentais. Segundo Goldberg (2006), as teorias construcionais: (i) adotam uma abordagem não derivacional para a sintaxe, ou seja, não postulam níveis de representação; (ii) enfatizam os construtos, ou seja, o modo como os falantes concebem as cenas e estados-de-coisas para proceder à análise linguística; (iii) adotam o conceito de construção gramatical; (iv) enfatizam o fato de as línguas serem aprendidas, ou, “construídas”, com base no *input* (dados) e nas capacidades cognitivas gerais.

Em suma, as teorias construcionais definem a gramática como um inventário estruturado de construções gramaticais. A noção de construção como unidade da língua, é, portanto, importante para a teoria e será explorada a seguir.

3.4.1 A noção de construção

A noção de construção gramatical se apoia na de símbolo linguístico (SAUSURRE, editado em 1983), pois a construção é também um pareamento de forma (sintática e/ou fonética e fonológica) com significado (funções semântica, pragmática e discursiva). A novidade é que a teoria construcional considera que toda e qualquer unidade gramatical pode ser descrita como uma construção, incluindo morfemas ou palavras, idiomatismos, padrões frasais ou oracionais parcialmente ou totalmente preenchidos.

Segundo Goldberg (2006, p. 5; 1995, p. 4), qualquer padrão é reconhecido como construção desde que algum aspecto de sua forma ou função não seja previsível de suas partes componentes ou de outras construções já existentes. A autora fornece os seguintes exemplos de construções gramaticais:

⁷¹ Para abordagens contrastivas entre as diversas teorias construcionais, consulte-se, por exemplo, Croft e Cruse (2004, cap. 10), Goldberg (2006, cap. 10), Croft (2007), Langacker (2005).

Tabela 1 – Exemplos de construções do inglês⁷²

Morfema	Ex.: pre-, -ing
Palavra	Ex.: avocado, anaconda, and
Palavra complexa	Ex.: darevil, shoo-in
Palavra complexa (parcialmente preenchida)	Ex.: [N-s] (para plural regular)
Idiomatismo (preenchido)	Ex.: give the Devil his due
Idiomatismo (parcialmente preenchido)	Ex.: jog <someone`s> memory
Condicional covariacional	The Xer the Yer (ex.: the more you think about it, the less you understand)
Bitransitiva (objeto duplo)	Suj V Obj1 Obj2 (ex.: he gave her a fish taco)
Passiva	Suj aux VPpp (PP _{by}) (ex.: the armadillo was hit by a car)

Segundo Goldberg, todas as unidades da língua, como morfemas, palavras, sintagmas, orações, etc., são exemplos de construções gramaticais, e podem ser caracterizadas como tal, ou seja, através de uma forma e um significado. A autora explica que as unidades mostradas no quadro diferem apenas em complexidade interna e nível de esquematicidade. Por exemplo, quanto à complexidade interna, Goldberg explica que uma palavra é uma construção mais complexa do que um morfema, e uma oração, por sua vez, é mais complexa do que uma palavra. Em relação ao nível de esquematicidade, Langacker (2008) explica que as construções podem ser entendidas como unidades de conteúdo ou unidades esquemáticas. As unidades de conteúdo são construções com preenchimento definido, ou seja, são as próprias instâncias ou ocorrências da língua. Por exemplo, as palavras *livro*, *maçã* e *mar* são unidades de conteúdo. As unidades esquemáticas são padrões que podem ser depreendidos de ocorrências similares. Por exemplo, é possível depreender um padrão gramatical das unidades de conteúdo *livro*, *maçã* e *mar*, que é a unidade construcional N(ome). A unidade N(ome) é um esquema construcional que serve para classificar as unidades de conteúdo *livro*, *maçã* e *mar* na

⁷² Retirada de Goldberg (2006, p. 5, tabela 1.1).

língua, condensando suas semelhanças. Como tal, a unidade construcional esquemática N(ome) apresenta forma (sintática, = N) e significado (denominação de entidade, por exemplo). Avançando em complexidade, tem-se que as orações *ela viu o mar*, *ela comeu uma maçã* e *o menino trouxe um livro* também são instâncias, ou, ocorrências, do padrão oracional *Suj V Obj*. Esse padrão também pode ser descrito através de forma e significado, sendo, portanto, uma construção da língua. Entretanto, ao contrário da palavra *mar* ou da oração *ela viu o mar*, que são unidades de conteúdo, a construção *Suj. V Obj.* é uma unidade esquemática. Em outras palavras, concluímos que as construções esquemáticas emergem de suas próprias instâncias ou ocorrências.

É importante salientar que os esquemas construcionais têm respaldo na cognição, assim como todos os postulados da teoria. A origem dos esquemas está em nossas capacidades cognitivas gerais, como analogia e categorização⁷³, que nos permitem formular padrões mais gerais para unidades mais específicas que compartilham características formais e/ou funcionais (LANGACKER, 2008). Além disso, os esquemas construcionais são os equivalentes funcionais das regras gramaticais (LANGACKER, 1991), pois são responsáveis pelas generalizações. É possível, portanto, através dos esquemas, tanto explicar o funcionamento de uma construção quanto prever seu comportamento em novas instâncias.

Como última observação, realçamos que as construções podem ainda ser combinadas livremente para formar novas expressões reais, desde que elas não estejam em conflito (GOLDBERG, 1995, 2006). Assim, tipicamente, uma construção sentencial como *Maria abriu a porta* instancia diversas construções da língua simultaneamente, como a construção transitiva, a construção morfológica de pretérito (*abr-iu*) e as quatro construções morfológicas simples que equivalem a cada palavra dessa sentença.

⁷³ A categorização é um processo cognitivo, automático e inconsciente que consiste no agrupamento de ocorrências que apresentam alguma semelhança observável. As categorias que formamos são influenciadas pelo mundo físico, por nossa biologia e por fatores culturais (LAKOFF, 1987). Segundo Langacker (1987), linguistas têm gradualmente reconhecido as estruturas linguísticas como categorias, que, assim como outras categorias do nosso sistema conceitual, possuem membros prototípicos e membros mais periféricos.

3.4.2 O contínuo entre o léxico e a gramática

O conhecimento gramatical, como um todo, pode ser representado através de construções, que diferem apenas em complexidade interna e nível de esquematicidade. O nível de esquematicidade ocorre de forma contínua pela gramática. Por exemplo, consideremos a formação de plural de nomes em português. Ela pode ser descrita de forma totalmente substantiva, como exemplificado pela adição do morfema de plural *s* à palavra *livro*. Generalizando, podemos descrevê-la de forma um pouco mais esquemática, como em *nome + s*, que funciona como um esquema para outras unidades do mesmo tipo de *livro + s*. Generalizando ainda mais, é possível descrever a regra de formação de plural de nomes através do esquema *Nome + Número*, um esquema ainda mais geral, que engloba tanto *livro + s* quanto *nome + s*. Em outras palavras, é possível notar um contínuo crescente de esquematicidade entre essas unidades da língua. Em realidade, ao se adotar a noção de construção gramatical, e, conseqüentemente, adotar a hipótese de uma representação uniforme para o conhecimento gramatical, está-se trabalhando com a hipótese de uma organização contínua entre o léxico e a gramática/sintaxe, ao invés de se assumir uma divisão rígida entre eles. Em outras palavras, a teoria construcional rejeita uma separação entre léxico e sintaxe em componentes isolados, preferindo, em hipótese, uma organização gramatical contínua, fluida entre essas duas dimensões da língua. Para esclarecer, não é o caso de negar a existência do léxico ou da sintaxe, mas sim de assumir, com base na observação dos dados, que existem unidades construcionais mais 'lexicais', isto é, mais substantivas, e, por outro lado, unidades construcionais mais 'gramaticais', isto é, mais esquemáticas ou abstratas. Há ainda unidades construcionais que não estão nem de um lado nem de outro, situando-se no 'meio' desses dois extremos e formando, assim, um contínuo entre informação lexical e informação gramatical. Nessa perspectiva, uma unidade mais esquemática, é, portanto, uma unidade mais 'gramaticalizada' em relação a outras e descrever as regras gramaticais é, em gramática de construções, descrever os esquemas construcionais de uma língua.

Sendo assim, a hipótese de organização contínua para o conhecimento gramatical encontra respaldo na observação dessa escala de esquematicidade observada para as unidades construcionais. O quadro abaixo exemplifica esse contínuo:

Tabela 2 – O contínuo entre o léxico e a sintaxe⁷⁴

Tipo construcional	Nome	Exemplos
Complexo e totalmente esquemático	Construção transitiva	[Suj V Obj]
Complexo e parcialmente esquemático	Estrutura de subcategorização	[Suj <i>consumir</i> Obj]
Complexo e totalmente substantivo	Expressão idiomática	[chutar-tempo o pau da barraca]
Simple e totalmente esquemático	Categoria sintática	[N], [Adj]
Simple e parcialmente esquemático	Regra morfológica	[chutar-tempo], [N-s]
Simple e totalmente substantivo	Item léxico	[livro], [verde]

Assim como não há divisão rígida entre o léxico e a sintaxe, a Gramática de Construções também advoga não haver separação estrita entre semântica e pragmática. Informações sobre foco e tópico, por exemplo, são representadas nas construções paralelamente à informação semântica (GOLDBERG, 1995). A principal motivação empírica para se postular o contínuo entre informação lexical e informação gramatical advém de certos casos que parecem ofuscar os limites entre o léxico e a sintaxe como a combinação entre verbo e partícula e as expressões idiomáticas (GOLDBERG, 1995).

O contínuo entre léxico e sintaxe parece se estender também às construções estudadas nesta tese. Dada sua produtividade⁷⁵ em relação aos verbos analisados, pode-se dizer que as construções incoativa, medial e passiva se organizam de acordo com esse contínuo, como o capítulo seguinte mostrará. Por exemplo, a construção incoativa, dentre as três, é aquela que interage com o menor número de classes verbais.

⁷⁴ Adaptado de Croft e Cruse, 2004, p. 255, tabela 9.2.

⁷⁵ A produtividade de uma construção é determinada pelo número de itens lexicais distintos que nela podem ser usados, ou seja, sua frequência de tipo (*type frequency*) (cf. BYBEE e THOMPSON, 2000).

Apenas verbos que denotam mudança de estado podem ser integrados com ela, indicando que seu significado pode ser descrito em termos mais lexicais ou substantivos, quase equivalente ao significado da classe de verbos que a instancia. A construção medial, dentre as três, tem produtividade intermediária, pois é compatível com mais classes verbais do que a construção incoativa, mas com menos classes do que a passiva, situando-se entre os dois polos. Por outro lado, a construção passiva pode ser considerada a mais produtiva, pois seu sentido interage com um maior número de classes de verbos, incluindo, por exemplo, verbos agentivos, causativos/agentivos, processuais, de experiência, etc⁷⁶. Isso indica que a passiva terá que ser associada a um significado mais esquemático, e, portanto, mais gramaticalizado. Para descrever seu sentido, será preciso recorrer à noção semântica mais esquemática de transmissão de fluxo de energia, utilizada na literatura na descrição do evento transitivo prototípico (KEMMER, 1993; GIVÓN, 1984; LANGACKER, 1987, 1990, 1991).

Sendo assim, a análise aqui proposta, baseada na gramática de construções, oferece uma alternativa à discussão sobre a localização dos processos de formação dessas construções, como mencionado no capítulo 2, possibilitando uma explicação mais intuitiva e natural para a distribuição dessas construções na língua. Enquanto a incoativa situa-se no extremo mais lexical do contínuo, a passiva situa-se no extremo mais gramatical. No caso da medial, em que não parece haver muita concordância entre os autores sobre se tratar de um processo lexical ou sintático, a explicação se segue naturalmente: considerando-se a incoativa e a passiva, a medial encontra-se no meio, não sendo nem totalmente lexical, nem totalmente gramatical (ver capítulo 4).

3.4.3 As construções de estrutura argumental (GOLDBERG, 1995, 2006)

Goldberg (1995) explora a ideia de que as construções de estrutura argumental formam uma subclasse especial de construções e que é através delas que ocorre a expressão oracional em uma língua. Em outras palavras, a autora assume que os

⁷⁶ A organização dos dados analisados nesta pesquisa no Apêndice pode mostrar, visualmente, essa diferença gradual de produtividade das construções.

padrões oracionais da língua são construções, e, como tais, possuem significado próprio, independentemente das palavras que os compõem. Em particular, a autora explica que cada construção oracional está associada a uma estrutura semântica que reflete cenas básicas da experiência humana, como alguém transferindo algo a alguém, alguém causando o movimento ou mudança de estado de algo, alguém experienciando alguma coisa, alguém se movendo, etc. A proposta é, então, que os tipos oracionais das línguas estejam associados a estruturas semânticas e formas sintáticas as mais gerais possíveis.

Com base em pesquisas sobre a aquisição da linguagem (SLOBIN, 1985; BOWERMAN, 1989; e outros, apud GOLDBERG, 1995), Goldberg (1995) destaca que o que as crianças fazem ao aprenderem a sintaxe de sentenças simples é aprender o modo particular com que cenas básicas da experiência humana são pareadas com formas específicas em sua língua. Após aprenderem conceitos como transferência, causação e mudança de estado, dentre outros, as crianças partem para a tarefa de codificá-los linguisticamente (p. 43). Posteriormente, esses sentidos prototípicos associados às construções são estendidos de várias formas, permitindo ao falante aplicar um padrão já conhecido a novos contextos de maneira sistemática, através da compatibilização entre os sentidos dos itens lexicais e da construção. É importante destacar que a autora observa que nem todas as construções de nível oracional codificam cenas básicas para a experiência humana. Por exemplo, a língua também conta com construções que permitem a codificação de uma estrutura informacional alternativa, como a topicalização ou focalização de argumentos. Segundo Goldberg, as crianças devem também ser sensíveis à estrutura informacional da sentença e aprender construções adicionais que possam codificar a informação pragmática condizente com a mensagem a ser veiculada.

Segundo a autora, esse é o caso da construção passiva: um padrão oracional que possui uma estrutura informacional alternativa. Sendo assim, é razoável pensar que não apenas a construção passiva, mas também a construção incoativa e a medial codificam perspectivas diferentes sobre o tipo de evento associado aos verbos que se compatibilizam com elas. Em outras palavras, as construções incoativa, medial e passiva

podem ser entendidas como construções que servem para codificar diferentes perspectivas sobre as cenas básicas. Por exemplo, a construção incoativa possibilita ao falante codificar apenas a parte processual de um evento causativo. Já a construção medial possibilita ao falante adotar uma perspectiva estativa sobre um evento causativo, transformando-o em uma propriedade. Por sua vez, a construção passiva codifica uma perspectiva que toma uma direção contrária à da perspectiva lexicalizada pelo verbo: ao invés de descrever uma cena a partir do ponto de vista do participante associado prototipicamente ao papel de agente, ela o descreve a partir do ponto de vista do participante associado prototipicamente ao papel de paciente. Portanto, as construções estudadas nesta tese não codificam diretamente uma cena básica da experiência humana, mas uma forma alternativa de concebê-la. Assim, a teoria construcional de Goldberg, cujo foco são as construções de estrutura argumental que refletem cenas básicas da experiência humana, será estendida, neste trabalho, a essas três construções oracionais, que servem à expressão de uma perspectiva diferente da perspectiva agentiva típica.

Goldberg (1995) fornece os seguintes exemplos de construções de estrutura argumental para o inglês, que são discutidos por ela em seu trabalho:

Tabela 3 – Construções de estrutura argumental do inglês

Construções	Significados	Formas sintáticas	Exemplos
Bitransitiva	X CAUSES Y TO RECEIVE Z	Sujeito + Verbo + Obj + Obj2	<i>Pat faxed Bill the letter.</i>
Movimento causado	X CAUSES Y TO MOVE Z	Sujeito + Verbo + Obj + Oblíquo	<i>Pat sneezed the napkin off the table.</i>
Resultativa	X CAUSES Y TO BECOME Z	Sujeito + Verbo + Obj + Xcomp	<i>She kissed him unconscious.</i>
Movimento intransitivo	X MOVES Y	Sujeito + Verbo + Oblíquo	<i>The fly buzzed into the room.</i>
Conativa	X DIRECTS ACTION AT Y	Sujeito + Verbo + Oblíquo _{at}	<i>Sam kicked at Bill.</i>

Os padrões oracionais são considerados construções se algum aspecto de sua forma ou função não for estritamente passível de previsão a partir da forma ou função de suas partes componentes ou de outras construções já existentes na língua. Goldberg (1995) explicita essa premissa através da seguinte condição:

C é uma construção se e somente se C é um pareamento de forma e significado $\langle F_i, S_i \rangle$ tal que algum aspecto de F_i ou algum aspecto de S_i não seja estritamente predizível das partes componentes de C ou de outras construções previamente estabelecidas. (p. 4)

De acordo com esse princípio, os padrões oracionais que emergem das sentenças incoativas, mediais e passivas do PB são, em hipótese, construções da gramática do PB, dotadas de forma e significado próprios.

Goldberg ainda ressalta a importância de se adotar tanto uma abordagem *bottom up* (de baixo para cima, ou seja, do item lexical para a construção), quanto uma abordagem *top down* (de cima para baixo, ou seja, da construção para o item lexical), uma vez que os sentidos dos itens lexicais e da construção interagem. Em outras palavras, a construção contribui para o sentido do verbo, assim como o verbo contribui para o sentido da construção. Portanto, para que um verbo instancie uma construção, é preciso que haja compatibilidade semântica entre eles, caso contrário, a combinação não resultará em uma instância real da língua.

A integração do verbo com a construção é realizada, segundo a autora, através da fusão entre os papéis participantes do verbo e os papéis argumentais da construção. Esses papéis não são primitivos teóricos. Em realidade, Goldberg esclarece que “os papéis são *slots* nas estruturas semânticas” (GOLDBERG, 1995, p. 110). Em outras palavras, os papéis argumentais são definidos como *slots* (lugares) na representação semântica das construções, enquanto papéis participantes são definidos como *slots* na representação semântica dos predicados. Segundo Goldberg, a distinção entre papéis participantes e argumentais serve para capturar o fato de que verbos estão associados a

uma semântica rica e bem específica e, portanto, a papéis semânticos também bem específicos. Por exemplo, o verbo *quebrar* está associado aos papéis participantes *quebrador* e *quebrado*. Por outro lado, o sentido construcional corresponde a “estruturas semânticas decomposicionais” (p. 28), ou seja, a esquemas de eventos tais como “X causa Y receber Z” ou “X age”, etc. e a papéis mais esquemáticos, como *agente*, *paciente*, etc. A autora justifica sua proposta ponderando que as estruturas semânticas decomposicionais não capturam todos os aspectos de sentido dos verbos, mas apenas os aspectos relevantes sintaticamente (LEVIN, 1993; LEVIN e RAPPAPORT-HOVAV 1995, 2005; VAN VALIN, 2005). Sendo assim, segundo Goldberg, as decomposições equivaleriam ao próprio sentido construcional, dado que, em sua proposta, o mapeamento entre semântica e sintaxe, que, em hipótese, se utiliza de informações sintaticamente relevantes, é feito exatamente via construção e não por meio de regras que operam sobre os itens léxicos.

Por exemplo, *quebrar* evoca uma cena em que participam um *quebrador* e um *objeto quebrado*. Já a construção transitiva *Sujeito + Verbo + Objeto*, está associada a dois papéis argumentais, um de agente e outro de paciente. Para que a construção transitiva seja instanciada por *quebrar*, os papéis participantes do verbo devem se integrar aos papéis argumentais da construção. A integração se dá por compatibilidade semântica: os papéis participantes de *quebrador* e de *objeto quebrado* apresentam correspondência semântica com os papéis argumentais de agente e paciente respectivamente, e fundem-se, possibilitando que o verbo instancie a construção.

Segundo Goldberg, as construções (i) especificam de que modo os verbos combinam-se com elas; (ii) restringem a classe de verbos que podem integrar-se a elas; e (iii) especificam o modo como o tipo de evento designado pelo verbo integra-se no tipo de evento designado por elas. Portanto, infere-se que *quebrar* compatibiliza-se com a construção transitiva porque o tipo de evento designado por esse verbo é compatível com o significado da construção, que é, grosso modo, o de transferência de energia entre um agente e um paciente. Em outras palavras, o tipo de evento designado por *quebrar* é uma instância do tipo de evento associado à construção transitiva. Portanto,

conclui-se que descrever um sentido construcional significa descrever as condições de instanciação dessa construção em dada língua, eliminando-se as regras de mapeamento entre semântica e sintaxe. Lembrando que os esquemas representam, para a abordagem construcional, o que as regras representam para uma abordagem baseada em regras lexicais (CROFT, 2007). A diferença está no fato de que os esquemas são da mesma natureza que qualquer outra unidade gramatical: construções, com forma e significado.

A integração entre verbos e construções é governada por dois princípios propostos por Goldberg (1995). O primeiro é o *Princípio da Coerência Semântica*, segundo o qual apenas papéis semanticamente compatíveis podem fundir-se. Esse princípio assegura que o sentido do verbo seja compatível com o sentido da construção que ele instancia. O segundo universal proposto por Goldberg é o *Princípio da Correspondência*, segundo o qual cada papel participante do verbo deve ser expresso e fundido com um papel argumental da construção. Entretanto, Goldberg salienta que, sob algumas condições específicas, os papéis participantes podem não ser expressos: (i) o verbo ocorre em uma construção que serve para, especificamente, sombrear (construção passiva⁷⁷), cortar (construções incoativa e medial) ou juntar (construção reflexiva) um papel participante; ou (ii) o verbo especifica, lexicalmente, que um papel pode não ser expresso com uma interpretação definida (complementos nulos). Dessas condições, duas nos interessam particularmente:

1) *Sombreamento*: o sombreamento é o processo pelo qual um participante é colocado “nas sombras” (p. 57). Segundo a autora, a construção passiva serve para sombrear o papel participante mais alto associado ao verbo e se aplica apenas a verbos associados a

⁷⁷ Segundo Goldberg (2006), a passiva é uma construção que serve para cancelar o princípio da correspondência. Cançado (2005), seguindo ideia de Foley e Van Valin (1984), propõe uma formulação semelhante ao assumir que o mecanismo da construção passiva cancela o princípio da Hierarquia Temática. Na passiva, o argumento com papel temático mais alto na hierarquia (agente) é mapeado em uma posição sintática de baixa proeminência, a de adjunção. Já o argumento com papel temático mais baixo na hierarquia (paciente), é mapeado em uma posição sintática de maior proeminência, a de sujeito. Em vista disso, há um cancelamento da hierarquia, que a língua noticia, segundo Cançado, através do uso obrigatório da preposição introduzindo o agente.

dois ou mais papéis, sendo um deles mais alto em uma hierarquia de papéis do que o outro. Por exemplo, na sentença *A carne foi fatiada*, a construção passiva sombreia o papel participante mais alto associado ao verbo. Por outro lado, um participante sombreado pode ser expresso por um adjunto⁷⁸, sendo, pois, possível uma sentença como *A carne foi fatiada por Maria*.

2) *Corte*: alguns participantes podem ser cortados da cena evocada pelo verbo. A diferença entre um papel participante sombreado e um papel participante cortado é que esse último não pode ser expresso de maneira alguma. Por exemplo, na construção incoativa *O copo (se) quebrou (*por João)* o papel participante agentivo associado ao verbo foi cortado e não pode ser expresso. Goldberg aponta o mesmo para a construção medial *Esse pão corta facilmente (*por Sarah)*, em que o participante agentivo também não pode ser expresso.

Sobre a integração entre papéis participantes e papéis argumentais, Goldberg (2006) reconhece quatro casos possíveis. O caso mais comum e prototípico é aquele em que os papéis participantes lexicalmente associados ao verbo e os papéis argumentais da construção se integram completamente, como em *Ela colocou o pacote sobre a mesa*, em que os três papéis participantes do verbo são integrados aos três argumentos da construção bitransitiva. Outro caso comum é quando a construção acrescenta um argumento que não está lexicalmente associado ao verbo, e que para Goldberg equivale ao adjunto no sentido tradicional. Nesse caso, o adjunto é expresso por uma “construção de adjunto” e não pela construção argumental em si. Um exemplo é *Ele quebrou a janela com um martelo*, em que o termo sublinhado não é um participante associado ao verbo, nem um argumento da construção transitiva, mas foi justaposto a ela através de uma segunda construção, que Goldberg chama de construção de adjunto.

⁷⁸ No caso da passiva, não se trata de um adjunto no sentido tradicional, pois não se trata de uma construção contribuindo com um argumento não associado ao verbo lexicalmente. Em realidade, o agente da passiva está lexicalmente associado ao verbo. Digamos apenas que ele aparece sob a forma de um adjunto tradicional, ou seja, encabeçado por preposição, mas faz parte da construção passiva em si. O próximo parágrafo esclarece como a noção de adjunção é entendida na teoria.

O terceiro caso é quando um argumento é acrescentado pela construção. Por exemplo, em *Ela fez um bolo para ele*, o verbo *fazer* não está lexicalmente associado a um terceiro participante, com papel de recipiente, mas, ao se compatibilizar com a construção bitransitiva, esse argumento é acrescentado pela construção. A última possibilidade lógica é quando um verbo está lexicalmente associado a mais de dois participantes. Por exemplo, como o número máximo de papéis argumentais da construção transitiva são dois⁷⁹ (um para a posição de sujeito e outro para a posição de objeto), esses participantes extras devem ser expressos como adjuntos. Um exemplo seria o verbo *vender*, associado lexicalmente a quatro participantes (um vendedor, um objeto vendido, um comprador e um valor). Para que todos eles sejam expressos na construção transitiva, dois deles tomam a forma oblíqua: *João vendeu a casa para Maria por quinhentos mil reais*.

O caso do agente da passiva, que, formalmente, parece um adjunto, não pode ser explicado por nenhum dos três casos referentes à adjunção apresentados anteriormente. Por exemplo, o agente da passiva, embora tenha ‘cara’ de adjunto, não é um caso de adjunto tradicional, ou seja, não pode ser considerado um caso de “construção de adjunto”, pois o participante que ele exprime (prototipicamente, um agente) está lexicalmente associado ao verbo. Pelo mesmo motivo, o agente da passiva também não pode ser considerado apenas uma contribuição da construção em si. Por fim, o agente da passiva não é um terceiro ou quarto papel participante do verbo para o qual não resta outra posição a não ser a de adjunto. Sendo assim, só resta a primeira possibilidade: aquela em que os papéis participantes do verbo, lexicalmente associados a ele, se integram completamente com os papéis argumentais da construção passiva. Em outras palavras, o agente da passiva é um papel participante do verbo mapeado em um *slot* opcional aberto na própria construção. Sugerimos que o agente da passiva é expresso, quando expresso, em uma estrutura semelhante à de adjunção, ou seja, precedido por preposição, por causa da função associada à construção, que é a de desfocalização do agente, atendida através do sombreamento do papel participante a

⁷⁹ Cançado, em sua proposta para argumentos e complementos (2009), baseia-se em ideias semelhantes à classificação de Goldberg.

ser desfocalizado. Ou seja, em hipótese, o fato de o agente da passiva, que exprime um participante lexicalmente associado ao verbo, ser expresso na forma de um adjunto, precedido por preposição, é motivado pelas informações semântico-pragmáticas da construção passiva, ou, em última instância, por seu significado construcional.

De acordo com Goldberg (1995), as construções de estrutura argumental estão associadas a uma família de sentidos relacionados, ao invés de possuírem um único sentido abstrato e fixo. Na verdade, existe um sentido construcional central, prototípico e outros sentidos periféricos relacionados. Essa família de sentidos construcionais se relaciona de forma polissêmica. A polissemia constitui-se um fenômeno natural para a teoria, dada a hipótese do contínuo entre léxico e sintaxe em detrimento de uma divisão rígida entre essas dimensões da língua. Por exemplo, na análise da construção bitransitiva do inglês, Goldberg (1995) propõe um sentido central mais básico e outros sentidos relacionados. O significado central da construção é: “um agente realiza uma transferência bem-sucedida de um objeto paciente para um recipiente”. Com esse sentido central, compatibilizam-se: (a) os verbos que inerentemente evocam atos de cessão (*dar, passar, entregar*); (b) os verbos que evocam causação instantânea de movimento (*atirar, arremessar, chutar*); e (c) os verbos que significam causação contínua de movimento em uma direção deitivamente especificada (*trazer, levar*).

No entanto, algumas instanciações da construção bitransitiva não implicam exatamente uma transferência bem sucedida de um objeto para um recipiente, apresentando sentidos que não equivalem a esse sentido central, mas que se relacionam semanticamente a ele. A autora trata esses sentidos como extensões metafóricas do sentido central. São apontados cinco sentidos relacionados para a construção bitransitiva: um em que o agente tem intenção de realizar a transferência, com verbos de criação (*cozinhar, preparar, fazer*) e de obtenção (*conseguir, obter, ganhar*); um segundo, em que o agente compromete-se a realizar a transferência, com verbos de obrigação (*prometer, garantir*); um terceiro sentido, em que o agente faz com que a transferência se realize em um momento futuro, com verbos de posse futura (*enviar, remeter*); um quarto sentido, em que o agente permite que a transferência se

realize, com verbos de permissão (*deixar, permitir*); e o último sentido, em que o agente nega a transferência, com verbos de recusa (*recusar, negar*). Portanto, segundo Goldberg, o padrão sentencial bitransitivo *X CAUSA Y RECEBER Z* é polissêmico, na medida em que se associa a uma família de sentidos sistematicamente relacionados. A transferência bem-sucedida é considerada o sentido central porque, segundo a autora, além de ser o sentido mais saliente cognitivamente, os outros sentidos relacionados podem ser representados como extensões metafóricas desse sentido mais básico.

A construção bitransitiva, em seu significado central, é representada por Goldberg da seguinte maneira:

Sem	CAUSE-RECEIVE	< agt	rec	pac >
	R		⋮	
R: instância, modo	PRED	<		>
	↓	↓	↓	↓
Sin	V	SUJ	OBJ	OBJ ₂

Figura 1 – A construção bitransitiva do inglês⁸⁰

Segundo Goldberg, a semântica associada à construção bitransitiva é ‘CAUSE-RECEIVE <agt rec pat>’, ou seja, grosso modo, o significado da construção bitransitiva do inglês é ‘um agente causa um recipiente receber um paciente’. Os papéis argumentais da construção de agente e paciente devem ser, obrigatoriamente, fundidos aos papéis participantes correspondentes do verbo, como mostram as linhas sólidas. Já o papel argumental de recipiente, como indica a linha pontilhada, não precisa ser obrigatoriamente fundido ao papel participante correspondente do verbo, o que indica que ele pode ser um papel contribuído apenas pela construção. A construção, sendo um pareamento entre forma e significado, também especifica o mapeamento entre os

⁸⁰ Retirada de Goldberg, 1995, p.50, figura 2.4.

papéis argumentais e as funções sintáticas, como mostram as setas. PRED é uma variável a ser preenchida por um verbo particular quando esse é integrado à construção, como mostra a estrutura composta abaixo:

Sem	CAUSE-RECEIVE	< agt	rec	pac >
	R		⋮	
R: instância, modo	HAND	<hander handee handed>		
	↓	↓	↓	↓
Sin	V	SUJ	OBJ	OBJ ₂

Figura 2 – Construção bitransitiva + verbo *hand*⁸¹

O verbo *hand* (entregar) ilustra, segundo Goldberg, o caso típico de mapeamento entre o nível semântico e o nível sintático da construção. Nesse caso, os papéis participantes associados com o verbo estão numa correspondência ‘um para um’ com os papéis argumentais associados à construção. Por exemplo, o papel argumental de agente, por compatibilidade semântica, se funde ao papel participante de *hander* (entregador), assim como os papéis de recipiente e de paciente se fundem aos papéis de ‘rebedor’ e de ‘objeto entregue’ do verbo, respectivamente.

A construção também especifica o modo com que o verbo é integrado, ou seja, que tipo de relação R pode haver entre verbo e construção, servindo como uma restrição aos tipos de classes de verbos que podem ser associados às construções. Segundo Goldberg, normalmente, o tipo de evento designado pelo verbo é uma instância do evento mais geral designado pela construção. Esse é o caso de *hand* em relação à construção bitransitiva, ou seja, o verbo *hand* e outros verbos de sua classe referem-se lexicalmente a um tipo de evento de transferência, e sabemos que o significado de transferência está associado à semântica da construção bitransitiva.

⁸¹ Retirada de Goldberg, 1995, p. 51, figura 2.5.

Entretanto, existem casos em que os verbos não denotam diretamente a semântica associada à construção, mas podem especificar um tipo de relação semântica perante a construção. Por exemplo, além de uma relação direta de instância, os verbos compatíveis com a construção bitransitiva do inglês também podem denotar o modo pelo qual a ação é performada. Esse é o caso do verbo *kick*, que especifica o modo pelo qual a transferência é realizada:

(1) Joe kicked Bob the ball.

Na construção acima, o sentido de transferência da construção bitransitiva é satisfeito através de uma relação R de modo, ou seja, o verbo se compatibiliza com a construção atendendo a essa relação especificamente. Portanto, ao especificar uma relação R, uma construção está restringindo os tipos de predicados que podem se compatibilizar com ela.

Apesar de Goldberg preferir uma análise polissêmica para o sentido construcional, definindo para a construção um significado mais central, baseado nas decomposições semânticas, e outros sentidos relacionados, é importante notar que nem sempre os aspectos de sentido comuns a uma classe de verbos correspondem ao sentido geral de uma construção. Existe a possibilidade de atribuir um único significado geral e abstrato para uma construção, de modo que esse significado englobe todas as instâncias da construção estudada. Esse é o caso, por exemplo, do tipo de representação geralmente atribuída à construção transitiva na literatura: uma estrutura única, cuja semântica consiste de dois “proto-papéis” e um significado bem abstrato (cf. GOLDBERG, 1995, p. 117). Sobre a construção transitiva, Goldberg especula que o mais adequado seria representá-la por meio de uma família de significados relacionados, com a “cena transitiva” prototípica sendo o sentido central (GOLDBERG, 1995, p. 118). Porém, no caso das construções estudadas neste trabalho, um único significado geral parece funcionar bem (ver capítulo 4). Esse modo de utilizar a teoria não parece contraditório a nenhuma de suas premissas básicas ou princípios de organização. Como

a autora argumenta, em trabalho mais recente (2006), um significado mais geral é mais útil para prever o significado de um padrão oracional e utilizá-lo criativamente.

Assim, as representações semânticas em predicados primitivos serão utilizadas neste trabalho como um passo intermediário para alcançar um significado mais geral para as construções estudadas. A noção de raiz, conjugada aos predicados primitivos, satisfaz a necessidade apontada por Goldberg de haver uma especificação do significado verbal que não se restrinja apenas aos aspectos de sentido relevantes sintaticamente. Uma consequência da análise das classes de verbos em predicados primitivos nesta pesquisa é a caracterização de parte da rede polissêmica associada à construção transitiva que Goldberg vislumbra. Ou seja, este trabalho abre a possibilidade de que as representações semânticas para as classes verbais analisadas possam ser entendidas como representações dos sentidos associados à construção transitiva.

Segundo Goldberg, a construção, sendo dotada de significado, também contribui para o sentido do verbo⁸². Assim, ao invés de se postular sentidos diferentes ou especializados para cada configuração argumental em que um verbo aparece, a autora propõe que são as construções que permitem mudar os aspectos gerais da interpretação de um verbo. Por exemplo, o verbo *slice*, do inglês, pode apresentar sempre um mesmo sentido, de “cortar com um instrumento afiado”, sendo que as várias construções de estrutura argumental em que ele aparece fornecem outros aspectos da interpretação geral. Na construção *he sliced the bread*, o significado será o do verbo mais o de alguém agindo em algo; na construção *Pat sliced the carrots into the salad*, tem-se o significado adicional de alguém causando o movimento de algo; já na construção *Pat sliced Chris a piece of pie*, tem-se o significado de alguém com a intenção de causar que outro alguém receba algo; e assim sucessivamente (cf. GOLDBERG, 1995, 2006). Entretanto, isso não significa assumir que não há polissemia no nível lexical. Ou seja, naturalmente, há polissemia na medida em que a teoria assume que o verbo pode estar associado a mais de um sentido como decorrência de sua integração à construção.

⁸² Dowty (2001) parece dizer o mesmo, embora em outras palavras, ao assumir que um verbo, quando altera sua diátese, também altera suas nuances de sentido, sem ter que estar necessariamente associado a mais de uma entrada lexical.

Em conclusão, a teoria construcional pretende caracterizar as construções que formam o repertório linguístico dos falantes de uma maneira integrada e extensiva aos casos menos típicos. Ao reconhecer a existência de um conteúdo para as construções, a teoria construcional incorpora a noção da composicionalidade na interpretação final das expressões da língua. Goldberg (1995) salienta que o sentido de uma expressão é o resultado da integração dos sentidos dos itens lexicais dentro dos sentidos das construções. Dessa forma, segundo a autora, não é preciso assumir que a sintaxe e a semântica de uma sentença são projetadas exclusivamente das especificações do verbo. Além disso, a teoria preocupa-se, também, em descrever o conhecimento gramatical do falante no que diz respeito às condições sob as quais uma construção pode ser utilizada com sucesso. Ainda, Goldberg (2006) se dedica especialmente a investigar a natureza da generalização na linguagem. Baseando-se em estudos sobre psicologia e aquisição/aprendizagem da linguagem⁸³, a autora argumenta que, em termos cognitivos, uma abordagem que enfatiza o papel do significado dos padrões oracionais parece fazer mais sentido para explicar como se dá a aprendizagem.

3.5 A Decomposição de Predicados

A decomposição de predicados será utilizada nesta pesquisa como um instrumento de análise e representação do significado das classes de verbos analisadas, a fim de possibilitar uma representação do próprio significado das construções estudadas. A adoção da noção de papel temático como um primitivo teórico se torna desnecessária porque, em hipótese, uma representação adequada do significado dos verbos permite tratar os papéis semânticos associados a seus participantes como uma decorrência natural dessa representação⁸⁴ (CROFT, 1998). Consequentemente, os problemas decorrentes da adoção da noção tradicional de papéis temáticos são evitados. Em poucas palavras, noções como agente, paciente, tema, etc., embora muito

⁸³ Uma referência é Tomasello (2003).

⁸⁴ Para uma análise do papel das noções de papéis temáticos na teoria construcional, consulte-se Barddal (2001).

intuitivas, não são conceitos convergentes entre os autores e, às vezes, são até sobrepostas: por exemplo, Fillmore (1968, 1971) define o agente como um ente animado responsável pela ação ou desencadeamento dos processos, enquanto Chafe (1970) inclui forças naturais, causas e inanimados nessa mesma função. Já Cook (1979) define objetivo da mesma maneira que Gruber (1965) define tema: como o objeto em movimento ou locado. Portanto, as noções de agente e paciente serão utilizadas neste trabalho apenas descritivamente e prototipicamente, ou seja, ao se mencionar o agente de um evento está-se fazendo menção ao participante conceptualizado como o desencadeador ou iniciador do evento, cujo papel prototípico é o de agente.

A decomposição de predicados é uma análise do sentido dos verbos com o intuito de fornecer uma representação semântica do evento denotado por eles e agrupá-los conforme os tipos de eventos que nomeiam. Essa representação é alcançada através da decomposição do significado dos verbos em elementos semânticos básicos, ou predicados semânticos primitivos, que representam os componentes de significado que são recorrentes nos grupos de verbos (LEVIN e RAPPAPORT HOVAV, 2005, p.69). Essa ideia tem sido explorada por muitos semanticistas lexicais (JACKENDOFF, 1990; LEVIN E RAPPAPORT-HOVAV, 1995, 1999, 2005; RAPPAPORT E LEVIN 1998, 2010; LEVIN, 2009; VAN VALIN e LAPOLLA, 1997; VAN VALIN, 2005; WUNDERLICH, 2000; etc.) e pode ser entendida como uma teoria de tipos de eventos. As decomposições permitem não apenas verificar os aspectos de significado mais gerais associados a uma classe de verbos, mas também preservam os aspectos mais específicos e idiossincráticos de seu significado, que são atribuídos à “raiz”. Por exemplo, na representação abaixo, proposta por Cançado (2010), ACT, CAUSE e BECOME são predicados primitivos, sendo ACT um predicado opcional na interpretação, como os parênteses indicam. X e Y correspondem aos participantes associados ao verbo. O elemento entre colchetes angulados é a “constante” (RAPPAPORT-HOVAV E LEVIN, 1998) ou “raiz” (LEVIN E RAPPAPORT-HOVAV, 2005), que representa o sentido idiossincrático de cada verbo:

(2) v: [[X (ACT)] CAUSE [Y BECOME <STATE>]]⁸⁵

Um verbo, como *quebrar*, sendo membro da classe de verbos representada em (2), tem a seguinte representação semântica especificamente:

(3) *quebrar*: [[X (ACT)] CAUSE [Y BECOME <QUEBRADO>]]

Numa representação semântica, as funções semânticas ou os papéis participantes dos verbos são inferidos de acordo com a posição que eles ocupam em relação aos predicados. Por exemplo, no caso da representação semântica de *quebrar*, o participante X pode estar associado ao papel de *agente*, no caso de ACT estar presente, ou ao papel de *causa*, no caso de ACT não estar presente⁸⁶. O participante Y, sendo argumento de BECOME, que denota uma mudança, está associado ao papel prototípico de *paciente*. A raiz, de tipo ontológico *STATE*, remete a um estado resultante, capturada por um adjetivo relacionado, que, no caso de *quebrar*, é o adjetivo *quebrado*. Sendo responsável pela parte idiossincrática do significado, a raiz permite incorporar a observação de Goldberg (1995) de que os verbos estão associados a uma semântica ainda mais rica do que aquela que predicados semânticos primitivos podem capturar.

As representações semânticas funcionam, neste trabalho, como esquemas semânticos para agrupamentos de verbos. Por exemplo, a representação semântica dada em (2) funciona como um esquema para a classe de verbos causativos/agentivos de mudança de estado, indicando os componentes de sentido que eles têm em comum e os aspectos de significado que lhes são específicos através da raiz. Portanto, essas representações semânticas também podem ser entendidas como **construções**, pois o significado que representam está associado a forma sintática esquemática (V). A diferença entre uma representação semântica de uma classe de verbo e um verbo

⁸⁵ Optamos por manter os predicados primitivos em inglês, como já estabelecido na literatura em semântica lexical.

⁸⁶ Ver capítulo 2 para uma revisão da proposta de Cançado e os motivos que a levam a postular a opcionalidade de ACT. Formulação semelhante é encontrada no trabalho de Jackendoff (1990, cap. 4).

específico está apenas no nível de esquematicidade: enquanto a representação é uma unidade esquemática, o verbo seria uma unidade de conteúdo (cf. LANGACKER, 2008). Como toda construção esquemática, as representações semânticas emergem dos significados individuais dos verbos que as instanciam, portanto, faz sentido examinar detidamente o significado das classes de verbos compatíveis com cada construção para determinar seu significado construcional.

Os verbos que fazem parte do *corpus* de análise desta pesquisa se encontram disponíveis para consulta no Apêndice desta tese e foram agrupados nas seguintes grandes classes semânticas, a serem detalhadas a seguir: verbos estritamente agentivos, verbos causativos/agentivos, verbos estritamente causativos, verbos de obtenção, verbos de experiência e verbos de estado puro.

Verbos estritamente agentivos

Os verbos estritamente agentivos são aqueles que estão associados, necessariamente, a um participante agentivo prototípico, ou seja, volitivo e intencional. Essas características são representadas através do predicado primitivo ACT. Entretanto, esses verbos podem se subdividir, dependendo do tipo de efeito que a ação denotada tem sobre o participante que a recebe, entre as seguintes subclasses:

- os verbos agentivos **de afetação**, segundo Cançado e Godoy (2009), são verbos cuja ação de X produz como resultado uma afetação geral em Y. Um exemplo é o verbo *cortar*, cujo sentido está inerentemente associado a uma cena de ação em que um participante, ao agir, causa um corte em outro participante. A representação semântica dessa classe de verbos, conforme proposta pelas autoras, é v: [[X ACT] CAUSE [<AFFECTEDNESS> of Y]].

- os verbos agentivos **de mudança de lugar** são aqueles que podem ser interpretados pela paráfrase *colocar algo/alguém em (lugar)* (cf. CLARK e CLARK, 1979, e HALE e

KEYSER, 2002). Esses verbos são mais específicos quanto ao efeito que a ação associada a seu significado produz, acarretando uma mudança de lugar para o participante Y. Um exemplo dessa classe é o verbo *arquivar*, cujo sentido está associado a uma cena de ação, em que X coloca Y em um arquivo. A representação semântica dessa classe, retirada de Cançado e Godoy (2010), é v: [[X ACT] CAUSE [Y BECOME IN <PLACE>]].

- os verbos agentivos **de locatum** são aqueles que podem ser interpretados através da paráfrase *X provê Y com (substância)* (HALE e KEYSER, 2002). A ação associada a seu significado produz o efeito de prover o participante Y com algo. Um exemplo é o verbo *amanteigar*, cujo sentido está associado a uma cena de ação em que X provê Y com manteiga. A representação semântica para essa classe, retirada de Cançado e Godoy (2010), é v: [[X ACT] CAUSE [Y BECOME [WITH <THING>]]].

- os verbos **de criação**, segundo Cançado e Godoy (2009), são verbos cuja ação de X produz Y (ou, um “tema incremental”, nos termos de Dowty, 1991), e não uma afetação em Y. Segundo as autoras, o sentido dos verbos dessa classe evoca uma maneira específica de agir do participante agentivo e, portanto, são representados com uma raiz que é uma especificação do predicado ACT (*MANNER*). Um exemplo é o verbo *fabricar*, cujo sentido está associado a uma cena de ação em que X cria, de uma maneira específica, o participante Y. A representação semântica dessa classe é v: [[X ACT <MANNER>] CAUSE [CREATION of Y]].

- os verbos **benefactivos**, segundo Cançado e Godoy (2010), são verbos que podem ser interpretados pela paráfrase *X provê Y com (benefício)*. Um exemplo é o verbo *ajudar*, cujo sentido está associado a uma cena de ação em que X provê Y com ajuda. Uma peculiaridade desses verbos é que sua raiz está associada necessariamente a participantes humanos, ou a designações de participantes humanos, como *a igreja*, *a empresa*, etc. A representação semântica dessa classe é semelhante à dos verbos de *locatum*, com a diferença de que as raízes dos verbos benefactivos estão associadas a

algo abstrato, como ajuda. Sua representação é v: [[X ACT] CAUSE [Y BECOME [WITH <THING>]]].

Verbos causativos/agetivos

Os verbos causativos/agetivos não são verbos estritamente agentivos, ou seja, seu sentido não envolve um participante necessariamente agentivo (dotado de volição, iniciativa, controle, etc.). Em realidade, esses verbos lexicalizam uma cena que pode ser conceptualizada a partir de um agente prototípico ou de uma causa (cf. CIRÍACO e CANÇADO, 2009, e CANÇADO, 2010). Por exemplo, o desencadeador da ação denotada por *cortar* só pode ser interpretado como um agente prototípico⁸⁷. Por outro lado, o desencadeador do evento descrito por *quebrar* pode ser conceptualizado como agente, como na sentença *João, intencionalmente, quebra a xícara*, ou apenas como causa, como na sentença *João, por acidente, quebra a xícara*. O sentido lexicalizado por um verbo causativo/agentivo, sozinho, não determina se o evento denotado é uma ação ou uma causação. Para capturar essa opcionalidade de interpretação do participante do qual parte o evento, Cançado (2010) propõe notar o predicado primitivo ACT entre parênteses. Além disso, verbos causativos/agetivos sempre denotam uma mudança de estado para o participante Y (LEVIN e RAPPAPORT-HOVAV, 1995, e CANÇADO, 2010). Baseando-se em Parsons (1990), Cançado associa o sentido de mudança de estado a um subevento descrito por *become ADJ*, que utiliza um adjetivo para descrever o estado resultante da mudança⁸⁸. Ontologicamente, o adjetivo se relaciona à raiz STATE. Esses verbos podem ser subdivididos ainda em relação ao tipo de mudança de estado, que pode ser física, como no caso do verbo *quebrar*, ou psicológica, como no caso do verbo *acalmar*. Essa diferença é veiculada por suas raízes, sendo a representação semântica

⁸⁷ Mesmo se pensarmos em uma sentença como *A faca cortou o pão*, o argumento *a faca* é um instrumento, e traz consigo a informação de um agente – instrumentos são, necessariamente, utilizados por agentes.

⁸⁸ Utiliza-se o adjetivo morfologicamente relacionado ao verbo como raiz. As formas de participio desempenham essa função na falta de um adjetivo tradicional.

adotada para ambos os tipos uma só, dada por v: [[X (ACT)] CAUSE [Y BECOME <STATE>]].

Verbos estritamente causativos

Verbos estritamente causativos são verbos que denotam uma mudança de estado e não envolvem, de modo algum, um agente na realização dessa mudança. Segundo Cançado (1995), o participante X não pode nunca ser interpretado como uma entidade, mas denota sempre um evento. Por exemplo, em *João preocupa Maria*, *João* não pode ser interpretado como um agente, mas apenas como causa, pois não é o João em si que preocupa Maria, mas algo que ele faz ou alguma característica que ele possui. Em realidade, João pode nem saber que é motivo de preocupação para Maria (cf. CANÇADO, 1995). Em outras palavras, o argumento *João* é utilizado de maneira metonímica: o indivíduo por suas ações ou propriedades. Essa é uma característica sistemática entre os verbos dessa classe. Além disso, a mudança de estado efetivada é sempre de natureza psicológica, nunca física. Esse aspecto semântico é atribuído à raiz na representação semântica dessa classe, que segundo Cançado e Godoy (a sair) é dada por v: [[X] CAUSE [Y BECOME <STATE>]].

Verbos de obtenção

A classe de verbos de obtenção está sendo proposta neste trabalho com base em Levin (1993). Segundo a autora, há verbos que nomeiam tipos de eventos de obtenção. Esses verbos estão associados a uma cena em que um participante X obtém, de certa maneira, o participante Y. Um exemplo é o verbo *ganhar*, que lexicaliza uma cena eventiva em que X obtém Y de certo modo, ou seja, ganhando. Do mesmo modo, o verbo *conseguir* também lexicaliza uma cena eventiva em que X obtém Y de certo modo, ou seja, conseguindo. Esse é o significado comum a esses verbos, responsável por agrupá-los em uma classe. Uma peculiaridade dessa classe é que alguns verbos podem ter uma raiz

que atribui propriedades de esforço ou intenção para o participante associado a X. Por exemplo, em *X consegue Y*, X teve a intenção ou interesse de conseguir Y necessariamente. Por outro lado, para o verbo *ganhar*, esse aspecto de sentido só emerge dependendo da composição semântica de seu sentido com o objeto conseguido. Por exemplo, em *X ganha um presente*, não se pode inferir necessariamente que X se esforçou ou teve interesse em ganhar. Já quando *X ganha uma aposta*, a composição dos significados de *ganhar* com *uma aposta* permitem fazer tal inferência. Sendo assim, propõe-se o predicado primitivo GET para representar o aspecto de sentido comum desse grupo de verbos, que é a obtenção; e uma raiz que especifica o modo de obtenção, ou seja, MANEIRA. A representação proposta é v: [X GET <MANEIRA> Y].

Verbos de experiência

Os verbos de experiência foram agrupados com base na classe de verbos “psicológicos estativos” de Cançado (1995). Esses verbos lexicalizam a conceptualização de um evento de experiência psicológica de um participante X para um participante Y. Por exemplo, o verbo *amar* denota uma experiência de amor de X para Y. O fato de haver uma direção da experiência é importante, pois é sabido, para essa classe de verbos, que o participante que direciona a experiência é associado à posição de sujeito na construção transitiva. Esse aspecto de sentido também parece ter um papel na compatibilização dessa classe de verbos com a construção passiva (ver capítulo 4). O aspecto de sentido comum, de experiência, será representado pelo predicado EXPERIENCE. A raiz, de tipo ontológico THING, especifica o tipo de experiência lexicalizada por cada verbo em particular. Por exemplo, no caso de *amar*, X experiencia amor por Y. Sendo assim, a representação proposta é v: [X EXPERIENCE <THING> for Y].

Verbos de estado puro

Verbos de estado puro são aqueles que lexicalizam apenas uma relação estativa entre um participante X e um participante Y. Esses verbos não parecem estar associados, semanticamente, a algum tipo de assimetria entre os participantes. Por exemplo, o verbo *custar* lexicaliza uma relação de custo entre um objeto e um valor. Para representar essa classe, propõe-se a seguinte representação semântica v: [X <RELATION> Y]. Há verbos que podem estar associados a mais de uma conceptualização, como é o caso do verbo *medir*. Esse verbo pode estar associado a uma conceptualização estativa, como em *essa sala mede dois metros quadrados*. Nesse caso, a representação semântica associada a *medir* é a de um estado puro. Por outro lado, o verbo *medir* também pode estar associado a uma conceptualização agentiva ou causativa, como no caso de *ele mediu a sala*, em que a representação semântica associada a essa conceptualização seria de outra natureza. A classe de verbos de estado puro inclui, portanto, apenas verbos que designam estado puro ou conceptualizações estativas de descrições de eventos, como acontece para o verbo *medir*.

Os capítulos seguintes trazem a análise dessas classes de verbos nas construções incoativa, medial e passiva. A referência a essas classes será feita de forma a reorganizá-las de acordo com o que for relevante para cada caso. Por exemplo, no caso da incoativa, as classes de verbos causativos/agentivos e de verbos estritamente causativos serão agrupadas como uma só grande classe de verbos de mudança de estado, por esse ser o aspecto semântico mais relevante para essa construção em especial.

3.6 Considerações finais

Para finalizar esse capítulo, retomamos que a análise desta tese fará uso da Gramática de Construções, uma teoria que se fundamenta na motivação semântica para proceder à análise das estruturas linguísticas. Além de seus pressupostos teóricos,

foram apresentadas noções caras à teoria, como o conceito de construção gramatical e a noção de contínuo entre o léxico e a gramática, em detrimento da separação rígida destes em componentes. Tal contínuo corresponde, em hipótese, ao modo como o conhecimento gramatical está representado na mente dos falantes. Explicamos, também, que essa organização contínua poderá ser observada, comparativamente, nas construções estudadas. Vimos ainda como a teoria se desenvolve em relação às construções de estrutura argumental, para que possamos aplicá-la às construções incoativa, medial e passiva do PB, que analisamos como construções de mudança da perspectiva canônica em PB. Por fim, apresentamos o instrumental utilizado para a análise e classificação dos verbos e para o estudo das compatibilidades lexicais de cada construção, que é a decomposição do sentido dos verbos em predicados primitivos, e as classes de verbos analisadas.

Capítulo 4

Análise das construções

4.1 Introdução

Neste capítulo será apresentada a análise das construções incoativa, medial e passiva do PB. Os principais objetivos deste capítulo são identificar o significado das construções estudadas e propor uma representação para cada uma delas. Para alcançar esses objetivos, algumas classes de verbos⁸⁹ do PB e suas respectivas representações semânticas, conforme apresentado no capítulo 3, foram utilizadas como instrumento de análise. Essas classes de verbos serão reorganizadas ao longo da análise, de acordo com o que for mais relevante para cada construção em especial. Realçamos que os resultados encontrados referem-se a algumas classes de verbos do PB, mais representativas, e não a todos os verbos da língua.

A análise também mostrará o modo como as construções incoativa, medial e passiva ilustram o contínuo entre o léxico e a gramática adotado na Gramática de Construções (ver capítulo 3). Retomando brevemente, nessa teoria o léxico e a gramática formam um contínuo, ao invés de serem tratados como componentes isolados. Assim, as construções⁹⁰ da língua se organizam ao longo desse contínuo, havendo construções mais lexicais e construções mais gramaticais do que outras. O que caracteriza uma construção como mais ou menos gramatical é sua natureza esquemática, ou seja, o fato de ela ser um padrão oracional fixo com preenchimento lexical variável. Por exemplo, a construção transitiva, caracterizada sintaticamente por *Sujeito V Objeto*, pode ser preenchida por itens lexicais variados, sendo uma construção esquemática da língua. Por outro lado, o que caracteriza uma construção como mais ou menos lexical é seu conteúdo substantivo e específico. Um exemplo de construção mais

⁸⁹ Todos os verbos analisados nesta pesquisa são verbos associados lexicalmente a dois participantes. Ver apêndice para uma consulta a esses dados.

⁹⁰ Retomando, nessa teoria há apenas um tipo de unidade linguística: a construção, que é uma associação de forma e significado. Assim, tanto palavras quanto padrões oracionais são construções.

lexical é a palavra *livro*. Nesses termos, as construções estudadas neste trabalho são mais gramaticais, pois apresentam preenchimento lexical variável, sendo mais ou menos esquemáticas. Assim, de forma geral, tanto incoativa, quanto medial e passiva se situam mais para o lado gramatical do contínuo entre o léxico e a gramática.

Já em uma análise interconstruções, se considerarmos a produtividade⁹¹ das construções estudadas em relação às classes de verbos analisadas, percebemos uma organização gradual entre elas: a incoativa ocorre com menos classes verbais do que a medial, que por sua vez ocorre com menos classes verbais do que a passiva. Em hipótese, uma construção mais produtiva, como a passiva diante das outras duas, está associada a um significado mais geral, a fim de englobar todos os significados individuais dos verbos que a instanciam; já uma construção menos produtiva, como a incoativa, está associada a um significado mais específico e restrito, pois são poucos os itens lexicais verbais que a instanciam. Partindo dessa hipótese, propõe-se que, no que se refere ao significado construcional, as construções incoativa, medial e passiva ilustram um contínuo entre informação específica e informação geral, à semelhança da hipótese do contínuo entre o léxico e a gramática adotada pela Gramática de Construções.

Em resumo, este capítulo também mostrará como a semântica associada às construções incoativa, medial e passiva corrobora a hipótese de uma organização contínua para o conhecimento linguístico. A incoativa (seção 4.2) está para o extremo mais lexical desse contínuo, apresentando um significado mais específico e restrito a apenas um grande grupo de verbos. A medial (seção 4.3) se encontra no meio do contínuo, apresentando um significado com alguns aspectos de sentido mais específicos e outros mais gerais. Por fim, a passiva (seção 4.4) ocupa o lado mais gramatical desse contínuo, sendo a mais produtiva das três e, conseqüentemente, apresentando um significado mais geral e esquemático.

⁹¹ Relembrando, a produtividade de uma construção é determinada pelo número de itens lexicais distintos que nela podem ser usados, ou sua “frequência de tipo”(BYBEE e THOMPSON, 2000).

4.2 A construção incoativa do PB

Em primeiro lugar, vamos atestar a existência do padrão oracional incoativo como uma construção do PB. Para reconhecer a existência da construção incoativa, é preciso mostrar que há aspectos da sintaxe e/ou da semântica das expressões incoativas que não podem ser atribuídos a outras construções existentes na língua. Em relação à forma, a construção incoativa se caracteriza por uma configuração sintática de apenas um argumento, em que o clítico *se* aparece opcionalmente:

(1) Suj. (se) V

Em (1) está definido o polo sintático da construção incoativa. Esse polo sintático está associado a um polo semântico, formando uma construção única e distinta na língua. O polo semântico de uma construção é caracterizado por aspectos semântico-pragmáticos de sentido.

No caso da construção incoativa, seu polo semântico se caracteriza pelo significado de mudança de estado. Por exemplo, a expressão incoativa a seguir significa que houve uma mudança de estado para o participante designado pelo sintagma *o vaso*. Esse participante mudou de estado porque passou do estado de não quebrado para o estado de quebrado:

(2) O vaso (se) quebrou.

Da mesma maneira, as expressões incoativas seguintes também estão associadas ao significado de mudança de estado para o participante do verbo que está em posição de sujeito:

(3) A sala (se) iluminou.

(4) Ela (se) assustou.

A expressão mostrada em (3) significa que o participante designado pelo sintagma *a sala* passou do estado de não iluminado para o estado de iluminado; e a expressão mostrada em (4) significa que o participante designado pelo sintagma *ela* passou do estado de não assustado para o estado de assustado. Em comum, as expressões mostradas em (2)-(4) possuem o significado de mudança de estado, que é intrínseco à construção e não pode ser negado:

(5) O vaso (se) quebrou, *mas não mudou de estado.

(6) A sala (se) iluminou, *mas não mudou de estado.

(7) Ela (se) assustou, *mas não mudou de estado.

O significado de mudança de estado está associado à construção incoativa como um todo, e não aos itens lexicais que a instanciam. Em outras palavras, nos exemplos mostrados acima, o significado de mudança de estado é um aspecto semântico da construção e não dos verbos *quebrar*, *iluminar* e *assustar* especificamente. Por exemplo, esses verbos, quando integrados a outro padrão oracional, como a construção transitiva, apresentam o significado de causar uma mudança de estado e não, simplesmente, o significado de mudar de estado presente na construção incoativa:

(8) João quebrou o vaso.

(9) O produtor iluminou a sala.

(10) O inseto assustou a menina.

Para evitar a postulação de um sentido verbal a cada padrão oracional em que esse verbo aparece, atribui-se o significado de mudança de estado à própria construção incoativa. Portanto, o padrão oracional incoativo é uma construção da língua, em que a forma mostrada em (1) está associada ao significado de mudança de estado.

Além do significado de mudança de estado, o polo semântico da construção incoativa se caracteriza pela função de desfocalização do agente (SHIBATANI, 1985). No

capítulo 3, explicou-se que a construção incoativa, assim como a medial e a passiva, são construções que servem para codificar uma conceptualização diferente da perspectiva lexicalizada pelos verbos. A construção incoativa, em especial, codifica uma conceptualização que muda a perspectiva causativa associada lexicalmente aos verbos que a integram para uma perspectiva processual (de mudança de estado apenas). Essa mudança de perspectiva se dá, especificamente, através do corte do participante associado ao papel de agente no sentido lexicalizado pelos verbos que integram a construção. Uma evidência é o fato de que um agente não pode aparecer na construção de modo algum:

- (11) O vaso (se) quebrou *pelo João.
- (12) A sala (se) iluminou *pelo produtor.
- (13) A menina (se) assustou *pelo inseto.⁹²

Dadas a sua forma sintática, que se caracteriza pela opcionalidade do clítico *se*, e a sua função semântico-pragmática de desfocalização do agente, a construção incoativa se distingue de um outro tipo de construção intransitiva formada com os verbos chamados por Cançado e Amaral (a sair) de incoativos. Um exemplo dessa construção intransitiva é *a banana amadureceu*. Essa construção não se caracteriza formalmente pela opcionalidade do clítico, como mostra a agramaticalidade de **a banana se amadureceu*, e, portanto, difere sintaticamente da construção incoativa estudada nesta tese. Além disso, essa classe de verbos estudada por Cançado e Amaral é, segundo as autoras, composta por verbos que lexicalizam apenas mudança de estado. Consequentemente, a construção em questão, formada com esses verbos, que aparentemente também veicula o significado de mudança de estado, não apresenta a função semântica de mudar a perspectiva lexicalmente associada aos verbos que a instanciam. A função de mudança de perspectiva é uma característica do polo

⁹² O fato de expressões como *a menina (se) assustou com o inseto* e *o vaso (se) quebrou com o vento* serem possíveis não invalida a argumentação. A interpretação de agente para os participantes designados por *inseto* e *vento* nesses casos continua indisponível.

semântico da construção incoativa, o que a distingue semanticamente desse tipo de construção intransitiva formada com os verbos do tipo de *amadurecer*. Diante desses fatos, assume-se que a construção incoativa estudada neste trabalho é diferente da construção intransitiva formada com os verbos analisados por Cançado e Amaral⁹³.

Se a construção intransitiva formada com os verbos estudados por Cançado e Amaral está associada a verbos que lexicalizam apenas mudança de estado, então seu significado apresenta aspectos de sentido semelhantes ao significado da construção incoativa. Entretanto, a construção incoativa, além de apresentar o significado de mudança de estado, se caracteriza pela opcionalidade do clítico *se* e pela função de desfocalização do agente. A construção formada com verbos do tipo de *amadurecer*, por outro lado, não apresenta essas duas últimas características. Mais especificamente, Cançado e Amaral (a sair) mostram que a construção formada com os verbos do tipo de *amadurecer* não permite, sistematicamente, o uso do clítico. Diante desses fatos, em hipótese, a função de desfocalização do agente é o que motiva a possibilidade de ocorrência do clítico *se* na construção incoativa⁹⁴.

Em conclusão, reconhece-se o padrão oracional incoativo como uma construção da língua, com forma e significado próprios. Outros exemplos são:

- (14) A porta (se) abriu.
- (15) O elástico (se) arrebentou.
- (16) A água (se) entornou.
- (17) A pia (se) entupiu.
- (18) A maçaneta (se) desentortou.
- (19) Ela (se) acalmou.
- (20) A criança (se) apavorou.
- (21) Maria (se) preocupou.

⁹³ Aventamos a hipótese de que essa classe de verbos intransitivos instancia a construção intransitiva em português e não uma construção de mudança de perspectiva.

⁹⁴ Essa hipótese não será perseguida neste trabalho. Deixamos essa questão em aberto para um trabalho futuro.

(22) Maria (se) desiludiu.

(23) Ela (se) enfureceu.

O fato de a construção incoativa ser dotada de significado não implica que todos os verbos da língua podem ser associados a ela. Segundo o Princípio de Coerência Semântica (GOLDBERG, 1995, 2006), um verbo se integra com uma construção quando seu significado é semanticamente compatível com o significado da construção. Em outras palavras, comumente, o tipo de evento designado pelo verbo é uma instância do tipo de evento mais geral designado pela construção. Assim, há classes de verbos que não podem ser associadas com a construção incoativa:

(24) *A pasta (se) arquivou.

(25) *O quadro (se) emoldurou.

(26) *A bicicleta (se) acorrentou.

(27) *O jardim (se) adubou.

(28) *O artigo (se) escreveu.

(29) *O carro (se) aspirou.

(30) *A criança (se) amparou. (Na interpretação relevante.)

(31) *Ana (se) amou. (Na interpretação relevante.)

(32) *O carro (se) possuiu.

Tendo em vista os dados apresentados e com base nos trabalhos de Levin e Rappaport-Hovav (1995) e Rappaport-Hovav e Levin (2010), Ciriaco e Cançado (2009), Cançado (2010) e Cançado e Godoy (2010), partimos da hipótese de que apenas verbos lexicalmente causativos que designam uma mudança de estado são compatíveis com a construção incoativa. Utilizando a ferramenta de decomposição em predicados primitivos, essa hipótese de integração entre verbo e construção incoativa pode ser formalizada da seguinte maneira:

Hipótese de integração verbo/construção incoativa: as classes de verbos que se integram com a construção incoativa do PB são aquelas que designam um tipo de evento lexicalmente causativo, representado pelo predicado primitivo CAUSE, e que contêm a descrição [BECOME <STATE>] em sua representação semântica.

De acordo com a hipótese, em primeiro lugar, apenas verbos lexicalmente causativos podem ser compatíveis com a construção incoativa⁹⁵. Isso acontece porque a construção incoativa serve à função de desfocalização do agente, mais especificamente, ela permite a codificação linguística da perspectiva processual de eventos lexicalizados como causativos. Portanto, a fim de atender a essa função, a construção incoativa está associada apenas a classes de verbos lexicalmente causativos, ou seja, que contêm o predicado primitivo CAUSE em sua representação semântica. As classes de verbos que não contêm o predicado primitivo CAUSE em sua representação semântica não podem se associar à construção incoativa. Dentre as classes de verbos que compõem os dados desta pesquisa, três não são lexicalmente causativas: a classe dos verbos de experiência, a classe dos verbos de obtenção e a classe dos verbos de estado puro.

A classe dos **verbos de experiência** é representada semanticamente pela estrutura de predicados *v*: [X EXPERIENCE <THING> for Y]⁹⁶. O significado dessa classe de verbos refere-se a um evento geral de experiência entre dois participantes, X e Y. Por exemplo, o verbo *amar* apresenta o significado de uma experiência, no caso, de amor, de X por Y e é representado especificamente por *amar*: [X EXPERIENCE <AMOR> for Y]. Não há, para essa classe de verbos, o sentido de causalidade e, portanto, o predicado primitivo CAUSE não faz parte de sua representação semântica. As expressões abaixo mostram que o significado dessa classe de verbos não é compatível com o significado da construção incoativa, como prediz a hipótese de trabalho:

(33) *A atitude de Maria (se) abominou.

⁹⁵ Essa condição exclui a classe de verbos analisada por Caçado e Amaral (a sair), do tipo de *amadurecer*, pois, segundo a análise das autoras, esses verbos não lexicalizam uma perspectiva causativa.

⁹⁶ Representação proposta neste trabalho (ver capítulo 3 para maiores detalhes).

- (34) *O professor (se) admirou.
- (35) *Você (se) adorou.
- (36) *Ana (se) amou.
- (37) *O carro novo (se) cobiou.

A classe de **verbos de obtenção** é semanticamente representada pela descrição $v: [X \text{ GET}_{\langle \text{MANNER} \rangle} Y]$ ⁹⁷. Seu significado estrutural, comum aos verbos da classe, refere-se a um evento geral de modo de obtenção entre dois participantes, em que X obtém, de certo modo, o participante designado por Y. Por exemplo, o verbo *ganhar* lexicaliza um evento em que um participante obtém, de certo modo, no caso, ganhando, o outro participante. Sua representação específica é *ganhar*: $[X \text{ GET}_{\langle \text{GANHAR} \rangle} Y]$. Não há, portanto, sentido de causalidade no significado dos verbos dessa classe e, portanto, ela também não se mostra compatível com a construção incoativa, confirmando nossa hipótese:

- (38) *A riqueza (se) acumulou.
- (39) *Os bens (se) adquiriram.
- (40) *A vaga (se) conseguiu.
- (41) *O visto (se) obteve.
- (42) *O prêmio (se) ganhou.

Os verbos de **estado puro** formam uma classe que partilha a descrição de uma relação entre dois participantes, sendo representada por $v: [X \langle \text{RELATION} \rangle Y]$ ⁹⁸. A relação entre os participantes é especificada pela própria raiz verbal. Por exemplo, no caso do verbo *ter*, que designa uma relação de posse (ter) entre dois participantes, seu significado é dado por *ter*: $[X \langle \text{TER} \rangle Y]$. Essa classe não implica o sentido de causalidade e, portanto, não faz parte dos verbos que podem ser associados à construção incoativa:

⁹⁷ Representação proposta neste trabalho (ver capítulo 3 para maiores detalhes).

⁹⁸ Representação proposta neste trabalho (ver capítulo 3 para maiores detalhes).

- (43) *O carro (se) teve.
- (44) *Cem reais (se) custaram.
- (45) *O palhaço (se) pareceu.
- (46) *Azul (se) significou.
- (47) *Muito dinheiro (se) valeu.

Essa primeira análise confirma, para as classes de verbos analisadas nesta tese, a primeira parte da hipótese de integração de um verbo com a construção incoativa. Resta verificar a segunda parte da hipótese, que prediz que dentre os verbos causativos, apenas aqueles que contêm a descrição de mudança de estado em sua representação semântico-lexical, ou seja, [BECOME <STATE>], podem ser associados à construção incoativa. Essa segunda condição para que um verbo se integre com a construção incoativa relaciona-se a seu significado construcional, que é de mudança de estado. Para estar associado a uma construção, um verbo precisa ser compatível com o significado construcional. No caso da construção incoativa, a relação entre o significado da construção e o significado dos verbos que se integram com ela é apenas de instância. Então, apenas verbos que designam um tipo de evento que é uma realização/instância do tipo de evento mais geral da construção podem ser integrados a ela. Isso significa que, a fim de se integrarem com a construção incoativa, os verbos causativos precisam conter a descrição de mudança de estado, a fim de que possam designar um tipo de evento que seja uma realização do significado da construção incoativa. A análise das classes de verbos causativos que fazem parte dos dados desta pesquisa será apresentada a seguir. As classes de verbos serão apresentadas em dois grupos: os verbos compatíveis com a construção incoativa e os verbos não compatíveis com a construção incoativa.

4.2.1 Classes de verbos compatíveis com a construção incoativa

As classes de verbos compatíveis com a construção incoativa podem ser reunidas no grande grupo de **verbos de mudança de estado**, formado em geral por verbos causativos que designam uma mudança de estado como resultado. Segundo Cançado e Godoy (2010) e Cançado e Amaral (a sair), os verbos de mudança de estado podem ser de três tipos: verbos causativos/agetivos de mudança de estado físico, em que o resultado da causação ou ação é uma mudança de estado física; verbos causativos/agetivos de mudança de estado psicológico, em que o resultado da causação ou ação é uma mudança de estado psicológico; e verbos estritamente causativos de mudança de estado psicológico, em que pode haver apenas uma causação, mas nunca uma ação, cujo resultado é uma mudança de estado também psicológico. Todas as três classes contêm a descrição [BECOME <STATE>] em sua representação semântica, sendo compatíveis com o significado da construção incoativa, como previsto.

As classes de verbos **causativos/agetivos de mudança de estado físico** e **causativos/agetivos de mudança de estado psicológico** são representadas semanticamente pela mesma estrutura de predicados primitivos, dada por v: [[X (ACT)] CAUSE [Y BECOME <STATE>]]⁹⁹, pois os verbos que as compõem lexicalizam o significado comum de um evento causativo entre dois participantes, X e Y, em que X causa, volitivamente ou não, uma mudança de estado em Y. A diferença de resultado na mudança de estado, se físico ou psicológico, é dada por aspectos do significado da raiz verbal. Portanto, só se pode dizer se a mudança é de estado físico ou psicológico a partir do significado idiossincrático de cada verbo. Por exemplo, o verbo *quebrar*, cuja representação semântica é *quebrar*: [[X (ACT)] CAUSE [Y BECOME <QUEBRADO>]], possui uma raiz verbal, dada entre colchetes angulados, que especifica uma mudança de estado físico. Por outro lado, o verbo *acalmar*, representado semanticamente por *acalmar*: [[X (ACT)] CAUSE [Y BECOME <CALMO>]], possui uma raiz verbal que especifica uma mudança de estado psicológico.

⁹⁹ Representação proposta em Cançado (2010).

Esses aspectos específicos não são relevantes para a integração desses verbos na construção incoativa, mas observamos que, no caso de verbos que designam uma mudança de estado psicológico, o uso do clítico *se* parece produzir uma instância da construção mais aceitável em alguns casos. Essa peculiaridade talvez se deva ao fato de que, em alguns dialetos, o uso do clítico na construção incoativa com verbos psicológicos é ainda muito frequente. Em hipótese, isso se deve ao fato de se tratar de um tipo de verbo que requer um participante animado. A animacidade do participante do verbo que é codificado na construção incoativa pode ser um fator que adia a queda do clítico. Observamos que mesmo no dialeto mineiro, em que o uso do clítico é frequentemente evitado, para alguns verbos dessa classe, como *alegrar*, a construção incoativa é mais aceitável com o uso do clítico (ver exemplo mostrado em (57) abaixo). Esse fato pode também estar relacionado ao uso: expressões incoativas com verbos mais comuns ao uso, como *acalmar* e *animar*, aceitam a queda do clítico; já expressões com verbos menos comuns ao uso, como *abrandar* e *alegrar*, são mais aceitáveis com o clítico do que sem ele.

Enfim, como tanto a classe de verbos causativos/agetivos de mudança de estado físico quanto a classe de verbos causativos/agetivos de mudança de estado psicológico designam um evento de mudança de estado, elas são compatíveis com o significado da construção incoativa:

- (48) O vestido (se) amassou.
- (49) O elástico (se) arrebentou.
- (50) A massa do pão de queijo (se) espalhou.
- (51) A cerveja (se) derramou.
- (52) A calça (se) desamarrotou.
- (53) Maria (se) acalmou.
- (54) Ela (se) animou.
- (55) A moça (se) tranquilizou.
- (56) ?Maria abrandou./ Maria se abrandou.

(57) ?A criança alegrou./ A criança se alegrou.

A classe de verbos **estritamente causativos** é representada semanticamente por v: $[[X] \text{ CAUSE } [Y \text{ BECOME } \langle \text{STATE} \rangle]]^{100}$, apresentando em comum a designação de um evento causativo entre dois participantes, X e Y, em que X não pode ser interpretado como um agente volitivo, mas apenas como um evento ou qualidade (CANÇADO, 1995; CANÇADO, 2010; ver também capítulo 3). A causação lexicalizada por esses verbos resulta em uma mudança de estado em Y. A natureza dessa mudança de estado é psicológica, dado o significado idiossincrático das raízes verbais. Por exemplo, a raiz do verbo *preocupar*, representado semanticamente por *preocupar*: $[[X] \text{ CAUSE } [Y \text{ BECOME } \langle \text{PREOCUPADO} \rangle]]$, especifica uma mudança de estado psicológico para o participante Y. Em relação ao uso do clítico, a mesma observação feita anteriormente para os verbos causativos/agentivos de mudança de estado psicológico se aplica. Em alguns casos, seu uso na construção incoativa parece tornar a instância produzida mais aceitável do que sua ausência (ver exemplos em (61) e (62)). Os verbos dessa classe também são compatíveis com a construção incoativa:

(58) Ela (se) abalou.

(59) Ele (se) deprimiu.

(60) Ela (se) preocupou.

(61) ?A mãe aborreceu./ A mãe se aborreceu.

(62) ?A criança acovardou./ A criança se acovardou.

Em resumo, as classes de verbos analisadas nesta seção formam um grupo de verbos cujo significado é compatível com o significado da construção incoativa: o grupo de verbos de mudança de estado.

¹⁰⁰ Representação proposta em Cançado e Godoy (2010) e Cançado e Amaral (a sair).

4.2.2 Classes de verbos causativos não compatíveis com a construção incoativa

As classes de verbos causativos que não são compatíveis com a construção incoativa fazem parte do grande grupo de **verbos necessariamente agentivos**. Esses verbos designam uma causação entre dois subeventos, em que o subevento causador designa uma ação necessariamente. Já o subevento causado não designa uma mudança de estado, mas outros tipos de resultado. Por designarem uma causação, as classes de verbos necessariamente agentivos são representadas com o predicado primitivo CAUSE. Entretanto, como não descrevem uma mudança de estado, a representação semântica das classes de verbos necessariamente agentivos não apresenta a descrição [BECOME <STATE>], não podendo ser integradas com a construção incoativa, de acordo com a hipótese deste trabalho.

Uma das classes de verbos necessariamente agentivos é a classe de verbos de mudança de **lugar**, cuja representação semântica é dada por $v: [[X \text{ ACT}] \text{ CAUSE } [Y \text{ BECOME IN } \langle \text{PLACE} \rangle]]^{101}$. Esses verbos designam um evento em que a ação do participante X causa uma mudança de lugar para o participante Y. Por exemplo, o verbo *arquivar* designa um evento em que o participante X age e causa o participante Y ficar em um arquivo, sendo representado especificamente por *arquivar*: $[[X \text{ ACT}] \text{ CAUSE } [Y \text{ BECOME IN } \langle \text{ARQUIVO} \rangle]]$. Por não designarem mudança de estado, o significado dessa classe de verbos não é compatível com o significado da construção incoativa, como mostram os dados:

(63) *A pasta (se) arquivou.

(64) *O lote (se) aterrou.

(65) *O quadro (se) emoldurou.

(66) *A mercadoria (se) empacotou.

(67) *Essa fiação (se) encanou.

¹⁰¹ Representação proposta em Cançado e Godoy (2010).

Outra classe de verbos necessariamente agentivos são os verbos de *locatum*, representados semanticamente por *v*: [[X ACT] CAUSE [Y BECOME [WITH <THING>]]]¹⁰². O significado desses verbos, embora inicialmente possa parecer semelhante ao dos verbos de mudança de lugar, é mais bem descrito por X age e causa Y ficar com algo, e não mudar de lugar (ver capítulo 3). A raiz dos verbos de *locatum* designa *thing* e não *place*. Por exemplo, no caso do verbo *acorrentar*, seu significado é X age e causa Y ficar com corrente, o que é representado especificamente por *acorrentar*: [[X ACT] CAUSE [Y BECOME [WITH <CORRENTE>]]]. Essa classe de verbos também não designa mudança de estado, não podendo se integrar com a construção incoativa, como mostram os dados:

(68) *A bicicleta (se) acorrentou.

(69) *O jardim (se) adubou.

(70) *A porteira (se) aferrolhou.

(71) *A sandália (se) afivelou.

(72) *A criança (se) agasalhou.

Outro tipo de verbo necessariamente agentivo é aquele que designa a **criação** do participante Y, representado por *v*: [[X ACT <MANNER>] CAUSE [CREATION of Y]]¹⁰³. O significado comum a essa classe de verbos é o de X age de certo modo e causa a criação de Y. Por exemplo, o verbo *compor* designa um evento em que participante X age compondo e causa a criação de Y. Esse significado é representado especificamente por *compor*: [[X ACT <COMPONDO>] CAUSE [CREATION of Y]] e também não apresenta a descrição de mudança de estado, não sendo, portanto, compatível com o significado da construção incoativa, como mostram os dados abaixo:

(73) *A música (se) compôs.

(74) *O artigo (se) escreveu.

(75) *O busto (se) esculpiu.

¹⁰² Representação proposta em Cançado e Godoy (2010).

¹⁰³ Representação proposta em Cançado e Godoy (2009).

(76) *O carro (se) fabricou.

(77) *O quadro (se) pintou.

Outra classe de verbos necessariamente agentivos é a dos verbos de **afetação**, representada semanticamente por *v*: [[X ACT] CAUSE [<AFFECTEDNESS> of Y]]¹⁰⁴. Essa classe de verbos designa um evento em que o participante X age e causa uma afetação geral em Y, mas não especificamente uma mudança de estado (ver capítulo 3). Por exemplo, o verbo *limpar* designa um evento em que X age e causa a limpeza de Y, mas isso não acarreta que houve uma mudança de estado para o participante Y¹⁰⁵. O significado desse verbo é representado especificamente por *limpar*: [[X ACT] CAUSE [<LIMPEZA> of Y]]. Como não designa especificamente uma mudança de estado, o significado da classe de verbos necessariamente agentivos de afetação não é compatível, em hipótese, com o significado da construção incoativa. Os dados mostram que os verbos dessa classe não se integram com a construção, confirmando a hipótese deste trabalho:

(78) *A faca (se) afiou.

(79) *O violão (se) afinou.

(80) *O carro (se) aspirou.

(81) *O piso (se) limpou.

(82) *O piso (se) enxugou.

Os dados desta pesquisa contam ainda com mais uma classe de verbos necessariamente agentivos, a classe dos verbos **benefactivos**, representada semanticamente por *v*: [[X ACT] CAUSE [Y BECOME [WITH <THING>]]]. Os verbos dessa classe compartilham o significado de um evento em que o participante X age e causa o participante Y ficar com algo. A representação do significado comum aos verbos dessa

¹⁰⁴ Representação proposta em Cançado e Godoy (2009).

¹⁰⁵ A situação descrita pela construção *João limpou a mesa, mas a mesa não ficou limpa* é perfeitamente possível (ver capítulo 3).

classe é igual à representação dos verbos de *locatum*. Entretanto, a raiz dos verbos que compõem essa classe especifica um benefício para o participante Y. Por exemplo, o verbo *ajudar* designa um evento em que X age e causa Y ficar com ajuda. Esse significado é representado especificamente por *ajudar*: [[X ACT] CAUSE [Y BECOME [WITH <AJUDA>]]]. Em relação à construção incoativa, os dados mostram que o significado dessa classe de verbos não é compatível com o significado da construção, confirmando a hipótese de trabalho:

(83) *A criança (se) abençoou.¹⁰⁶

(84) *A criança (se) abrigou.

(85) *O vizinho (se) ajudou.

(86) *A criança (se) amparou.

(87) *O filho (se) apoiou.

Resumindo, as classes de verbos analisadas nesta seção formam um grupo de verbos causativos cujo significado não é compatível com o significado da construção incoativa: o grupo dos verbos necessariamente agentivos.

4.2.3 Representando a construção incoativa do PB

A análise da integração ou não dos verbos que compõem as classes verbais estudadas nesta pesquisa em relação à construção incoativa mostrou que a hipótese deste trabalho se confirma. Como mostrado nas seções anteriores, apenas verbos que designam mudança de estado são compatíveis com a construção. Verbos que não apresentam o sentido de mudança de estado em seu significado não podem se integrar à construção incoativa. Sendo assim, a relação entre o significado da construção incoativa e o significado dos verbos que com ela se integram é de instância, ou seja, apenas verbos que designam um tipo de evento que é uma instância do tipo de evento

¹⁰⁶ Nesse caso, em que o verbo é estritamente agentivo e requer participantes animados, note que o uso do clítico está associado a uma construção reflexiva.

designado pela construção podem ser associados a ela. Em outras palavras, o significado da construção incoativa circunscreve parte do significado de apenas um grupo de verbos, que é a dos verbos causativos de mudança de estado, para os quais esse aspecto de sentido é lexicalmente representado pela descrição [BECOME <STATE>]. Assim, a representação do significado da construção incoativa deve ser específica o suficiente para dar conta desse fato. Diante disso, utilizaremos a própria descrição [BECOME <STATE>] para representar o significado da construção incoativa.

A construção incoativa possui dois polos: um polo sintático, relativo à forma da construção, e um polo semântico, relativo ao significado e à função da construção. O polo sintático da construção incoativa é caracterizado pela forma *Sujeito (se) V*, que sinaliza a opcionalidade do clítico *se*. O polo semântico caracteriza-se pelo significado [BECOME <STATE>] e pelo papel argumental de paciente. Além disso, a semântica da construção também se caracteriza pela função semântico-pragmática de desfocalização do agente¹⁰⁷, em termos gerais, ou de codificação de uma perspectiva processual sobre um evento causativo, em termos específicos. Essa função é atendida na construção incoativa através do corte do participante associado ao papel de agente/causa na representação semântica do verbo que a instancia. De acordo com a análise mostrada anteriormente, nos verbos analisados que são compatíveis com a construção incoativa, o participante normalmente associado ao papel de agente/causa é designado por X na representação semântica do verbo. Assim, a função de corte do agente/causa é representada na construção através da notação “F: cortar X”. A relação entre o verbo, integrado em PRED (predicado), e a construção é dada por R e, no caso da construção incoativa, a única especificação é do tipo “instância”, ou seja, os verbos que se integram à construção incoativa instanciam a mudança de estado designada por seu significado construcional. Por exemplo, o verbo *quebrar*, ao se integrar com a construção incoativa, instancia o significado de mudança de estado da construção como uma mudança de não quebrado para quebrado. A mudança de não quebrado para quebrado designada pelo verbo é, portanto, uma instância do significado de mudança de estado mais geral

¹⁰⁷ Lembramos que o papel de agente é entendido aqui, à semelhança da análise de Shibatani (1985), como um conceito prototípico, sujeito a extensão conforme a teoria de protótipos.

designado pela construção. Por fim, a representação da construção incoativa é dada por:

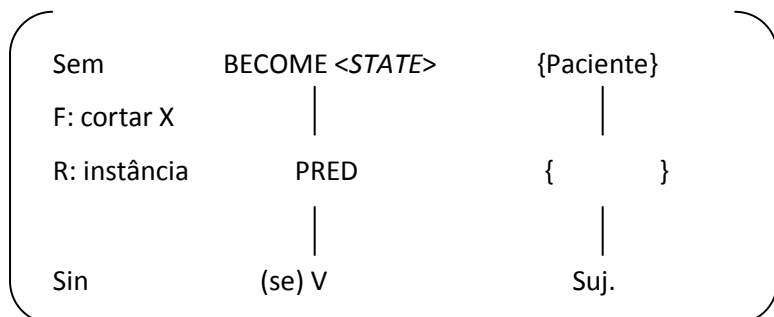


Figura 3 – A construção incoativa do PB

Para que um verbo instancie a construção incoativa, segundo o Princípio da Coerência Semântica, é preciso haver compatibilidade entre o significado do verbo e o significado da construção. Nossa análise mostrou que os verbos compatíveis com o significado da construção incoativa são os verbos de mudança de estado. Pelo mesmo princípio, os papéis participantes do verbo devem se fundir, por compatibilidade semântica, com os papéis argumentais da construção. Por exemplo, o verbo *quebrar*, cujo significado é compatível com o significado da construção incoativa, integra-se em PRED. Seu significado está associado a dois participantes, um participante “quebrador”, associado a X, e um participante “quebrado”, associado a Y. O papel participante de “quebrado” funde-se, por compatibilidade semântica, com o único papel argumental da construção, de paciente. Pelo Princípio da Correspondência, todo papel participante do verbo deve ser expresso por um papel argumental da construção, mas a função da construção incoativa, dada em F, cancela esse princípio, cortando o papel participante associado a X na representação semântica do verbo. A integração do verbo *quebrar* na construção incoativa é representada por:

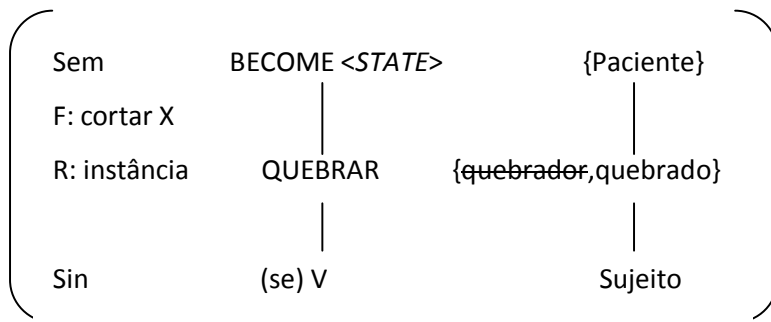


Figura 4 – Construção incoativa + verbo *quebrar*

A representação proposta para a construção incoativa mostra que seu significado corresponde a parte da descrição lexical das classes de verbos de mudança de estado. É, portanto, um significado mais específico, situando a incoativa no polo lexical do contínuo entre construções, proposto nesta tese. Por fim, o mapeamento entre o polo semântico e o polo sintático da construção incoativa é feito internamente. O verbo *quebrar*, integrado em PRED, é mapeado em V, como mostra a linha sólida entre PRED e V. O papel argumental de paciente, integrado com o papel participante de “quebrado”, é mapeado na posição de sujeito, como mostra a linha sólida entre “quebrado” e sujeito. Com o mapeamento, se dá a associação entre forma e significado.

4.2.4 Resumo da análise para a construção incoativa

A análise apresentada para a construção incoativa resume-se no seguinte: primeiramente, foi atestada a existência da construção incoativa como um padrão independente na língua, caracterizado pela forma *Sujeito (se) V* associada ao significado de mudança de estado. Em segundo lugar, para propor uma representação da construção incoativa, passou-se à análise das classes de verbos semanticamente compatíveis com a construção. Partimos da hipótese de que os verbos compatíveis com a construção incoativa seriam verbos causativos cuja representação semântico-lexical de seu significado contivesse a descrição [BECOME <STATE>]. A análise dos dados

confirmou a hipótese de trabalho, mostrando que apenas verbos causativos de mudança de estado podem se associar à construção incoativa. Por fim, a fim de circunscrever apenas as classes de verbos que se integram com a construção incoativa, propôs-se uma representação para a construção, que situa a incoativa no polo lexical do contínuo de construções proposto.

4.3 A construção medial do PB

As expressões mediais também constituem uma construção na língua porque apresentam aspectos simbólicos que lhes são únicos. Ou seja, a medial é uma construção do PB porque apresenta forma e significado próprios. Em relação à forma, a construção medial se caracteriza por:

(88) Sujeito (se) V modificador

Essa forma, que também apresenta o clítico *se* como termo opcional, caracteriza o polo sintático da construção medial, que está associado a uma semântica específica. Por exemplo, a expressão medial mostrada a seguir significa que o participante designado por *vasos* tem a propriedade de passar pelo processo de quebrar de modo fácil:

(89) Vasos (se) quebram facilmente.

É importante destacar que a construção medial é um tipo de construção genérica, cujo significado de propriedade diz respeito ao processo designado pelo verbo que a integra e não à ação ou causação que esse verbo pode designar. Por exemplo, no exemplo mostrado em (89), o significado de propriedade da construção refere-se ao processo designado pelo verbo *quebrar*, ou seja, o resultado de mudança de estado, e não à causação designada por *quebrar*. A construção mostrada em (90), por outro lado, apesar de também ser uma construção genérica, se refere à ação designada por *ajudar*,

e não ao resultado que vem dessa ação. O exemplo em (90) não é, portanto, uma instância da construção medial:

(90) Vizinho ajuda muito/facilmente.

O significado de propriedade em relação a um processo reconhecido para a construção medial não pode ser atribuído aos itens lexicais que a instancia, mas apenas à construção como um todo. Por exemplo, em (89) acima, não se pode atribuir essa leitura de propriedade em relação a um processo ao verbo *quebrar*, à palavra *vasos* ou ao modificador *facilmente* isoladamente. Esse significado emerge para esses itens lexicais apenas quando eles instanciam esse padrão oracional específico da língua. Portanto, o significado de propriedade em relação a um processo é intrínseco à construção medial como um todo. Uma evidência desse fato vem do seguinte teste, que mostra que o significado construcional da medial é um acarretamento semântico da construção e não pode ser negado:

(91) Vasos (se) quebram facilmente, *mas não têm a propriedade de quebrar facilmente.

Muitos autores atribuem à construção medial uma leitura de capacidade ou de agente implícito (KEYSER e HOEPER, 1984; FAGAN, 1992; CAMBRUSSI, 2007), alegando que a construção mostrada em (89) pode ser interpretada como “é fácil para alguém quebrar vasos”. De fato, essa é uma leitura possível para as expressões mediais. Entretanto, realçamos que essa leitura depende mais de propriedades internas do modificador que acompanha a construção e não é um aspecto de significado intrínseco à construção medial. Usualmente, o modificador que acompanha a construção medial é *facilmente*, ou, abreviadamente, *fácil*. Esse modificador, como afirmam Negrão e Viotti (2007), possui escopo tanto sobre a ação quanto sobre o processo designado pelos verbos que integram a construção medial. Por ser ambíguo, o modificador *facilmente*

possibilita a leitura de capacidade alegada por Fagan (1992), mas o significado de propriedade em relação a um processo continua presente, sendo um acarretamento semântico da construção, como mostrado em (91).

Se trocarmos o modificador ambíguo *facilmente* por um modificador que só tem escopo sobre a ação, a construção produzida é outra, tanto em forma quanto em significado. No que diz respeito à forma, o clítico *se* deixa de ser opcional (NEGRÃO e VIOTTI, 2007) e, no que diz respeito ao significado, a interpretação passa a ser de agente indeterminado; e a leitura de propriedade em relação a um processo, característica da construção medial, não é mais possível:

(92) Roupa branca se lava com cuidado¹⁰⁸. / *Roupa branca lava com cuidado.

A construção ilustrada em (92) não pode ser interpretada como “roupa branca tem a propriedade de lavar com cuidado”. Em realidade, ela é interpretada como “lava-se roupa branca com cuidado” ou “roupa branca é para ser lavada com cuidado”. Enfim, modificadores orientados apenas para a ação são incompatíveis com o significado da construção medial. Além de possuir uma semântica distinta, a construção ilustrada em (92) também difere da construção medial em relação à forma, pois não se caracteriza pela opcionalidade do clítico *se*.

Por outro lado, se o modificador utilizado na construção medial for orientado apenas para o processo, a leitura de capacidade/ agente implícito ou de agente indeterminado não é possível:

(93) Vasos de cristal (se) quebram à toa, *mas vasos de cristal não têm a propriedade de quebrar à toa.

A construção mostrada em (93) acima não possui a leitura de capacidade/ agente implícito alegada por Fagan, nem a leitura de sujeito indeterminado presente na

¹⁰⁸ Consideramos esse um tipo de construção diferente da construção medial.

construção em (92), mas apenas o significado de propriedade em relação a um processo, característico da construção medial e que, como mostrado em (93), não pode ser negado. Portanto, conclui-se que a leitura de capacidade ou de agente implícito é uma leitura possível para a construção medial, mas não uma interpretação intrínseca a seu significado construcional¹⁰⁹. Em realidade, observamos que essa leitura depende é do modificador que a acompanha e não da construção medial em si. Se for um modificador ambíguo em ter escopo sobre a ação ou o processo designado pelo verbo, a leitura de agente implícito se torna disponível. Por outro lado, se o modificador utilizado tiver escopo apenas sobre o processo, essa leitura se torna impossível. A interpretação de propriedade em relação a um processo, por outro lado, é intrínseca e sempre está associada à forma construcional *Sujeito (se) V modificador*, caracterizando, portanto, o polo semântico da construção medial.

Outra evidência em favor dessa análise sobre o significado da construção medial vem da semântica do tipo de verbos que se integram com ela. Por exemplo, no caso de construções mediais formadas com verbos agentivos, como *lavar*, ou verbos causativos/agentivos, como *quebrar*, cujos significados designam um evento em que há ou pode haver um participante associado ao papel de agente, a leitura de um agente implícito é possível:

(94) Vasos de cristal (se) quebram facilmente.

(95) Roupa branca (se) lava facilmente.

Por outro lado, se o verbo que produz a instância da construção medial é um verbo estritamente causativo como *preocupar*, que designa um evento que não pode estar associado a um agente de maneira alguma, então a leitura de agente implícito não é possível. O modificador *facilmente*, embora possa apresentar escopo tanto sobre a ação

¹⁰⁹ No capítulo 2, argumentamos que, à semelhança da leitura de um agente implícito alegada para a construção medial por vários autores, a leitura de “causa implícita” também é uma leitura possível para a construção incoativa (o vaso (se) quebrou, ?mas nada nem ninguém quebrou o vaso), e, no entanto, a literatura não a assume como sendo parte do significado das expressões incoativas.

quanto sobre o processo, só pode se referir ao processo nesse caso, pois o verbo não designa uma ação de modo algum:

(96) Mães (se) preocupam facilmente.

A construção mostrada em (96) não significa que “é fácil para alguém preocupar uma mãe”, mas sim que “mães possuem a propriedade de se preocupar facilmente”.

Além do significado de propriedade em relação a um processo, o polo semântico da construção medial se caracteriza pela função geral de desfocalização do agente (SHIBATANI, 1985) e pela função específica de estativização (KAGEYAMA, 2006). Ou seja, a construção medial serve à função de desfocalização do participante associado ao papel de agente/causa na representação semântica dos verbos que a instanciam. Em termos específicos, essa função é traduzida na mudança de perspectiva que a construção medial codifica em relação ao sentido dos verbos com os quais se integra: ela muda a perspectiva causativa ou agentiva associada aos verbos que a integram para uma perspectiva estativa. Em outras palavras, dado seu significado, a construção medial descreve um estado. Como decorrência dessas funções semânticas associadas à construção medial, um termo que designa um agente não é compatível com seu significado:

(97) Esse vidro (se) racha facilmente *pelo João.

(98) Essa sala (se) ilumina facilmente *pelo electricista.

(99) Criança (se) assusta facilmente *por insetos.¹¹⁰

Verbos do tipo de *amadurecer*, estudados em Cançado e Amaral (a sair) também não são considerados como verbos que podem instanciar a construção medial. Primeiramente, porque a tentativa de integrar um verbo desse tipo com a construção

¹¹⁰ O fato de expressões como *meninas (se) assustam facilmente com insetos* serem possíveis não invalida a argumentação. A interpretação de agente para o participante designados por *insetos* nesse caso continua indisponível.

medial produz uma instância diferente em forma, na qual não existe a opcionalidade do uso do clítico *se*: *banana *se amadurece facilmente*. Além disso, como esse tipo de verbo lexicaliza, segundo Cançado e Amaral, apenas mudança de estado, instâncias formadas com eles não poderiam atender à função de desfocalização do participante associado ao papel de agente/causa, que caracteriza o polo semântico da construção medial. Diante desses fatos, vamos assumir, por ora, que esses verbos instanciam uma construção genérica diferente da construção medial estudada neste trabalho, merecendo um estudo à parte. Vamos adotar também, assim como argumentamos para a construção incoativa, a hipótese de que a função de desfocalização do agente é o que motiva a possibilidade de ocorrência do clítico *se* para a construção medial¹¹¹.

Em conclusão, reconhece-se o padrão oracional presente em expressões mediais como uma construção independente na língua, caracterizada pela associação da forma *Sujeito (se) V modificador* ao significado de propriedade em relação a um processo. Outros exemplos da construção medial são:

- (100) Essa faca (se) afia facilmente.
- (101) Esse filtro (se) esvazia facilmente.
- (102) Esse bolo (se) corta facilmente.
- (103) Esse piso (se) limpa facilmente.
- (104) Aquela porta (se) abre facilmente.
- (105) Batata (se) amassa facilmente.
- (106) Jeans (se) desamarrota facilmente.
- (107) Menina (se) acalma facilmente.
- (108) Mães (se) aborrecem facilmente.
- (109) Mulheres (se) deprimem facilmente.

Porém, o fato de a construção medial ter um significado próprio não quer dizer que todas as classes de verbos da língua podem ser associadas com ela. Segundo o

¹¹¹ Lembrando que essa hipótese não será perseguida neste trabalho. Deixamos essa questão em aberto para um trabalho futuro.

Princípio de Coerência Semântica (GOLDBERG, 1995, 2006), é preciso que o significado do verbo seja compatível com o significado da construção para haver integração entre eles, o que nem sempre acontece¹¹²:

- (110) *Criança (se) abriga fácil.
- (111) *Vizinho (se) ajuda fácil.
- (112) *Filho (se) apoia fácil.
- (113) *Estagiário (se) auxilia fácil.
- (114) *Atitude de preconceito (se) abomina facilmente.
- (115) *Professor competente (se) admira facilmente.
- (116) *Riqueza (se) acumula facilmente.
- (117) *Bens materiais (se) adquirem facilmente.
- (118) *Vaga de emprego (se) consegue facilmente.
- (119) *Cem reais (se) custa facilmente.
- (120) *O palhaço (se) parece facilmente.

Tendo em vista os dados apresentados e a caracterização do polo semântico da construção medial, formulamos a hipótese de que apenas verbos causativos que designam uma afetação podem ser associados com ela. Essa hipótese será verificada nas classes de verbos que compõem os dados desta pesquisa, à semelhança do que foi feito para a construção incoativa na seção anterior. Como o significado dessas classes de verbos e sua representação semântica já foram explicados com maiores detalhes na análise da construção incoativa e também no capítulo 3, não retomaremos essas explicações nesta seção. Utilizando a decomposição em predicados primitivos, a hipótese de integração entre verbo e construção medial é formalizada da seguinte maneira:

¹¹² As expressões mostradas em (110)-(120) são agramaticais do ponto de vista da interpretação relevante para a construção medial.

Hipótese de integração verbo/construção medial: as classes de verbos que se integram à construção medial do PB são classes de verbos causativos, representadas semanticamente por CAUSE, que designam prototipicamente um tipo de afetação, representada semanticamente pela descrição [AFFECTEDNESS] em geral, ou pela descrição [BECOME <STATE>] em específico.

De acordo com essa hipótese, em primeiro lugar, apenas verbos lexicalmente causativos podem estar associados com a construção medial¹¹³. Isso se deve à função de desfocalização do agente, ou mais especificamente, de mudança da perspectiva causativa lexicalizada pelos verbos para uma perspectiva estativa, que caracteriza a construção medial. Portanto, a fim de atender a essa função, a construção medial não está associada às classes de verbos de experiência e de verbos de obtenção, que não são classes de verbos causativos. Por codificar uma perspectiva estativa sobre um evento, a construção medial também não pode estar associada à classe de verbos de estado puro, pela simples razão de que esses verbos já designam um estado.

Os **verbos de experiência**, como mostrado anteriormente, possuem a seguinte representação semântica: *v*: [X EXPERIENCE <THING> for Y], que não inclui o predicado primitivo CAUSE. Pela análise dos dados, o significado dessa classe de verbos não está associado ao significado da construção medial, confirmando a parte inicial da hipótese de integração entre verbo e construção medial:

(121) *Atitude de preconceito (se) abomina facilmente.

(122) *Professor competente (se) admira facilmente.

(123) *Você (se) adora facilmente. (Na interpretação relevante.)

(124) *Ana (se) ama facilmente. (Na interpretação relevante.)

(125) *Carro novo (se) cobiça facilmente.

¹¹³ Lembrando que essa condição exclui a classe de verbos analisada por Cançado e Amaral (a sair), do tipo de *amadurecer*, pois, segundo a análise das autoras, esses verbos não lexicalizam uma perspectiva causativa.

Os **verbos de obtenção** também não incluem o predicado primitivo CAUSE em sua representação semântica, dada por v: [X GET_{<MANNER>} Y]. Seu significado não inclui a relação de causação entre seus participantes e, portanto, também não está associado ao significado da construção medial:

- (126) *Bens materiais (se) adquirem facilmente.
- (127) *Apostas pequenas (se) ganham facilmente.
- (128) *Visto (se) obtém facilmente.
- (129) *Documento de carro (se) reavê facilmente.
- (130) *Campeonato mineiro (se) vence facilmente.

Por fim, a classe de **verbos de estado puro**, representada por v: [X <RELATION> Y], designa uma relação estativa entre seus participantes. Como a construção medial codifica uma perspectiva estativa sobre um processo, não faz sentido que ela esteja associada a verbos que designam simplesmente um estado:

- (131) *A cadeira (se) contém facilmente.
- (132) *Cem reais (se) custa facilmente.
- (133) *O palhaço (se) parece facilmente.
- (134) *Azul (se) significa facilmente.
- (135) *Muito dinheiro (se) vale facilmente.

Portanto, essa análise inicial corrobora a primeira parte da hipótese de integração verbo/construção medial. Verbos não causativos não estão associados à construção. A segunda parte da hipótese prediz que as classes de verbos compatíveis com a construção medial são aquelas que contêm a descrição [<AFFECTEDNESS>] em geral, ou a descrição [BECOME <STATE>] especificamente. Antes de verificar essa segunda parte da hipótese, há uma classe de verbos estritamente agentivos que, de antemão, não está associada à construção medial. Essa classe compreende os **verbos**

benefactivos, representados por ([[X ACT] CAUSE [Y BECOME [WITH <THING>]]]), cujas raízes estão associadas apenas a participantes humanos, como é o caso de *ajudar* (alguém ajuda alguém), ou então a instituições humanas (a igreja ajudou o coral). O fato de verbos benefactivos serem estritamente agentivos mais a peculiaridade de estarem associados a participantes dessa natureza, impede que a interpretação de seus participantes seja compatível com a interpretação do argumento da construção medial, ou seja, com a interpretação de paciente. Ao invés de instanciarem a construção medial, esses verbos produzem instâncias de uma construção genérica agentiva, ou, quando o clítico *se* está presente, da construção reflexiva¹¹⁴:

(136) *Criança abençoa facilmente. / ?Criança se abençoa facilmente.¹¹⁵

(137) *Criança abriga facilmente. / ?Criança se abriga facilmente.

(138) *Vizinho ajuda facilmente. / ?Vizinho se ajuda facilmente.

(139) *Criança ampara facilmente. / ?Criança se ampara facilmente.

(140) *Idoso beneficia facilmente. / Idoso se beneficia facilmente.

4.3.1 Classes de verbos compatíveis com a construção medial

A construção medial se compatibiliza, prototipicamente, com a classe dos **verbos de afetação**, representada por *v*: [[X ACT] CAUSE [<AFFECTEDNESS> of Y]], e as classes de **verbos de mudança de estado**, que contêm a descrição [BECOME <STATE>] em sua representação semântico-lexical. Segundo os dados, os verbos de afetação, cuja representação do significado contém a descrição [<AFFECTEDNESS>], podem ser integrados à construção medial, confirmando a hipótese de trabalho:

¹¹⁴ Reconhecemos que a falta de compatibilidade dos verbos benefactivos com a construção medial carece de uma explicação mais aprofundada. Em hipótese, essa classe de verbos possui uma raiz necessariamente agentiva associada idiossincriticamente a participantes animados, o que favorece a interpretação agentiva e impede a fusão do participante do verbo com o papel argumental de paciente da construção medial.

¹¹⁵ O julgamento de agramaticalidade refere-se à interpretação relevante à construção medial. A interrogação indica dúvida quanto ao tipo de construção que se obtém, se reflexiva, ou de sujeito indeterminado.

- (141) Essa faca (se) afia facilmente.
- (142) Esse violão (se) afina facilmente.
- (143) Seu carro (se) aspira facilmente.
- (144) Esse bolo (se) corta facilmente
- (145) Esse piso (se) enxuga facilmente.

O fato de esses verbos serem estritamente agentivos, ou seja, estarem sempre associados a um participante com papel específico de agente, e não de causa, por exemplo, realça a leitura de capacidade ou agente implícito, principalmente quando o clítico *se* está presente. Ainda assim, o significado de propriedade em relação a um processo, que caracteriza a construção medial, permanece intrínseco nessas ocorrências. A relação entre o significado da construção medial e o significado da classe de verbos de afetação é de instância: o significado de afetação associado a essa classe de verbos instancia o significado de propriedade em relação a um “processo” associado à construção. Em outras palavras, a parte do significado da medial que diz respeito a um processo é instanciada pelo sentido de afetação contido no significado dessa classe de verbos.

As classes de verbos de mudança de estado, por outro lado, mantêm uma relação mais específica em relação à descrição de processo contida no significado da construção medial. Essas classes de verbos são compatíveis com o significado da construção ao especificarem um tipo de afetação: a mudança de estado. Como mostram os dados, os verbos causativos/agentivos de mudança de estado físico e de mudança de estado psicológico, representados por *v*: $[[X (ACT)] CAUSE [Y BECOME <STATE>]]$, se integram com a construção medial:

- (146) Essa porta (se) abre facilmente.
- (147) Batata (se) amassa facilmente.
- (148) Elástico (se) arrebenta facilmente.
- (149) Esse adesivo (se) cola facilmente.

- (150) Jeans (se) desamarrota facilmente.
- (151) Mulher não (se) acalma facilmente.
- (152) Ela (se) alegre facilmente.
- (153) Mulher (se) anima facilmente.
- (154) Mulher (se) apavora facilmente.
- (155) Criança (se) assusta facilmente.

Os verbos estritamente causativos, cuja representação é v: [[X] CAUSE [Y BECOME <STATE>]], designando uma mudança de estado, também se integram com a construção medial, como mostram os dados. Assim como foi observado para a construção incoativa, a presença do clítico *se* em alguns casos parece produzir uma instância ainda mais aceitável do que sua ausência:

- (156) Mulher (se) abala facilmente.
- (157) Mãe (se) aborrece facilmente.
- (158) Mulher (se) preocupa facilmente.
- (159) ?Menina acanha facilmente./ Menina se acanha facilmente.
- (160) ?Mulher aflige facilmente./ Mulher se aflige facilmente.

4.3.2 Classes de verbos que podem ser assimilados pelo significado da construção medial

As demais classes de verbos causativos analisadas neste trabalho não estão prototipicamente associadas à construção medial como as classes de verbos de afetação e de verbos de mudança de estado. Entretanto, apresentam um significado que pode ser assimilado pelo significado da construção medial, dependendo do contexto. Por exemplo, inicialmente e fora de contexto, o verbo *cimentar* não parece se integrar com a construção medial: ?*esse piso (se) cimenta facilmente*; mas se pensarmos em um contexto em que um pedreiro analisa uma área a ser cimentada para um cliente, que

está preocupado com o tempo que o trabalho tomará, por exemplo, não é impossível que o pedreiro responda algo como *não vai demorar, essa área (se) cimenta fácil(mente)*. Sendo assim, as classes de **verbos estritamente agentivos** analisadas nesta seção são verbos que não estão prototipicamente associadas à construção medial, mas que podem se integrar a ela dependendo do contexto de uso¹¹⁶. Os dados que sustentam essa análise são mostrados abaixo. Um ponto de interrogação em frente às instâncias da construção medial sinaliza a dúvida quanto à possibilidade de haver um contexto de uso que motive a integração do verbo com a construção.

As classes de verbos cujo significado pode ser assimilado pelo significado da construção medial dependendo do contexto incluem a classe de **verbos de lugar**, representada por v: [[X ACT] CAUSE [Y BECOME IN <PLACE>]]. Esses verbos designam uma mudança de lugar, que, sendo entendida como um tipo de afetação, pode ser assimilada pelo significado da construção medial:

(161) Essas pastas (se) arquivam fácil(mente), (elas são de cores diferentes, o que facilita a visualização e as tornam dotadas da propriedade de serem arquivadas facilmente).

(162) ?Esse lote (se) aterriza fácil(mente).

(163) ?Esse quadro (se) emoldura fácil(mente).

(164) ?Essa mercadoria (se) empacota fácil(mente).

(165) ?Essa fiação (se) encana fácil(mente).

Os **verbos de locatum**, representados por v: [[X ACT] CAUSE [Y BECOME [WITH <THING>]]], designam uma mudança para o participante Y na qual ele passa a ficar com algo. Por exemplo, para *acorrentar*, o participante Y passa a ficar com uma corrente. Esse tipo de mudança também pode ser entendido como um tipo de afetação, e,

¹¹⁶ Segundo Hale e Keyser (2002), há um aspecto de sentido na construção medial que não permite distinguir com certeza as classes de verbos que instanciam a construção daquelas que não instanciam. Acreditamos que os autores estavam se referindo às classes de verbos estritamente agentivos apresentadas nesta seção, que designam um tipo de afetação, mas não o tipo de afetação prototipicamente associada ao significado da construção medial.

portanto, nada impede que esse significado dos verbos de *locatum* seja assimilado pelo significado da construção, dependendo do contexto de uso:

(166) Essa porteira (se) aferrolha fácil(mente), (ela é leve, tendo a propriedade de ser aferrolhada facilmente).

(167) ?Jardins (se) adubam fácil(mente).

(168) ?Bicicletas (se) acorrentam fácil(mente).

(169) ?Essa sandália (se) afivela fácil(mente).

(170) ?Esse biscoito (se) amanteiga fácil(mente).

Outra classe é a dos **verbos de criação**, representados por [[X ACT <MANNER>] CAUSE [CREATION of Y]]. O significado dos verbos de criação designa a criação de algo que, dependendo do uso, pode ser interpretada como um tipo de afetação e, conseqüentemente, ser assimilado pelo significado da construção medial:

(171) Essa música (se) compõe fácil(mente), (ela tem poucos arranjos e por isso tem a propriedade de ser composta facilmente).

(172) ?Esse prédio (se) constrói fácil(mente).

(173) ?Esse artigo (se) escreve fácil(mente).

(174) ?Esse carro (se) fabrica fácil(mente).

(175) ?Esse quadro (se) pinta fácil(mente).

Vale lembrar que essas classes de verbos fazem parte do grupo de verbos necessariamente agentivos, cujo significado está necessariamente associado a um participante agentivo (associado a ACT necessariamente na representação semântica). Por causa disso, a leitura de capacidade ou de agente implícito pode estar mais presente, o que, como já mostramos, não cancela ou impede a interpretação de propriedade em relação a um processo, característica da construção medial.

4.3.3 Representando a construção medial do PB

A análise dos dados mostrou que apenas verbos causativos que designam um tipo de afetação geral, descrito semântico-lexicalmente por [*<AFFECTEDNESS>*], ou uma mudança de estado, descrita por [*BECOME <STATE>*], estão prototipicamente associados à construção medial, confirmando a hipótese de trabalho. Mostrou-se também que há três classes de verbos estritamente agentivos, que por designarem um tipo de afetação, como mudança de lugar, *locatum* ou criação, são assimilados pelo significado da construção medial dependendo do contexto de uso.

A construção medial possui um polo sintático e um polo semântico. O polo sintático se caracteriza pela forma *Sujeito (se) V modificador*. O polo semântico é caracterizado pelo significado “ter a propriedade de passar por um processo” associado ao papel argumental de paciente. Para representar esse significado, vamos utilizar a descrição [*<AFFECTEDNESS>*] para corresponder ao “processo”. A utilização de uma descrição semântico-lexical na representação do significado da construção medial é intencional, e objetiva mostrar que parte do significado da medial é de natureza lexical, ou seja, de conteúdo mais específico e restrito. Por outro lado, parte de seu significado é também gramatical, ou seja, mais geral e esquemático, permitindo que outros verbos que não os prototipicamente associados a seu significado possam se integrar. Assim, o significado da construção medial é TER A PROPRIEDADE DE [*<AFFECTEDNESS>*]. Observe que a descrição [*<AFFECTEDNESS>*] corresponde à parte lexical do significado da construção, ou seja, é uma contribuição das representações semântico-lexicais dos verbos e a parte que mantém relação com o significado dos verbos. Já a descrição TER A PROPRIEDADE DE é de natureza construcional. Além do significado, o polo semântico da construção medial também se caracteriza pela função de desfocalização do agente, através do corte do participante X, que é o participante associado ao papel de agente/causa na representação semântica dos verbos que podem integrar a construção. Assim como mostrado para a construção incoativa, essa função será representada pela notação “F: cortar X”.

A relação entre os significados da construção medial e dos verbos que a integram pode ser de três tipos. Primeiramente, há relação de instância: a classe de verbos de afetação, cuja representação do significado inclui a descrição [<AFFECTEDNESS>] designa um tipo de evento que é uma instância do sentido processual contido no significado da construção medial, que é de propriedade em relação a um processo. Por exemplo, o verbo *limpar* designa um evento de “limpeza” que é uma instância da descrição geral de [<AFFECTEDNESS>] contida no significado da construção medial. Em segundo lugar, há a relação de mudança de estado: verbos que designam uma mudança de estado em relação ao sentido geral de [<AFFECTEDNESS>] contido no significado da construção medial. Por exemplo, o verbo *quebrar* especifica uma mudança para o estado de “quebrado”, que especifica a relação de mudança de estado em relação à descrição de [<AFFECTEDNESS>] contida no significado da construção. Por fim, pode haver as relações específicas de mudança de lugar, *locatum* e criação, dados os verbos estritamente agentivos cujos significados podem ser associados ao significado da construção dependendo do contexto de uso. Essas últimas relações serão notadas em R entre parênteses, indicando sua dependência do contexto de uso. A representação completa para construção medial é dada abaixo:

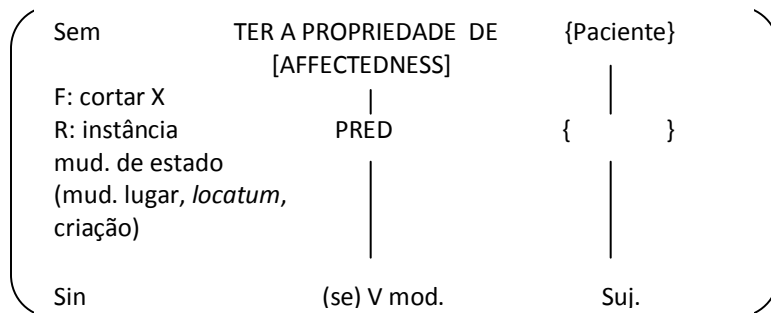


Figura 5 – A construção medial do PB

A integração entre verbo e construção medial ocorre da seguinte maneira. Segundo o Princípio de Coerência Semântica, é preciso haver compatibilidade entre o significado do verbo e o significado da construção. A análise dos dados mostrou que as

classes de verbos prototipicamente compatíveis com a construção medial são os verbos de afetação e os verbos de mudança de estado. O mesmo princípio assegura que apenas papéis semanticamente compatíveis podem se fundir. Por exemplo, um verbo de afetação, como *limpar*, é integrado à construção em PRED. O papel argumental de paciente da construção e o papel participante de “limpado” do verbo se fundem por compatibilidade semântica. Pelo Princípio de Correspondência, cada papel participante do verbo deve ser expresso e fundido com um papel argumental da construção. Entretanto, a função dada em F assegura que o papel participante associado a X, de “limpador”, não seja expresso, cortando-o da representação semântica associada ao verbo. A integração do verbo *limpar* na construção medial é representada por:

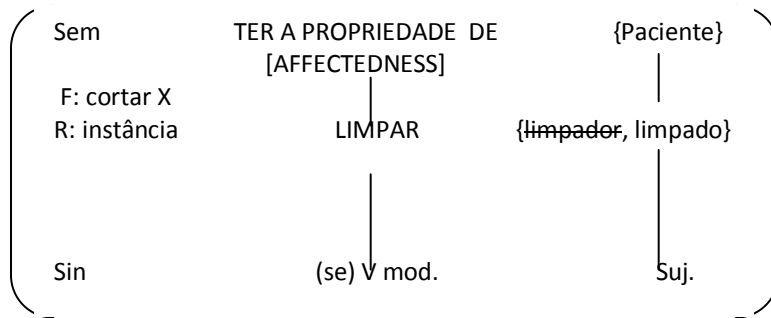


Figura 6 – Construção medial + verbo *limpar*

Por fim, o mapeamento entre o polo semântico e o polo sintático da construção medial é feito internamente. O verbo *limpar*, integrado em PRED, é mapeado em V, como mostra a linha sólida entre PRED e V. O papel argumental de paciente, integrado com o papel participante de “limpado”, é mapeado na posição de sujeito, como mostra a linha sólida entre eles. Com o mapeamento, se dá a associação entre a forma da construção e seu significado.

4.3.4 Resumo da análise da construção medial no PB

A análise proposta para a construção medial mostrou, primeiramente, como essa construção pode ser reconhecida como um padrão oracional independente na língua. Posteriormente, a fim de circunscrever as classes de verbos que estão associadas à construção, formulou-se a hipótese de que apenas verbos causativos que continham a descrição [<AFFECTEDNESS>] ou [BECOME <STATE>] em sua representação semântica poderiam se associar à construção medial. A análise dos dados mostrou que, prototipicamente, apenas verbos de afetação e de mudança de estado são compatíveis com o significado da construção. Também foi mostrado que os verbos estritamente agentivos de mudança de lugar, de *locatum* e de criação, por designarem um tipo de afetação em geral, podem ser associados à medial dependendo do contexto de uso. Assim, a análise dos dados confirmou a hipótese de integração verbo/construção medial. Por fim, foi proposta uma representação para a construção medial do PB. A representação proposta para a construção medial mostra que apenas uma parte de seu significado é de natureza lexical, sendo a outra parte de natureza construcional. Essa característica da construção medial mostra que ela se encontra no meio do contínuo entre o léxico e a gramática proposto para as construções estudadas.

4.4 A construção passiva do PB

A passiva é uma construção da língua porque apresenta aspectos sintáticos e semânticos que não podem ser atribuídos a nenhuma outra construção. O polo sintático da construção passiva é caracterizado pela seguinte configuração sintática, em que o agente da passiva aparece opcionalmente:

(176) Suj. ser+V_{pp} (SP_{por})¹¹⁷

¹¹⁷ Os parênteses indicam opcionalidade. V_{pp} significa verbo no particípio passado e SP_{por} significa sintagma preposicional encabeçado pela preposição *por*. Essa mesma forma é dada por Goldberg (2006,p.5) para a construção passiva do inglês (Subj aux VPpp (PPby)).

Essa configuração sintática está associada a um significado. Por exemplo, a construção mostrada em (177) significa que o participante associado ao sintagma *o copo* sofreu uma mudança de estado pela ação/causação do participante associado ao sintagma *pela empregada*:

(177) O copo foi quebrado pela empregada.

Esse significado é semelhante ao significado do evento que esses mesmos itens lexicais designam em uma construção transitiva, mas não é o mesmo. Principalmente porque nem todo verbo que ocorre na construção transitiva pode se integrar com a construção passiva:

(178) *Ela foi desanimada pela notícia.

(179) *Maria foi preocupada por João.

(180) *Uma casa foi tida por Pedro.

(181) *Cem reais foram custados por essa blusa.

O polo semântico da construção passiva se caracteriza, em contraste com a construção transitiva, pela função semântico-pragmática de desfocalização do participante associado ao papel de “agente” no significado do verbo. A noção de agente utilizada, como explica Shibatani (1985), é uma noção prototípica, sujeita a extensão conforme a teoria de protótipos. O “agente” refere-se, na verdade, ao participante responsável por iniciar o evento designado pelo verbo, cujo papel prototípico é o de agente animado e volitivo. Se essa noção não fosse empregada nesses termos, em tese, verbos que não estão associados a um participante com papel de agente não poderiam se integrar com a construção passiva, pelo simples fato de não terem um agente para ser desfocalizado. Entretanto, sabemos que verbos que designam um estado de experiência, por exemplo, embora não estejam associados especificamente ao papel de agente, instanciam a construção passiva:

(182) Maria foi amada por João.

Portanto, o termo “agente” é utilizado com referência ao papel que é prototipicamente associado ao participante a ser desfocalizado, mas a função da passiva não se aplica apenas a esse papel participante.

Vamos utilizar o termo *eventualidade* para incluir verbos que designam um estado de experiência no grupo dos verbos que designam um evento propriamente dito, como uma ação, causação ou processo. Assim, daqui em diante, uma eventualidade passa a referir-se tanto a um evento (ação, causação ou processo) quanto a um estado de experiência. Verbos que designam estados puros, por outro lado, não são englobados por esse termo. Isso posto, conclui-se que a passiva é uma construção que serve à função de desfocalização do participante responsável por iniciar ou desencadear a “eventualidade” designada pelo verbo. O participante responsável por iniciar a eventualidade pode estar associado prototipicamente ao papel de agente ou extensivamente aos papéis de causa, instrumento, experienciador, etc.

Dada essa formulação da função semântico-pragmática da construção passiva, em tese, apenas verbos que designam uma eventualidade são compatíveis com a construção passiva. Assim, verbos de estado, por exemplo, não estão associados à construção passiva. De fato, a classe dos **verbos de estado puro**, que designa apenas uma relação entre dois participantes, não se integra com a construção passiva:

(183) *A fazenda era beirada pela estrada.

(184) *O palhaço era parecido por ele.

(185) *Azul era significado pela palavra *blue*.

(186) *Uma casa foi tida por Maria.

(187) *Cem reais foram custados pelo livro.

(188) *Muito dinheiro foi valido por esse carro.

Esses são verbos que designam apenas uma relação entre dois participantes, e por isso foram chamados de verbos de estado puro. Outros verbos, como *possuir*, *medir*, *pesar* e *conter*, podem apresentar duas acepções, uma que designa um estado puro e outra que designa uma eventualidade. Eles se integram com a construção passiva apenas quando designam uma eventualidade, corroborando nossa análise:

(189) *A casa foi possuída por Maria. / Maria foi possuída pelo diabo.

(190) *3 km foram medidos por essa rua. / A sala foi medida por ele.

(191) *2 kg foram pesados por esse peixe. / A carne foi pesada pelo açougueiro.

(192) *4 mesas são contidas por essa sala. / A invasão foi contida pela polícia.

Os verbos *anteceder*, *sucedido* e *preceder* podem parecer, num primeiro momento, contraexemplos para esta análise. Esses verbos parecem se compatibilizar com a construção passiva, embora estejam associados a um significado estativo. No entanto, observou-se que as supostas construções passivas formadas com esses verbos exigem a presença do SP_{por}, o que não é uma característica da construção passiva. Essas não são, portanto, instâncias do padrão oracional analisado, e merecem uma investigação própria:

(193) O homicídio foi antecedido pelo assalto. / *O homicídio foi antecedido.

(194) João foi precedido por Maria. / *João foi precedido.

(195) FHC foi sucedido por Lula. / *FHC foi sucedido.

Segundo Shibatani (1985), a função de desfocalização do participante que inicia uma eventualidade é atendida na construção passiva apenas no que se refere à codificação linguística. Semanticamente, esse participante continua presente. Em outras palavras, diferentemente do que ocorre para as construções incoativa e medial, em que o participante a ser desfocalizado é cortado da representação semântica do verbo, na construção passiva ocorre apenas o sombreamento (GOLDBERG, 1995) desse

participante, que pode tanto ser omitido da construção quanto aparecer numa posição sintática menos proeminente. Essa associação que existe entre a forma da construção passiva e sua função semântico-pragmática, tal qual caracterizada, é exclusiva da construção passiva, e não pode ser observada em outras construções da língua.

Sobre o significado da construção passiva, a análise será baseada principalmente em Rice (1987a, b), segundo a qual o significado da construção está relacionado a alta transitividade conceptual. Segundo a autora, quanto mais uma construção passiva se aproxima conceptualmente do protótipo do evento transitivo, mais aceitável ela é. O evento transitivo prototípico é, segundo Slobin (1982), aquele em que a ação de um agente animado causa intencionalmente uma mudança física e perceptível de estado ou locação em um paciente. Por exemplo, o verbo *limpar*, designa um evento transitivo prototípico, pois seu significado está associado a um evento de ação entre um participante X, associado ao papel de agente, e um participante Y, associado ao papel de paciente. Esse verbo se integra com a construção passiva, corroborando a análise de Rice:

(196) A mesa foi limpa pelo garçom.

Entretanto, a construção passiva não está estritamente associada a esse significado. Há verbos que não designam necessariamente um evento transitivo prototípico e ainda assim se integram com a construção passiva. Por exemplo, o verbo *quebrar* pode estar associado não a uma ação volitiva, mas a uma causação não intencional de mudança de estado, e ainda assim instanciar a construção passiva:

(197) A janela foi quebrada pelo vento forte de ontem.

Portanto, para caracterizar o significado da construção passiva, é preciso utilizar uma noção que reflita, de forma mais direta, a transitividade associada à construção. Segundo Rice, o evento transitivo prototípico também é unidirecional, ou seja, designa

um evento que é direcionado de um participante para outro. Consequentemente, um participante é identificado como fonte do evento e o outro como alvo. Por exemplo, *limpar* designa uma ação que é direcionada do participante agente para o participante paciente. O agente é, portanto, a fonte da ação de limpar e o paciente é o alvo dessa ação. Da mesma forma, o verbo *quebrar*, cujo significado é X age e causa uma mudança de estado em Y, também designa um evento que é direcionado de X para Y, como mostramos no capítulo 3. Como mostrado anteriormente, tanto *limpar* quanto *quebrar* são verbos compatíveis com a construção passiva, o que indica que a noção de direção possui um papel no significado da construção passiva. Essa mesma noção pode caracterizar eventualidades designadas por verbos de experiência, como *amar*. Esse verbo designa uma eventualidade entre dois participantes X e Y, em que X direciona amor para o participante Y. O participante X é, portanto, a fonte da experiência designada por *amar* e o participante Y é o alvo dessa experiência.

A propriedade de direcionamento não pode ser confundida com o movimento ou deslocamento de um participante. Por exemplo, em *o menino empurrou o carrinho*, a direção do movimento designado pelo significado de *empurrar*, que é do menino para o carrinho, coincide com a direção do evento designado pelo verbo, que também parte do participante *o menino* para o participante *o carrinho*. Entretanto, há verbos que podem designar uma direção de evento contrária à suposta direção de deslocamento do participante. Por exemplo, em *João conseguiu um emprego*, é possível inferir, metaforicamente, que o emprego foi em direção a João; mas essa não é a direção na qual o evento designado por *conseguir* ocorre, essa é a direção metafórica em que o participante designado por *o emprego* se desloca. Em realidade, o evento de *conseguir* também é direcionado de *João* para *o emprego*: João é o participante que impulsiona o processo de obtenção na direção do objeto a ser conseguido, ele é a fonte de *conseguir*, enquanto *o emprego* é o alvo do evento designado por esse verbo. O verbo *conseguir*, embora não designe um evento transitivo prototípico, é um verbo compatível com a construção passiva, corroborando esta análise:

(198) O emprego foi conseguido por João.

Assim, a noção de direção da eventualidade designada pelo verbo parece ter um papel na delimitação do significado da construção passiva. Como a passiva inverte a direção da eventualidade, mapeando o participante identificado como alvo na posição de sujeito, seu significado será caracterizado com a descrição EVENTUALIDADE DIRECIONADA. Outros exemplos da construção passiva são:

(199) A faca foi afiada (pela empregada).

(200) Minha casa foi pintada (por uma equipe competente de pintores).

(201) O quadro foi pendurado (por minha mãe).

(202) A criança foi abençoada (pelo padre).

(203) Esse prédio foi construído (pela construtora Dínamo).

(204) A mercadoria foi empacotada (pelos ajudantes).

(205) O peixe foi temperado (pela cozinheira).

(206) A cobertura foi espalhada (pelo confeiteiro).

(207) O mato foi incendiado (por vândalos).

(208) A criança foi alegrada (pelos palhaços).

Portanto, dada essa análise inicial, o polo semântico da construção passiva se caracteriza pela função de desfocalização do participante responsável por iniciar a eventualidade designada pelo verbo e pelo significado de EVENTUALIDADE DIRECIONADA. Para que um verbo se integre com a construção passiva, é preciso que a seguinte hipótese seja atendida:

Hipótese de integração verbo/construção passiva: para que um verbo se integre com a construção passiva, é preciso que ele designe uma eventualidade (e não um estado) que se desenvolva conforme a direção do participante X para o participante Y, sendo

compatível com o significado de EVENTUALIDADE DIRECIONADA atribuído à construção passiva.

A análise seguinte se refere às classes de verbos que designam uma eventualidade em relação à possibilidade de se integrarem com a construção passiva. As classes de verbos analisadas se dividem entre eventualidades compatíveis com o significado da construção passiva e eventualidades não compatíveis.

4.4.1 Eventualidades compatíveis com a construção passiva

O primeiro grupo de verbos que designam eventualidades compatíveis com o significado da construção passiva é o grupo dos **verbos de ação/causação**. Esse grupo pode ser dividido ainda em duas grandes classes: a dos verbos necessariamente agentivos e a dos verbos causativos/agentivos. Os verbos necessariamente agentivos designam um evento transitivo prototípico e, portanto, são verbos cujo significado lexical é alto em transitividade. Eles designam um evento de ação entre dois participantes, em que X direciona essa ação e causa um tipo de afetação em Y. Por exemplo, o verbo *cortar* designa um evento em que X age e causa um corte em Y. O participante X é, portanto, a fonte da ação de cortar, enquanto que o participante Y é o alvo. Os verbos necessariamente agentivos, embora possuam em comum o significado de ação, diferem em relação ao tipo de afetação provocada. O tipo de afetação provocada não interfere na compatibilização do verbo com a construção passiva, importando apenas que exista a noção de direção de ação e consequente afetação. Assim, todos os verbos necessariamente agentivos se integram com a construção passiva, não importando se seu significado especifica apenas uma afetação geral, como em (209)-(211); um benefício, como em (212)-(214); uma criação, como no caso de (215)-(217); uma mudança de lugar, como mostram (218)-(220); ou uma mudança do tipo *locatum*, como mostram (221)-(223):

- (209) Os brinquedos foram ajuntados pelas crianças.
- (210) O violão foi afinado por José.
- (211) A carne foi cortada por Maria.
- (212) Paulo foi absolvido pelo juiz.
- (213) Maria foi acolhida pela mãe.
- (214) O vizinho foi acudido pelos bombeiros.
- (215) A música foi composta por Marisa Monte.
- (216) A tese foi escrita por Maria.
- (217) Esse carro foi fabricado pelos italianos.
- (218) Os documentos foram arquivados pelo estagiário.
- (219) O dinheiro foi embolsado pelo policial corrupto.
- (220) Os quadros foram emoldurados por um amigo meu.
- (221) O ladrão foi algemado pela polícia.
- (222) O menino foi agasalhado pela mãe.
- (223) O cavalo foi selado pelo funcionário.

A segunda grande classe dos verbos que designam ação/causação é composta por verbos causativos/agentivos, que não designam necessariamente uma ação, podendo designar tanto uma eventualidade de ação, associada a um agente prototípico, quanto uma eventualidade de causação, associada a uma causa, mas não a um agente. Por exemplo, o verbo *quebrar* designa uma ação/causação em que um participante X, sendo um agente ou uma causa, provoca uma mudança de estado no participante Y. O resultado associado ao significado desses verbos é sempre de mudança de estado, seja ele físico ou psicológico. Esses verbos também designam eventualidades compatíveis com o significado da construção passiva, não importando se a mudança provocada é de estado físico como mostram (224)-(226), ou psicológico, como mostram (227)-(229):

- (224) O vaso foi quebrado por João.
- (225) A janela foi aberta por Maria.

- (226) O registro foi fechado pelo síndico.
(227) Maria foi acalmada por João.
(228) A menina foi alegrada pelos palhaços.
(229) Antônio foi assustado pelo cachorro.

O segundo grupo de verbos cujos significados designam eventualidades compatíveis com o significado da construção passiva é o dos **verbos de processo**. Para esse grupo, analisou-se, representativamente, a classe dos verbos de obtenção, que designam um evento em que X obtém Y de certo modo, a ser especificado por cada raiz verbal. Há dois tipos de verbos nessa classe: os verbos que se integram prontamente com a construção passiva e os verbos que se integram com a construção dependendo da composição de sentidos com os outros itens lexicais que a preenchem. Por exemplo, o verbo *vencer* designa uma eventualidade em que X obtém Y vencendo. A raiz desse verbo especifica que, para vencer algo, tem de haver interesse ou esforço de X. Assim, verbos como *vencer* designam, por si só, uma eventualidade direcionada de X para Y. Sendo compatíveis com a noção de direção, esses verbos são compatíveis com a construção passiva, como mostram os exemplos:

- (230) Esses bens foram acumulados por meu pai.
(231) Esse carro foi adquirido por meu pai.
(232) A vaga de emprego foi conseguida pelo profissional mais qualificado.
(233) Os documentos foram obtidos pelo despachante.
(234) Meus documentos foram reavidos pelo despachante.

O verbo *ganhar*, por outro lado, embora também designe uma eventualidade em que X obtém Y, não especifica uma direção da eventualidade de X para Y. Entretanto, dependendo da composição de sentidos desse verbo com o participante Y, a noção de direção pode emergir. Por exemplo, em *X ganhou um presente*, não se pode dizer que o participante X direcionou a eventualidade de *ganhar* para o participante *um presente*. A

eventualidade de ganhar um presente não acarreta nenhum envolvimento ou interesse por parte de X, e, portanto, não há direcionamento da eventualidade descrita pelo verbo de X para Y. Consequentemente, essa composição de itens lexicais não é compatível com o significado da construção passiva:

(235) *Um presente foi ganho por ele.

Por outro lado, no caso de *X ganhou a aposta*, a composição dos sentidos de *ganhar* com o participante *a aposta* faz emergir um direcionamento de X para *a aposta*. Para ganhar uma aposta, é preciso que X se empenhe, tenha interesse ou simplesmente faça a aposta. Portanto, a eventualidade de ganhar uma aposta é direcionada de X para Y, sendo compatível com o significado da construção passiva:

(236) A aposta foi ganha por Maria.

Outros verbos do tipo de *ganhar* são:

(237) A encomenda foi recebida por João. / *Um tapa foi recebido por João.

(238) Muitas dívidas foram contraídas pela empresa. / ?A doença foi contraída por Maria.

O último grupo de verbos que designam eventualidades compatíveis com a construção passiva é o dos **verbos de estado de experiência**. Esses verbos designam uma experiência direcionada de X, o experienciador, para Y, o objeto da experiência. Por designarem uma eventualidade direcionada entre seus participantes, esses verbos também são compatíveis com o significado da construção passiva, como mostram os dados:

(239) Maria foi amada por João.

(240) O professor foi respeitado pelos alunos.

(241) Esse sapato foi cobijado por todas as mulheres.

(242) As atrizes foram invejadas por todos do estúdio.

(243) O assassino foi odiado por toda a comunidade.

4.4.2 Eventualidades não compatíveis com a construção passiva

A classe de verbos cujo significado não é compatível com o significado da construção passiva é composta por **verbos estritamente causativos**, que designam a causação de uma mudança de estado psicológico para o participante Y. O significado dessa classe de verbos exclui, obrigatoriamente, qualquer associação de agentividade para o participante X, que precisa estar associado apenas ao papel de causa. Em realidade, segundo Cançado (1995), mesmo quando a descrição do participante X é a de um humano, ele não pode ser interpretado como um agente, mas apenas como um evento ou qualidade relacionada a X. Por exemplo, em *João preocupou Maria*, a interpretação do participante descrito por *João* não é a de um agente: João não preocupou, ele mesmo, a Maria, mas sim algo que ele fez ou alguma característica que ele tem. Em realidade, João pode nem saber que é motivo de preocupação para Maria. Sendo assim, para verbos estritamente causativos, o participante X não causa a mudança de estado em Y, ele apenas designa uma motivação para essa mudança. Por exemplo, voltando ao caso de *preocupar*, só Maria é responsável por sua preocupação e só ela tem controle para iniciá-la ou interrompê-la, como mostra o contexto abaixo. Em outras palavras, a experiência designada por *preocupar* está no experienciador, e só ele é capaz de exercer controle sobre ela:

(244) Maria tem medo de motos, mas seu filho, João, insiste em querer comprar uma. Contra a vontade da mãe, João compra uma moto. Então Maria resolve que não vai mais se preocupar com isso.

Dadas essas peculiaridades dos verbos estritamente causativos, eles não apresentam a noção de direção relevante para a construção passiva. Por exemplo, no caso de *preocupar*, X não pode causar a preocupação em Y, mas apenas motivá-la. Conseqüentemente, não se pode dizer que X direciona preocupação para Y. A fonte da preocupação de Y não é X, mas Y ele mesmo. Como mostram os dados, verbos estritamente causativos¹¹⁸ não podem ser integrados com a construção passiva, corroborando nossa hipótese de trabalho:

(245) *A mulher foi aborrecida pelo homem.

(246) *A menina foi acovardada pelos colegas.

(247) *Maria foi agoniada por João.

(248) *A menina foi acanhada pelo homem.

(249) *Maria foi frustrada pela atitude do irmão.

4.4.3 Representando a construção passiva do PB

A análise da construção passiva mostrou que ela está associada a um significado de eventualidade direcionada. Apenas verbos que designam eventualidades, ou seja, eventos de ação ou causação, eventos processuais e estados de experiência, podem se integrar com a construção. Além disso, as eventualidades designadas pelos verbos

¹¹⁸ Os verbos incoativos (cf. CANÇADO e AMARAL, 2010), em sua maioria, também não se associam à construção passiva, como é o caso de **a criança foi adoecida pelo médico*. Esses verbos também são estritamente causativos, na definição de Cançado e Amaral, o que estaria de acordo com nossa análise. Entretanto, há alguns casos de compatibilização, como em *o vinho foi amadurecido em tonéis de carvalho pelo produtor*. Nesses casos, a conceptualização associada à descrição de evento vai além da simples mudança de estado comumente associada a esses verbos, como evidenciado por *a banana amadureceu*. Em um levantamento rápido, notou-se que apenas verbos incoativos que apresentam um participante inanimado parecem poder se associar à construção passiva. Em hipótese, a não animacidade do participante que muda de estado permitiria uma conceptualização em que se atribui controle ao participante causador, um sentido compatível com o significado da construção. Entretanto, essa classe não foi incluída na análise desta pesquisa porque não foi possível investigar mais detidamente sua representação semântica. Ainda, suspeitamos que o predicado CAUSE, presente opcionalmente na representação semântica dada por Cançado e Amaral para explicar o fato de que esses verbos podem ser “causativizados” e aparecer em uma construção transitiva, talvez não seja um aspecto do sentido do verbo em si, mas sim da construção transitiva em que ocorrem.

precisam estar associadas a uma conceptualização unidirecional, que parte do participante X para o participante Y¹¹⁹. Assim, vamos utilizar a descrição EVENTUALIDADE DIRECIONADA para representar o significado da construção passiva. Esse significado emerge da análise das classes de verbos estudadas, como mostra a tabela abaixo, confirmando a hipótese de integração verbo/construção:

Tabela 4 – Sentido que emerge das classes de verbos compatíveis com a construção passiva.

Classe de verbos	Exemplos	Sentido que emerge da classe	Sentido que emerge de todas as classes
Agentivos de afetação	X corta Y.	X direciona ação para Y.	X direciona eventualidade para Y.
Agentivos benefactivos	X ajuda Y.		
Agentivos de criação	X constrói Y.		
Agentivos de mudança de lugar	X arquiva Y.		
Agentivos de <i>locatum</i>	X algema Y.		
Causativo/agentivos (ou verbos causativos de mudança de estado)	X quebra Y. X assusta Y.	X direciona uma mudança de estado para Y.	
De obtenção	X consegue Y.	X direciona interesse em obter Y.	
De experiência	X admira Y.	X direciona emoção para Y.	

O polo sintático da construção passiva se caracteriza pela forma *Sujeito ser+V_{pp}* (*SP_{por}*), em que o sintagma preposicionado encabeçado pela preposição *por* é opcional.

¹¹⁹ Em alguns casos, essa direção da eventualidade não é muito clara. Por exemplo, o sentido de direção não é tão claro para o verbo *receber*, mas ainda é possível dizer que, em *X recebe Y*, há intenção de X em receber Y, e, portanto, direcionamento dessa eventualidade designada por *receber* de X para Y. Já para o verbo *herdar*, essa relação é ainda mais obscura. Apesar desse ponto fraco, assumimos que esses verbos, quando se integram à construção passiva, assimilam a conceptualização que caracteriza seu significado; e lembramos que a pesquisa aqui apresentada refere-se a uma hipótese de trabalho, checada para algumas classes de verbos do PB.

O polo semântico da construção passiva é caracterizado não só pelo significado EVENTUALIDADE DIRECIONADA, mas também pela função de desfocalização do papel participante responsável por iniciar essa eventualidade, ou seja, o participante que corresponde a X na representação semântica do verbo. A função de desfocalização é atendida através do sombreamento do papel participante associado a X na representação semântica do verbo, e, sendo assim, será representada na construção passiva com a notação “F: sombrear X”. O sombreamento permite que esse papel participante seja codificado sintaticamente em uma posição menos proeminente, o que corresponde ao SP_{por} opcional que caracteriza o polo sintático da construção. Vamos assumir, de forma mais geral, que a relação entre o significado do verbo, integrado em PRED, e a construção passiva é uma relação estendida de instância. Sendo o significado da construção dado em termos da noção de eventualidade, pode se dizer que o significado do verbo especifica o tipo de eventualidade da construção, podendo especificar uma ação/causação, um processo ou uma experiência em relação ao significado do verbo. Assim, essa relação pode ser descrita como uma instância, em termos mais gerais, pois uma ação/causação, um processo ou uma experiência podem ser instâncias da noção semântica de eventualidade; ou pode ser descrita especificamente pelo o que o verbo designa: ação/causação, processo ou experiência. Preferimos utilizar apenas o termo *instância* para descrever essa relação. A construção passiva é então representada por:

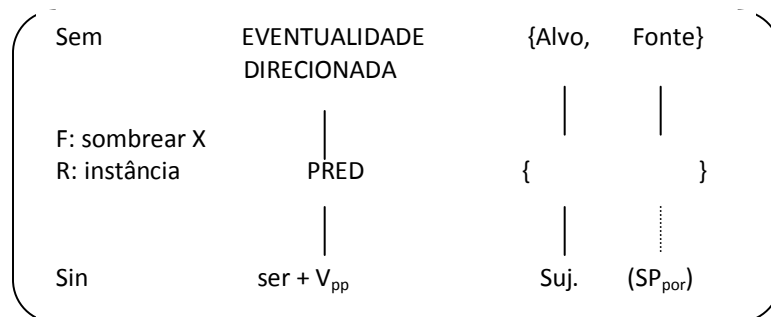


Figura 7 – A construção passiva do PB

Para que um verbo instancie a construção passiva, segundo o Princípio da Coerência Semântica, é preciso haver compatibilidade entre o significado do verbo e o significado da construção. Nossa análise mostrou que os verbos compatíveis com o significado da construção passiva são verbos que designam uma eventualidade direcionada de X para Y. Segundo o mesmo princípio, os papéis participantes do verbo devem se fundir, por compatibilidade semântica, com os papéis argumentais da construção. Por exemplo, o verbo *quebrar*, cujo significado designa uma ação/causação direcionada do participante “quebrador” para o participante “quebrado”, é compatível com o significado da construção passiva e integra-se em PRED. O papel participante de “quebrado” funde-se, por compatibilidade semântica, com o papel argumental de “alvo”, enquanto que o papel participante de “quebrador” funde-se com o papel argumental de “fonte”. Pelo Princípio da Correspondência, todo papel participante do verbo deve ser expresso por um papel argumental da construção, mas a função da construção passiva, dada em F, pode cancelar esse princípio, pois, ao sombreá-lo, permite omitir o papel participante de “quebrador” da codificação sintática. Por outro lado, esse mesmo papel participante pode ser codificado sintaticamente, mas apenas em uma posição sintática menos proeminente. A integração do verbo *quebrar* com a construção passiva é representada por:

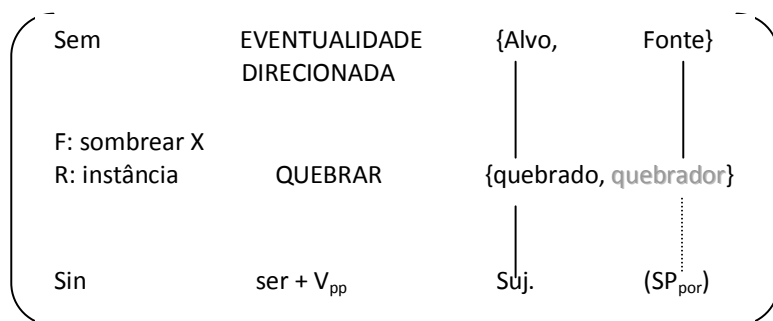


Figura 8 – Construção passiva + verbo *quebrar*

É preciso realçar que a construção passiva, tal qual definida neste trabalho, engloba até mesmo instâncias que não possuem uma construção transitiva

correspondente, como é o caso da instância presente em *ela foi incompreendida pelos pais* (exemplo de PERINI, 2010). Mesmo não havendo a forma verbal **incompreender* em PB, o que põe em xeque o estatuto da forma de particípio presente na construção passiva (é uma forma “verbal” ou não?), o importante é que a forma de particípio seja compatível com o significado geral da construção. Havendo compatibilidade, pode haver instanciação. É importante lembrar que a relação entre a construção e o verbo/particípio é de natureza conceitual, ou seja, a construção passiva não é definida como uma “alternância de diátese”¹²⁰; mas como uma unidade linguística independente, que se relaciona semanticamente a outras unidades linguísticas, como o verbo ou particípio e os outros itens lexicais que a instanciam.

Por fim, observamos que construção passiva é a construção que possui o significado mais geral e esquemático das três construções analisadas, sendo a mais produtiva das três. Isso fica claro na própria representação semântica atribuída à construção, que não envolve nenhuma caracterização semântico-lexical em termos de predicados primitivos, mas apenas uma descrição semântica de natureza construcional/gramatical. A construção passiva ocupa, portanto, o extremo mais gramatical do contínuo de construções analisadas nesta tese.

4.4.4 Resumo da análise da construção passiva

A análise da construção passiva atestou, primeiramente, sua existência como um padrão oracional independente na língua. Também foi mostrado que a construção passiva está associada ao significado de EVENTUALIDADE DIRECIONADA, sendo instanciada apenas pelas classes de verbos semanticamente compatíveis com esse significado. Mostrou-se que as classes de verbos compatíveis com a construção passiva pertencem a três grandes grupos: ação/causação, processo e estado de experiência, tendo sido analisadas algumas classes de verbos representativas do PB. O tipo de eventualidade designada pelos verbos precisa ainda se conformar à noção de unidirecionalidade,

¹²⁰ Perini (2010) questiona a definição tradicional da passiva como uma “diátese” do verbo, levantando questões interessantes sobre o tema.

designando uma eventualidade direcionada de X para Y. Verbos não compatíveis com essa noção, como os verbos estritamente causativos, não podem ser integrados com a construção passiva, confirmando a hipótese de trabalho. Finalmente, foi proposta uma representação para a construção passiva do PB, que mostra como seu significado, de natureza mais construcional/gramatical, a situa no extremo gramatical do contínuo de construções proposto neste trabalho.

Capítulo 5

Conclusão

Este trabalho partiu da hipótese geral de que a incoativa, a medial e a passiva são construções da língua, ou seja, unidades linguísticas dotadas não apenas de forma sintática, mas também de significado. No capítulo 1, apresentamos evidências para adotar essa hipótese, mostrando que há aspectos do significado dessas construções que não podem ser atribuídos a outras construções da língua, ou aos itens lexicais que as preenchem. Em vista disso, nos pareceu adequado atribuir esses aspectos de significado ao todo construcional. Além disso, a principal questão que direcionou este trabalho refere-se ao fato de que nem todos os verbos da língua podem se integrar com as construções incoativa, medial e passiva. Buscando uma explicação para esse fato, partimos do princípio proposto pela Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995, 2006) de que o significado dos verbos que integram uma construção precisa ser compatível com o significado da própria construção. Essa hipótese direcionou a análise para a caracterização das construções incoativa, medial e passiva do PB, com especial interesse por seu significado.

Para caracterizar o significado das construções estudadas, propusemos, no capítulo 3, a articulação da Gramática de Construções com a técnica de decomposição de predicados. Segundo a Gramática de Construções, o significado dos verbos que instanciam uma construção contribui ativamente para o significado da própria construção. Sendo assim, consideramos que a análise do significado das classes de verbos compatíveis com as construções estudadas poderia ajudar a circunscrever o significado das próprias construções. Com base nesse raciocínio, utilizamos as descrições semântico-lexicais provenientes da decomposição de predicados de algumas classes de verbos para, em uma análise empírica, delimitar o significado das construções incoativa, medial e passiva do PB. As representações semânticas das classes de verbos de obtenção, de experiência e de estado puro foram contribuições deste trabalho. As

representações semânticas das outras classes de verbos foram retiradas dos trabalhos de Cançado (2010) e Cançado e Godoy (2009, 2010).

No capítulo 4, foi apresentada a análise empírica das classes de verbos em relação às construções incoativa, medial e passiva. Essa análise é representativa e se refere a apenas algumas classes de verbos do PB, mas corrobora as hipóteses deste trabalho. Antes de apresentar os resultados, foi proposto um contínuo para as construções incoativa, medial e passiva, à semelhança do contínuo entre o léxico e a gramática. Com base na produtividade de cada construção, assumimos que a construção incoativa, sendo restrita a poucas classes verbais, apresenta um significado mais específico, ocupando o extremo mais lexical do contínuo. A medial, sendo mais abrangente do que a incoativa, mas menos do que a passiva, caracteriza-se por um significado que possui aspectos de sentido mais lexicais e outros mais esquemáticos, situando-se no meio do contínuo. Por outro lado, a passiva, sendo a mais produtiva das três, caracteriza-se por um significado mais esquemático, e, portanto, ocupa o extremo mais gramatical do contínuo. Posteriormente, passamos à análise das construções em si, que têm em comum a função semântico-pragmática de desfocalização do participante prototipicamente associado ao papel de agente.

Mostramos que a incoativa é uma construção do PB que associa a forma SUJEITO (SE) V ao significado de mudança de estado, representado por [BECOME <STATE>]. A análise ainda mostrou que apenas verbos de mudança de estado, representados semântico-lexicalmente pela descrição [BECOME <STATE>], podem se integrar com a construção incoativa do PB, corroborando a hipótese específica de integração verbo/construção incoativa. Foi proposta uma representação para a construção incoativa, que especifica: seu significado, o papel argumental associado a esse significado, o modo como sua função semântica é atendida (através do corte do participante relevante), a relação que o significado dos verbos mantém com o significado da construção e sua forma sintática. Além disso, a representação proposta também explicita como se dá o mapeamento, de natureza interna, entre o polo semântico e o polo sintático da construção. A própria representação do significado da

construção incoativa em termos de predicados semânticos primitivos indica seu caráter mais lexical.

Sobre a construção medial, a análise mostrou que ela é uma construção do PB caracterizada por associar a forma SUJEITO (SE) V MODIFICADOR ao significado de TER A PROPRIEDADE DE [*AFFECTEDNESS*]. Apenas verbos causativos representados semanticamente com a descrição [*AFFECTEDNESS*] ou a descrição [*BECOME <STATE>*] estão prototipicamente associados à construção medial. Em outras palavras, apenas verbos de afetação e de mudança de estado são compatíveis com o significado da construção em termos prototípicos. Verbos estritamente agentivos de mudança de lugar, de *locatum* e de criação, por designarem um tipo de afetação em geral, podem ser associados à medial dependendo do contexto de uso. Assim, a análise dos dados confirmou a hipótese de integração verbo/construção medial. Posteriormente, foi proposta uma representação para a construção medial do PB, explicitando: seu polo semântico, incluindo o modo como a função da construção é atendida (através do corte do participante relevante); seu polo sintático e o modo como se dá o mapeamento entre esses dois polos. A representação do significado da construção medial ainda mostra que apenas uma parte de seu significado é de natureza lexical, sendo a outra parte de natureza construcional, indicando que ela se situa entre os polos lexical e gramatical do contínuo entre o léxico e a gramática.

Finalmente, também mostramos que a passiva é uma construção do PB, caracterizada pela associação da forma SUJEITO SER+ V_{pp} (SP_{POR}) a um significado de alta transitividade. Esse significado foi representado pela descrição EVENTUALIDADE DIRECIONADA. Foi mostrado que as classes de verbos compatíveis com o significado da construção passiva pertencem a três grandes grupos: ação/causação, processo e estado de experiência, designando uma eventualidade direcionada de X para Y. Verbos não compatíveis com essa noção, como os verbos estritamente causativos, não podem ser integrados com a construção passiva, confirmando a hipótese específica de integração verbo/construção passiva. Além disso, foi proposta uma representação para a construção passiva que explicita o polo semântico da construção, o modo como a

função de desfocalização é atendida (através do sombreado do participante relevante), o polo sintático da construção, o modo como acontece o mapeamento entre esses dois polos; e mostra como o significado da construção passiva, de natureza mais esquemática ou geral, a situa no extremo gramatical do contínuo entre o léxico e a gramática.

Portanto, os resultados apresentados não só confirmam a hipótese geral deste trabalho, mostrando que a incoativa, a medial e a passiva são construções do PB, ou seja, unidades gramaticais independentes na língua, dotadas de significado, como também permitem explicar por que nem todos os verbos podem instanciar as construções estudadas. Sendo unidades linguísticas dotadas de significado, a incoativa, a medial e a passiva só podem ser instanciadas por verbos semanticamente compatíveis com elas. Sendo assim, esta pesquisa se justifica por realizar tanto uma análise descritiva quanto uma análise teórica do objeto de estudo. Do ponto de vista descritivo, este trabalho apresenta as propriedades semânticas de três classes de verbos do PB (obtenção, experiência e estado puro) e mostra as classes de verbos compatíveis com as construções incoativa, medial e passiva do PB. Além disso, este trabalho também mostra como a função semântica de desfocalização do participante prototipicamente associado à função de agente é atendida em cada construção estudada, contribuindo para a descrição das estratégias de desfocalização do agente em PB. Este trabalho contribui, portanto, para a descrição do PB. Do ponto de vista teórico, a adoção da Gramática de Construções se mostrou adequada, pois permitiu explicar, através da noção de construção gramatical, por que nem todos os verbos da língua podem instanciar as construções estudadas. Além disso, a utilização da técnica de decomposição de predicados também se mostrou útil para a descrição do significado das construções. Contribuímos, portanto, para a teoria gramatical de construções. Finalmente, ao mostrarmos que as construções estudadas podem ser classificadas como unidades mais ou menos lexicais/gramaticais, contribuímos para os estudos em Linguística Cognitiva, corroborando a hipótese de uma organização contínua para o conhecimento linguístico.

Com relação ao fato de as construções incoativa e medial poderem ocorrer com o clítico *se*, apenas apontamos a hipótese de que o clítico é um indício sintático de propriedades semântico-funcionais dessas construções. Em outras palavras, semanticamente, assumimos que as construções incoativa e medial se caracterizam por: i) codificar uma perspectiva diferente da perspectiva causativa associada aos verbos que as instanciam; ii) servir à função de desfocalização do participante prototipicamente associado ao papel de agente; iii) atender à função de desfocalização através do corte do participante prototipicamente associado ao papel de agente. Sintaticamente, assumimos que essas construções estão associadas à possibilidade de ocorrência do clítico *se*. Assim, associamos a possibilidade de ocorrência do clítico a esses aspectos semântico-funcionais das construções incoativas e mediais. O único argumento utilizado para corroborar essa hipótese foi a comparação das construções incoativas e mediais com construções semelhantes formadas pelos verbos incoativos (CANÇADO e AMARAL, a sair). Além de as construções formadas com esses verbos incoativos não aceitarem a possibilidade de ocorrência do clítico *se*, o significado desses verbos não designa uma perspectiva causativa, nem está associado a um participante que possa ser desfocalizado pelas construções incoativa e medial, corroborando nossa hipótese. Portanto, embora não tenhamos analisado essa questão mais detidamente, esta pesquisa apontou uma direção razoável, que pode ser explorada em pesquisas futuras sobre o tema. Esta pesquisa também não se deteve sobre os verbos chamados por Cançado e Amaral de incoativos, mas também teceu algumas considerações sobre eles. Primeiramente, apontamos a possível relação existente entre seu significado e a não aceitação do clítico *se* pela construção intransitiva que eles instanciam, já explicitada neste parágrafo. Em segundo lugar, levantamos a questão de que, possivelmente, uma representação semântica adequada para essa classe não envolveria, nem opcionalmente, o predicado primitivo CAUSE. Em hipótese, esse aspecto de sentido seria parte do significado da construção causativa que esses verbos instanciam, e não dos verbos eles mesmos. Este trabalho questiona, portanto, a representação semântico-lexical proposta por Cançado e Amaral, mas não persegue a questão levantada,

deixando-a também para uma pesquisa futura. Por fim, ressaltamos que esta pesquisa não é exaustiva. Ela consiste na checagem de uma grande hipótese de trabalho em **algumas** classes de verbos, mais representativas do léxico verbal do PB, e não em todos os verbos da língua. O que podemos dizer é que, até onde nossa análise se estende, ela corrobora a hipótese aventada. Assim, um outro ponto que poderia ser retomado futuramente para uma testagem mais abrangente das hipóteses verificadas e dos resultados alcançados seria o uso de *corpus* de língua em uso, principalmente nos casos limítrofes, em que a intuição não parece suficiente.

Para concluir, esperamos que, apesar das lacunas, esta pesquisa possa ter ajudado a elucidar parte do conhecimento linguístico partilhado pelos falantes de português brasileiro.

Referências

ACKEMA, Peter e SCHOOLEMMER, Maaïke. The middle constructions and the semantics interface. *Lingua*, n. 93, p. 59-90, 1994.

ACKEMA, Peter e SCHOOLEMMER, Maaïke. Middles and non-movement. *Linguistic Inquiry*, n. 26, p. 173-197, 1995.

ALEXIADOU, Artemis, ANAGNOSTOPOULOU, E. & SCHÄFER, F. The properties of anticausatives crosslinguistically. In: M. Frascarelli (ed.). *Phases of Interpretation*. Berlin: Mouton, 187-211, 2006. Disponível em <<http://ifla.uni-stuttgart.de/~florian>>.

AMARAL, Luana. *Os Verbos de Modo de Movimento no PB*. Monografiade Bacharelado em Linguística. UFMG, 2010. Disponível em < <http://www.letras.ufmg.br/nucleos/nupes>>.

ARONOFF, Mark. *Morphology by itself: Stems and inflectional classes*. Linguistic Inquiry monograph series n. 22. MIT Press, 1993.

BARDDAL, Jóhanna. The role of thematic roles in constructions? Evidence from Icelandic inchoative. *Proceedings of the 18th Scandinavian Conference of Linguistics*, vol. 1, p. 127-137. 2001.

BARDDAL, Jóhanna e MOLNÁR, Valéria. The passive in Icelandic – compared to Mainland Scandinavian. Jorunn Hetland e Valéria Molnár (eds.). *Structures of Focus and Grammatical Relations*, 231–60. Max Niemeyer Verlag: Tübingen, 2003.

BASSAC, Christian e BOUILLON, Pierrette. Middle Transitive Alternations in English: A Generative Lexicon Approach. *Many Morphologies*. ed. Paul Boucher and Marc Plénat, p. 29–47, 2002.

BERG, Márcia. *O Comportamento Semântico-Lexical das Preposições do PB*. Tese de Doutorado. UFMG, 2005.

BORBA, Francisco da Silva. *Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

BOWERMAN, Melissa. Learning a Semantic System: what role do cognitive predispositions play? In: M. L. Rice e R. L. Schiefelbusch (eds.) *The teach-ability of Language*, 133-169. Baltimore: P. H. Brookes. 1989.

BRESNAN, Joan. *The mental representation of grammatical relations*. Cambridge, Mass.: MIT Press. 1982.

BURZIO, Luigi. *Italian Syntax: a government and binding approach*. Dordrecht: D. Reisel Publishing Company, 1986.

BYBEE, Joan L.; Thompson, Sandra. *Three frequency effects in syntax*. Berkeley Linguistic Society, 23, 65-85. 2000.

CAMACHO, Roberto. Em defesa da categoria de voz média no Português. *DELTA*, v. 21, n. 1, p. 23-56, 2003.

CAMBRUSSI, Morgana F. *Médias e Ergativas: uma construção, dois sentidos*. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

CAMBRUSSI, Morgana F. Tempo e aspecto em construções médias e ergativas. Working Papers in Linguistics, n. especial, p. 57-71. Florianópolis, 2008.

CANÇADO, Márcia. *Verbos Psicológicos: A Relevância dos Papéis Temáticos Vistos sob a Ótica de uma Semântica Representacional*. Tese (Doutorado em Linguística). Unicamp, Campinas, 1995.

CANÇADO, Márcia. O papel do léxico em uma teoria de papéis temáticos. *DELTA* 16.2: 297-321. 2000. Disponível em <<http://www.letas.ufmg.br/nucleos/nupes>>.

CANÇADO, Márcia. Posições Argumentais e Propriedades Semânticas. *DELTA*. V. 21.1, 2005. Disponível em <<http://www.letas.ufmg.br/nucleos/nupes>>.

CANÇADO, Márcia. Argumentos: complementos e adjuntos. *ALFA- Revista de Linguística*, v. 53, n. 1, pgs.35-59. 2009.

CANÇADO, Márcia. Verbal Alternations in BP: a lexical semantic approach. *Studies in Hispanic and Lusophone Linguistics*. v. 3, n. 1, 2010. Disponível em <<http://www.letas.ufmg.br/nucleos/nupes>>.

CANÇADO, Márcia e GODOY, Luisa. Representação Lexical de Classes Verbais do PB. Manuscrito apresentado em UFRJ (Março/2010), UFRGS (Abril/2010), USP (Maio/2010). UFMG. 2010. Disponível em <<http://www.letas.ufmg.br/profs/marciacancado>>.

CANÇADO, Márcia e GODOY, Luisa. Relacionando as estruturas semântico-lexical e sintático-lexical. Manuscrito apresentado no Encontro do GT de Teoria da Gramática ANPOLL, UNB. 2009. Disponível em: <http://www.letas.ufmg.br/profs/marciacancado>.

CANÇADO, Márcia; AMARAL, Luana. A Representação Lexical dos Verbos Incoativos no PB. Revista da ABRALIN. A sair. Disponível em < <http://www.lettras.ufmg.br/profs/marciacancado> >.

CANÇADO, Márcia; GODOY, Luisa e AMARAL, Luana. Catálogo de verbos do PB: verbos de mudança. Volume I. UFMG. Em preparação.

CARLSON, Greg. *Reference to Kinds in English*. Garland: New York. 1980

CIRÍACO, Larissa. *A alternância causativo-ergativa no PB: restrições e propriedades semânticas*. Dissertação (Mestrado em Linguística). UFMG, 2007. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/nucleos/nupes>.

CIRÍACO, Larissa. Transitividade dos verbos alternantes. *Revista do GEL*. São Paulo, v. 6, n. 2, p. 36-60. 2009. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/nucleos/nupes>.

CIRÍACO, Larissa e CANÇADO, Márcia. A alternância causativo-ergativa no PB. *Revista Matraca*. V. 24, n. 16, p. 216-229. 2009. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/nucleos/nupes>.

CHAFE, Wallace. *Meaning and the Structure of Language*. Chicago: The University of Chicago Press. 1970.

CHIERCHIA, Gennaro. Structured Meanings. Chierchia, Hall-Partee e Turner (eds.) *Properties, Types and Meaning. Studies in Linguistic and Philosophy, 2: Semantic Issues*. Daordrecht: Kluver, p. 131-166, 1989.

CHOMSKY, Noam. *Syntactic Structures*. The Hague: Mouton. 1957.

CHOMSKY, Noam. *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1965.

CHOMSKY, Noam. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris Publications, 1981.

CHOMSKY, Noam. *Some Concepts and Consequences of the Theory of Government and Binding*. 1982.

CHOMSKY, Noam. *The minimalist program*. Cambridge, Mass.: MIT Press. 1995.

CLARK, Eve V.; CLARK, Herbert H. When nouns surface as verbs. *Language* , 55, 767-811. 1979. Reprinted in: F. Katamba (Ed.), *Critical concepts in linguistics*, vol. 5 : *Morphology: its relation to semantics and the lexicon*. London: Routledge, 2003. Pp. 128-183. Disponível em: <http://www-psych.stanford.edu/~herb/>.

COLLINS, Chris. A smuggling approach to the passive in english. *Linguistic Inquiry* 36 p. 289–297, 2005.

COMRIE, Bernard. *Language universals and linguistic typology*. 2 ed. Chicago: University of Chicago Press, 1989.

COMRIE, Bernard. Form and Function in Identifying Cases. Plank, Frans (ed.) *Paradigms: The Economy of Inflection*. Berlin: Mouton de Gruyter, p. 41-56. 1991.

COOK, Walter A. *Case grammar: Development of the matrix model (1970–1978)*. Washington, DC: Georgetown University Press. 1979.

CORRÊA, Rosimeire. *Trajatória, Verbos de Movimento e Hierarquia Temática*. Dissertação de Mestrado. UFMG. 2005.

COSTA, S. B. *O Aspecto em português*. São Paulo: Contexto, 1990.

CREISSELS, Denis. *Syntaxe générale : Une introduction typologique*. 2006.

CROFT, William. *Syntactic Categories and Grammatical Relations: The Cognitive Organization of Information*. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

CROFT, William. The structure of events and the structure of language. *The new psychology of language: cognitive and functional approaches to language structure*. Michael Tomasello (ed.) Mahwah, N.J.: Lawrence Erlbaum Associates, p. 67-92, 1998.

CROFT, William. *Radical Construction Grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CROFT, William e CRUSE, D. Alan. *Cognitive linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CROFT, William. Construction grammar. *Handbook of Cognitive Linguistics*. Dirk Geeraerts and Hubert Cuyckens (eds.) Oxford: Oxford University Press, p. 463-508, 2007.

CYRINO, Sonia M. L. Construções com *se* e promoção de argumento no português brasileiro: uma investigação diacrônica. *Revista da ABRALIN*, v. 6, n. 2, p. 85-116, jul./dez. 2007.

DAMASCENO, Maria Aparecida. *Verbos polissêmicos: propriedades semânticas e processos metafóricos*. Dissertação de Mestrado. UFMG. 2006. Disponível em < <http://www.lettras.ufmg.br/nucleos/nupes> >

DAVIDSON, Donald. The logic form of action sentences. Rescher, Nicholas (ed.) *The Logic of Decision and Action*. p. 81-95. Pittsburgh: Pittsburgh University Press, 1967.

DIXON, Roland. M. W. Ergativity. *Language*, 55, p. 59-138. 1979.

DOWTY, David. On the Semantic Content of the Notion of Thematic Role. Chierchia, Partee e Turner (eds.). *Properties, Types and Meaning. Studies in Linguistic and Philosophy, 2: Semantic Issues*. Daordrecht: Kluver, p. 69-124, 1989.

DOWTY, David. Thematic Proto-Roles and Argument Selection. *Language* 67, 547-619. 1991.

DOWTY, David. *The semantic asymmetric of "argument alternations"* (and why it matters). Geart van der Meer e Alice G. B. ter Meulen (eds.). Making Sense: From Lexeme to Discourse. *Groninger Arbeiten zur germanistischen Linguistik*, n. 44. Center for Language and Cognition, Groningen, 2001. Disponível em < <http://www.ling.ohio-state.edu/~dowty/>>.

EVANS, Vyvyan; GREEN, Melanie. *Cognitive Linguistics: an introduction*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2005.

FAGAN, Sarah M. B. The English Middle. *Linguistic Inquiry*, n. 19, p.181–203, 1988.

FAGAN, Sarah M. B. *The syntax and semantics of middle constructions*. Cambridge Studies in Linguistics 60. Cambridge University Press, 1992.

FELLBAUM, C.; ZRIBI-HERTZ, A. La construction moyenne on français et on anglais: etude de syntaxe et de sémantique compares. *Recherches linguistiques*, n. 18, p. 19-55. 1989.

FILLMORE, Charles J., KAY, Paul. e O'CONNOR, Catherine. Regularity and Idiomaticity in Grammatical Constructions: The Case of *Let Alone*. *Language*, n. 64, p. 501-538, 1988.

FILLMORE, Charles J. The case for case. Bach, Emmon e Harms, Robert T. (eds.) *Universals in linguistic theory*. New York: Holt, Rinehart e Winston, 1968.

FILLMORE, Charles J. Some Problems for Case Grammar. *Monograph Series on Languages and Linguistics*, n. 24, p. 35-56. 1971.

FOLEY, William A.; VAN VALIN, Robert D. Jr. *Functional syntax and universal grammar*. Cambridge: Cambridge University Press. 1984.

FRANCHI, Carlos. Predicação. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 11, n. 2, 2003.

FRANCHI, Carlos e CANÇADO, Márcia. Teoria Generalizada dos papéis temáticos. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 11, n. 2, 2003.

FULGÊNCIO, Lúcia M. B. Expressões fixas e idiomatismos do português brasileiro. Tese (Doutorado) Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. 2008.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. Transitividade e passiva. *Revista de estudos da linguagem*, Belo Horizonte, v. 1, n. 4, p. 46-61, 1996.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. A complexidade da passiva e as implicações pedagógicas do seu uso. *Linguagem & Ensino*, vol. 3, n. 1, p. 107-116, 2000.

GEE, James Paul. Jackendoff's Thematic Hierarchy Condition and the Passive Construction. *Linguistic Inquiry*, vol. 5, n. 2, p. 304-308, 1974.

GEHRKE, Berit; GRILLO, Nino. How to become passive. Kleanthes K. Grohmann (ed.) *Explorations of Phase Theory: Features, Arguments, and Interpretation at the Interfaces*, p. 231-268. Berlin & New York: Mouton de Gruyter 2009.

GIVÓN, Talmy. *Syntax: A functional-typological introduction*. Amsterdam e Philadelphia: John Benjamins, v. I, 1984.

GODOY, Luisa. *Os verbos recíprocos no PB*. Dissertação de Mestrado. UFMG. 2008. Disponível em < <http://www.lettras.ufmg.br/nucleos/nupes> >

GOLDBERG, Adele. *Constructions: A construction grammar approach to argument structure*. Chicago, IL: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, Adele. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GRIMSHAW, Jane. 1990. *Argument Structure*. Cambridge: MIT Press.

GRUBER, J.S. *Studies in Lexical Relations*. PhD Dissertation, MIT, Mass. 1965.

HAIMAN, John. The iconicity of grammar: isomorphism and motivation. *Language*, v. 56, n. 3, 1980.

HALE, Kenneth e KEYSER, Samuel. On Argument Structure and the Lexical Expression of Syntactic Relations. In Kenneth Hale e Samuel Keyser (eds.), *The View from Building 20*, 53-109. Cambridge: MIT Press. 1993.

HALE, Kenneth e KEYSER, Samuel. A view from the middle. *Lexicon Project Working Papers*, n. 10. Centre for Cognitive Sciences, MIT. 1987.

HALE, Kenneth e KEYSER, Samuel. *Prolegomenon to a Theory of Argument Structure*. Cambridge: MIT Press, 2002.

HALLIDAY, M. A. K. Notes on transitivity and theme in English. Part 2. *Journal of linguistics*, v. 3, p. 199-244. 1967.

HASPELMATH, Martin. *Transitivity Alternations of the Anticausative Type*. Cologne: Institut für Sprachwissenschaft der Universität zu Köln, 1987.

HOPPER, Paul J.; THOMPSON, Sandra A. Transitivity in grammar and discourse. *Language*, v. 56 (2), p. 251-299, 1980.

HORNSTEIN, N. Movement and control. *Linguistic Inquiry*, v. 30, n. 1, p. 69-96. 1999

HUDSON, Richard. Word Grammar. Geeraerts, D.; Cuyckens, H. (eds.) *Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. 2007

JACKENDOFF, Ray. *Semantic Interpretation in Generative Grammar*. Cambridge (MA): MIT Press, 1972.

JACKENDOFF, Ray. *Semantics and Cognition*. Cambridge (MA): MIT Press, 1983.

JACKENDOFF, Ray. *Semantic structures*. Cambridge: MIT Press, 1990.

JAEGGLI, Osvaldo. Passive. *Linguistic Inquiry* 17, 582-622. 1986

JESPERSEN, Otto. *The philosophy of grammar*. London: Allen e Unwin. 1924

KAGEYAMA, Taro. Property description as a voice phenomenon. In: Tsunoda, Tasaku e Taro Kageyama (eds.) *Voice and Grammatical Relations: in honor of Masayoshi Shibatani*. Typological Studies in Language. John Benjamins Publishing Company. 2006.

KEMMER, Suzanne. *The Middle Voice*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company. 1993.

KEMMER, Suzanne. *Middle voice, transitivity and the elaboration of events*. 1994.

KEYSER, Samuel Jay e ROEPER, Thomas. On the Middle and Ergative Constructions in English. *Linguistic Inquiry*. n. 15, p.381–416, 1984.

KIBORT, Anna. *Passive and Passive-Like Constructions in English and Polish*. PhD thesis. University of Cambridge, 2004.

KLAIMAN, Miriam H. *Grammatical Voice*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

KRIFKA, Manfred; PELLETIER, Francis; CARLSON, Gregory; MEULEN, Alice ter; LINK, Godehard; CHIERCHIA, Gennaro. Genericity: An introduction. In: Gregory Carlson e Francis Pelletier. *The generic book*. 1–124. University of Chicago Press. 1995.

LAKOFF, George. Linguistic gestalts. *CSL* 12, 1977.

LAKOFF, George. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LANGACKER, Ronald. *Foundations of cognitive grammar*. Volume I. Stanford: Stanford University Press, 1987.

LANGACKER, Ronald. The English Passive. *Concept, Image and Symbol: The Cognitive Basis of Grammar*. Capítulo 4. Mouton de Gruyter, 1990.

LANGACKER, Ronald. *Foundations of Cognitive Grammar*. Volume II, Descriptive Application. Stanford, California: Stanford University Press, 1991.

LANGACKER, Ronald. Construction Grammars: Cognitive, Radical, and Less So. Francisco J. Ruiz de Mendoza Ibáñez e M. Sandra Peña Cervel (eds.), *Cognitive Linguistics: Internal Dynamics and Interdisciplinary Interaction*, 101-159. Berlin and New York: Mouton de Gruyter. 2005.

LANGACKER, Ronald. *Cognitive Grammar*. A basic introduction. Oxford: Oxford University Press, 2008.

LEVIN, Beth. *English verb classes and alternations*. Chicago: The University of Chicago Press, 1993.

LEVIN, Beth e RAPPAPORT-HOVAV, Malka. *Unaccusativity: at the syntax-lexical semantics interface*. Cambridge: MIT Press, 1995.

LEVIN, Beth e RAPPAPORT-HOVAV, Malka. Objecthood: an event structure perspective. *CLS*, n. 35, v. 1, 1999.

LEVIN, Beth e RAPPAPORT-HOVAV, Malka. *Argument Realization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

LEVIN, Beth. Further Explorations of the Landscape of Causation: Comments on the Paper by Alexiadou and Anagnostopoulou. Proceedings of the Workshop on Greek

Syntax and Semantics, *MIT Working Papers in Linguistics* 49. MIT, Cambridge, MA, p. 239-266, 2009.

MALDONADO, Ricardo. *A Media Voz*. México: Universidade Nacional Autónoma de México. 1999.

MATSUMOTO, Masumi; FUJITA, Koji. The English middle as an individual level predicate. *Studies in English Literature* 72, 1, p. 95–111, 1995.

MEILLET, Antoine. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris. 1948.

MOINO, Ruth Elizabeth Lopes. “Passivas nos discursos oral e escrito. No princípio era o verbo. E o verbo se fez adjetivo? Ou... o que estamos fazendo no oral!”. In: TARALLO, F. *Fotografias sociolingüísticas*. Campinas: Pontes / Editora da Unicamp, 1989, pp. 35- 50.

MOREIRA, Carla. *Princípio de Ligação Sintaxe/Semântica: Construções Estativas*. Dissertação de Mestrado, UFMG. 2000. Disponível em < <http://www.lettras.ufmg.br/nucleos/nupes> >

NAVES, Rosana. *Alternâncias Sintáticas: Questões e Perspectivas de Análise*, Universidade de Brasília, UNB, 2005.

NASCIMENTO, Milton do. *Sobre a semântica da passiva*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 1979.

NEGRÃO, Esmeralda e VIOTTI, Evani. Estratégias de impessoalização no português brasileiro. FIORIN, J. e PETTER, M. (eds.) *África no Brasil*. A formação da língua portuguesa. São Paulo: Contexto, 2007.

NUNES, Jairo Morais. O famigerado se: uma análise sincrônica e diacrônica das construções com se apassivador e indeterminador. Dissertação de mestrado. Campinas: Unicamp, 1990.

PACHECO, Juliana da Costa. *As construções médias no português do Brasil sob a perspectiva teórica da morfologia distribuída*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.

PARSONS, Terence. *Events in the Semantics of English: a study in subatomic semantics*. Currents Studies in Linguistic Series: 19. Cambridge: MIT Press, 1990.

PARSONS, Terence. *On the Consistency of the First-Order Portion of Frege's Logical System and of his Identification of Truth-Values with Courses of Values*. Notre Dame Journal of Formal Logic 28, 1987, p. 161-68. Reprinted in Demopoulos, William, Frege's Philosophy of Mathematics. Cambridge; Harvard University Press, 1995, p. 422-31.

PERINI, Mário A. Ergativas e médias em português. *Scripta*. Revista do Programa de pós-graduação em letras e do Cespuc, v. 8, n. 16. Belo Horizonte: PUC Minas. 2005.

PERINI, Mário A. Los dos participios y el análisis de las pasivas en el portugués de Brasil. Manuscrito. UFMG. 2010.

PERLMUTTER, David; POSTAL, Paul. Toward a universal characterization of passivization. In: Perlmutter, David (ed.) *Studies in relational grammar, 1*. Chicago: University of Chicago Press. 1983

PERLMUTTER, David; ROSEN, Carol. *Studies in relational Grammar*. Chicago: University of Chigaco Press, 1984.

PINA, Angelina Aparecida de. *Por uma nova “percepção” sobre um antigo problema: estudo cognitivo-construcional do sujeito indeterminado com se em português*. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2009.

PUSTEJOVSKY, James. *The generative lexicon*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1995.

RAPPAPORT-HOVAV, Malka; LEVIN, Beth. Building verb meanings. BUTT, M; GEUDER, W. (eds.) *The projection of arguments: lexical and compositional factors*. Stanford: CSLI Publications, 1998.

RAPPAPORT-HOVAV, Malka; LEVIN, Beth. *Roots and Templates in the Representation of Verb Meaning*. Department of Linguistics, Stanford University, Stanford, CA, May 15, 2003.

RAPPAPORT-HOVAV, Malka; LEVIN, Beth. Reflections on Manner/Result Complementarity. E. Doron, M. Rappaport Hovav, e I. Sichel (eds.) *Syntax, Lexical Semantics, and Event Structure*. Oxford: Oxford University Press, p. 21-38, 2010.

RIBEIRO, Pablo Nunes. *A alternância causativa no português do Brasil: a distribuição do clítico se*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010.

RICE, Sally. *Towards a Cognitive Model of Transitivity*. Doctoral dissertation. San Diego: University of California, 1987a.

RICE, Sally. Transitivity and the Lexicon. Center for Research in Language, vol 2, n. 2, University of Califórnia, San Diego, LA. 1987b.

RIZZI, Luigi. Null objects in Italian and the theory of pro. *Linguistic Inquiry*, 17, p. 501-557. 1986

ROBERTS, Ian. *The representation of implicit and dethematized subjects*. Dordrecht: Foris. 1987.

ROEPER, Thomas; SIEGEL, Muffy E. A. A lexical transformation for verbal compounds. *Linguistic Inquiry* 9, p. 199-260. 1978.

ROEPER, Thomas; van HOUT, A. The impact of nominalization, passive, -able, and middle: feature –movement in the lexicon. *Papers from the UPENN/MIT*. Roundtable on the lexicon, p. 175-200. 1999

RODRIGUES, C. Aspectos sintáticos e semânticos das estruturas médias no português do Brasil: um estudo comparativo. Dissertação de mestrado. UNB. 1998.

SAUSURRE, Ferdinand de. *Course in General Linguistics*. 1916. Editado por Charles Bay e Albert Sechehaye e traduzido por Roy Harris. 1983.

SHIBATANI, Masayoshi. Passives and Related Constructions: A Prototype Analysis. *Language*, 61.4, p. 821-848, 1985.

SHIBATANI, Masayoshi (ed.) *The grammar of causation and interpersonal manipulation*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 2000.

SIEWIERSKA, Anna. *The passive: a comparative linguistic analysis*. London: Croom Helm. 1984.

SILVA, Eliuse. *Predicadores Espaciais: Estrutura Argumental e Hierarquia Temática*. Dissertação de Mestrado, UFMG. 2001.

SLOBIN, Dan. The origins of grammatical encoding of events. Paul J. Hopper e Sandra Thompson. *Studies in transitivity*. New York: Academic Press. 1982

SLOBIN, Dan. *The crosslinguistic study of language acquisition: Vol. 1. The data*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates. 1985

SMITH, C. S. Jespersen's move and change class and causative verbs in English. M. A. Jazayery, E. C. Polomé, e W. Winter (eds.) *Linguistic and literary studies of language and thought*. Cambridge, MA: MIT Press. 1970.

SOUZA, Paulo. *A alternância causativa no português do Brasil: defaults num léxico gerativo*. Tese (Doutorado em Linguística). USP. São Paulo, 1999.

STROIK, Thomas. Middles and movement. *Linguistic Inquiry*, n. 23, p. 127-137, 1992.

TOMASELLO, Michael. *Constructing a language*. Boston: Harvard University Press, 2003.

VAN OOSTEN, Jeanne. *The nature of subjects, topics and agents: a cognitive explanation*. Indiana University Linguistics Club, Bloomington, Indiana. 1986

VAN VALIN, Robert D. Jr. Layered syntax in role and reference grammar. Nuyts, Jan, A. Machtelt Bolkestein e Co Vet (eds.) *Layers and Levels of Representation in Language Theory*, 1990.

VAN VALIN, Robert D. Jr.; LAPOLLA, R. *Syntax: Structure, Meaning and Function*. Cambridge: Cambridge University Press. 1997.

VAN VALIN, Robert D. Jr. *Exploring the Syntax-Semantics Interface*. Cambridge: Cambridge University Press. 2005.

VENDLER, Zeno. *Linguistics in Philosophy*. Ithaca, NY: Cornell, 1967.

WASOW, Thomas. Transformations and the lexicon. Peter Culicover, Thomas Wasow, Adrian Akmajian (eds.) *Formal syntax*. New York: Academic Press. 1977

WENCESLAU, Fábio. *Verbos Beneficiários: Um Estudo na Interface entre Semântica e Sintaxe*. Dissertação de Mestrado, UFMG. 2003.

WHITAKER-FRANCHI, Regina C. M. *As Construções Ergativas: Um Estudo Sintático e Semântico*. Dissertação de Mestrado. Unicamp, 1989.

WILLIAMS, Edwin. *Another argument that passive is transformational*. University of Massachusetts, 1980.

WUNDERLICH, D. Predicate Composition and Argument Extension as General Options- A study in the Interface of Semantic and Conceptual Structure. In Barbara Stiebels and Dieter Wunderlich (eds.), *The Lexicon in Focus*, 247-270. Berlin: Akademie Verlag. 2000.

YAMAMOTO, Toshiharu. English and Japanese passives: a functional approach. B.a. thesis, Kobe University. 1984

ZUBIZARRETA, Maria Luisa. *Levels of representation in the lexicon and in the syntax*. Dordrecht: Foris. 1987.

Apêndice

A) Construção Incoativa

1. Classes de verbos compatíveis: verbos de mudança de estado

Verbos causativos/agentivos de mudança de estado físico.	Construção incoativa	
Abrir	A porta (se) abriu.	
Amassar	O vestido (se) amassou.	
Arrebentar	O elástico (se) arrebentou.	
Colar	Os papéis (se) colaram.	
Descolar	O adesivo (se) descolou.	
Descosturar	O tecido (se) descosturou.	
Desencaixar	As peças (se) desencaixaram.	
Desfiar	A meia (se) desfiou.	
Desligar	A TV (se) desligou.	
Encaixar	As peças (se) encaixaram.	
Entornar	A água (se) entornou.	
Entortar	A maçaneta (se) entortou.	
Entupir	A pia (se) entupiu.	
Espalhar	A cobertura (se) espalhou.	
Estragar	O sapato (se) estragou.	
Esvaziar	O filtro (se) esvaziou.	
Fechar	A porta (se) fechou.	
Iluminar	A sala (se) iluminou.	
Incendiar	O mato (se) incendiou.	
Misturar	A massa (se) misturou.	
Quebrar	O vaso (se) quebrou.	
Queimar	Esse mato (se) queimou.	
Rachar	Esse vidro (se) rachou.	
Rasgar	Esse tecido (se) rasgou.	
Trincar	Esse piso (se) trincou.	
Verbos causativos/agentivos de mudança de estado psicológico	Construção Incoativa	
Acalmar	Maria acalmou.	Maria se acalmou.
Alegrear	*A criança alegrou.	Criança se alegrou.
Animar	Ela animou.	Ela se animou.
Apavorar	Ela apavorou (de susto).	Ela se apavorou.
Assustar	Ela assustou.	Ela se assustou.
Magoar	?Ela magoou.	Ela se magoou.
Reconfortar	*Ela reconfortou.	Ela se reconfortou.
Suavizar	*Ela suavizou.	Ela se suavizou.
Tranqüilizar	Ela tranqüilizou.	Ela se tranqüilizou.
Traumatizar	Ela traumatizou.	Ela se traumatizou.
Verbos de mudança de estado psicológico estritamente causativo	Construção Incoativa	
Abalar	Ela abalou.	Ela se abalou.
Aborrecer	?Ela aborreceu.	A mãe se aborreceu.
Acanhar	*A menina acanhou.	A menina se acanhou.
Agonizar	A menina agonizou.	A menina se agonizou.
Deprimir	Ele deprimiu.	Ele se deprimiu.
Desanimar	Ela desanimou.	Ela se desanimou.
Emocionar	*Maria emocionou.	Maria se emocionou.
Enfezar	Ela enfezou.	Ela se enfezou.

Enfurecer	Ela enfureceu.	A mulher se enfureceu.
Escandalizar	*Ele escandalizou.	A mulher se escandalizou.
Frustrar	*Maria frustrou.	Maria se frustrou.
Horrorizar	?Maria horrorizou.	Maria se horrorizou.
Impacientar	*Abraão impacientou.	Abraão se impacientou.
Inquietar	*Ele inquietou.	Ele se inquietou.
Preocupar	Ela preocupou.	Ela se preocupou.

2. Classes de verbos não-compátiveis

Verbos agentivos de location	Construção Incoativa
Arquivar	*A pasta (se) arquivou.
Aterrar	*O lote (se) aterrou.
Emoldurar	*O quadro (se) emoldurou.
Empacotar	*A mercadoria (se) empacotou.
Encanar	*Essa fiação (se) encanou.
Encaixotar	*As pastas (se) encaixotaram.
Encestar	* A bola (se) encestou.
Engaiolar	*O passarinho (se) engaiolou.
Engavetar	*O documento (se) engavetou.
Engarrafar	*A bebida (se) engarrafou.
Enjaular	*O leão (se) enjaulou.
Ensacar	*O feijão (se) ensacou.
Enterrar	*A caixa (se) enterrou.
Envelopar	*A carta (se) envelopou.
Hospitalizar	*As crianças (se) hospitalizaram.
Verbos agentivos de locatum	Construção Incoativa
Acorrentar	*A bicicleta (se) acorrentou.
Adubar	*O jardim (se) adubou.
Afivelar	*A sandália (se) afivelou.
Agasalhar	*A criança (se) agasalhou.
Algemar	*O homem (se) algemou.
Amanteigar	*O biscoito (se) amanteigou.
Apimentar	*A carne (se) apimentou.
Cimentar	*A rua (se) cimentou.
Concretar	*A estrada (se) concretou.
Coroar	*A princesa (se) coroou.
Selar	*O cavalo (se) selou.
Temperar	*O peixe (se) temperou.
Verbos agentivos de criação	Construção Incoativa
Compor	*A música (se) compôs.
Construir	*O prédio (se) construiu.
Escrever	*O artigo (se) escreveu.
Esculpir	*O busto (se) esculpiu.
Fabricar	*O carro (se) fabricou.
Pintar (um quadro)	*O quadro (se) pintou.
Verbos agentivos de afetação	Construção Incoativa
Afiar	*A faca (se) afiou.
Afinar	*O violão (se) afinou.
Aspirar	*O carro (se) aspirou.
Cortar	*O bolo (se) cortou.
Enxugar	*O piso (se) enxugou.
Lavar	*A roupa (se) lavou.
Limpar	*O piso (se) limpou.
Partir	*O bolo (se) partiu.
Passar	*O vestido (se) passou.

Pintar (a parede)	*A parede (se) pintou.
Pendurar	*O quadro (se) pendurou.
Regular	*O motor (se) regulou.
Remover	*A mancha (se) removeu.
Soldar	*O metal (se) soldou.
Varrer	*O chão (se) varreu.
Verbos agentivos benefactivos	Construção Incoativa
Abençoar	*A criança (se) abençoou.
Abrigar	*A criança (se) abrigou.
Ajudar	*O vizinho (se) ajudou.
Amparar	*A criança (se) amparou.
Apoiar	*O filho (se) apoiou.
Assessorar	*O estudante (se) assessorou.
Auxiliar	*O estagiário (se) auxiliou.
Benzer	*A criança (se) benzeu.
Contratar	*O estagiário (se) contratou.
Diplomar	*O estudante (se) diplomou.
Empregar	*O estagiário (se) empregou.
Escoltar	*O estudante (se) escoltou.
Favorecer	*O time (se) favoreceu.
Indenizar	*O idoso (se) indenizou.
Orientar	*O estudante (se) orientou.
Patrocinar	*O atleta (se) patrocinou.
Penalizar	*O jogador (se) penalizou.
Premiar	*O estudante (se) premiou.
Recompensar	*A mulher (se) recompensou.
Socorrer	*A vítima (se) socorreu.
Verbos de experiência	Construção Incoativa
Admirar	*O professor (se) admirou.
Adorar	*Você (se) adorou.
Amar	*Ana (se) amou.
Cobiçar	*O carro novo (se) cobiçou.
Compreender	*Maria (se) compreendeu.
Desejar	*Ter um filho (se) desejou.
Estimar	*A criança (se) estimou.
Estranhar	*Sua reação (se) estranhou.
Hostilizar	*O novo estagiário (se) hostilizou.
Invejar	*A atriz (se) invejou.
Odiar	*O assassino (se) odiou.
Respeitar	*O professor (se) respeitou.
Recear	*As críticas (se) recearam.
Temer	*Animais grandes (se) temeram.
Venerar	*As pessoas bonitas (se) veneraram.
Verbos de obtenção	Construção Incoativa
Adquirir	*Os bens (se) adquiriram.
Conseguir	*A vaga (se) conseguiu.
Obter	*O visto (se) obteve.
Vencer	*O campeonato (se) venceu.
Ganhar uma aposta	*A aposta (se) ganhou.
Ganhar um presente	*O presente (se) ganhou.
Receber uma carta	*A carta se recebeu.
Receber um tapa	*O tapa (se) recebeu.
Pegar um resfriado *	*O resfriado (se) pegou.
Levar uma bofetada *	*A bofetada (se) levou.

Verbos de estado puro	Construção Incoativa
Conter (uma cadeira)	*A cadeira (se) continha.
Custar	*Cem reais (se) custaram.
Parecer	*O palhaço (se) pareceu.
Significar	*Azul (se) significou.
Valer	*Muito dinheiro valeu.
Medir (2 km)	*2 km (se) mediu.
Pesar (1 kg)	*1 kg (se) pesou.
Ter (uma casa)	*A casa (se) teve.
Possuir (um carro)	*O carro (se) possuiu.

B) Construção Medial

1. Classes de verbos compatíveis: verbos de afetação e de mudança de estado

Verbos agentivos de afetação	Construção Medial
Afiar	Essa faca (se) afia facilmente.
Afinar	Esse violão (se) afina facilmente.
Aspirar	Seu carro (se) aspira facilmente.
Cortar	Esse bolo (se) corta fácil.
Enxugar	Esse piso (se) enxuga fácil.
Lavar	Essa roupa (se) lava fácil.
Limpar	Esse piso (se) limpa fácil.
Partir	Esse bolo (se) parte fácil.
Passar	Essa roupa (se) passa fácil.
Pintar (a parede)	Essa parede (se) pinta fácil.
Pendurar	Esse quadro (se) pendura fácil.
Regular	Esse motor (se) regula fácil.
Remover	Essa mancha (se) remove fácil.
Soldar	Esse metal (se) solda fácil.
Varrer	Esse chão (se) varre fácil.
Verbos de mudança de estado físico	Construção Medial
Abrir	Essa porta (se) abre fácil.
Amassar	Batata (se) amassa fácil.
Arrebentar	Elástico (se) arrebenta fácil.
Colar	Esse adesivo (se) cola fácil.
Derramar	Essa cerveja (se) derrama fácil.
Descolar	Papel (se) descola fácil.
Descosturar	Esse tecido (se) descostura fácil.
Desencaixar	Essas peças (se) desencaixam fácil.
Desfiar	Essa meia (se) desfia fácil.
Desligar	Essa TV (se) desliga a toa/ fácil.
Encaixar	Essas peças (se) encaixam fácil.
Entornar	Esse filtro (se) entorna fácil.
Entortar	Essa maçaneta (se) entorta fácil.
Entupir	Esse ralo (se) entope fácil.
Espalhar	Essa cobertura (se) espalha fácil.
Estragar	Sapato (se) estraga fácil.
Esvaziar	Esse filtro (se) esvazia fácil.
Fechar	Essa porta (se) fecha fácil.
Iluminar	Essa sala (se) ilumina fácil.
Incendiar	Esse mato (se) incendeia fácil.
Misturar	Essa massa de bolo (se) mistura fácil.
Quebrar	Vaso (se) quebra fácil.
Queimar	Esse mato (se) queima fácil.

Rachar	Esse vidro (se) racha fácil.	
Rasgar	Esse tecido (se) rasga fácil.	
Trincar	Esse piso (se) trinca fácil.	
Verbos causativos/agentivos de mudança de estado psicológico	Construção Medial	
Acalmar	Ela acalma fácil.	Mulher não se acalma fácil.
Alegrear	Criança alegre fácil.	Mulher/ela se alegra fácil.
Animar	Mulher anima fácil.	Eu me animo fácil. / Mulher se anima fácil.
Apavorar	Mulher apavora fácil.	Mulher se apavora fácil.
Assustar	Criança assusta fácil.	Criança se assusta fácil.
Magoar	Mulher magoa fácil.	Mulher se magoa fácil.
Martirizar	?Mulher martiriza fácil.	Mulher se martiriza fácil.
Pacificar	*Mulher pacifica fácil.	Mulher se pacifica fácil.
Reconfortar	?Criança reconforta fácil.	Criança se reconforta fácil.
Suavizar	*Criança suaviza fácil.	Criança se suaviza fácil.
Tranqüilizar	*Criança tranqüiliza fácil.	Criança se tranqüiliza fácil.
Traumatizar	Criança traumatiza fácil.	Criança se traumatiza fácil.
Verbos estritamente causativos	Construção Medial	
Abalar	Mulher abala fácil.	Mulher se abala fácil.
Aborrecer	Mãe aborrece fácil.	Mãe se aborrece fácil.
Acanhar	? Menina acanha fácil.	Menina se acanha fácil.
Agonizar	* Mãe agoniza fácil.	Mãe se agoniza fácil.
Deprimir	Mulher deprime fácil.	Mulher se deprime fácil.
Desanimar	Mulher desanima fácil.	Mulher se desanima fácil.
Emocionar	Mulher emociona fácil.	Mulher se emociona fácil.
Enfezar	Mulher enfeza fácil.	Mulher se enfeza fácil.
Enfurecer	? Mulher enfurece fácil.	Mulher se enfurece fácil.
Escandalizar	* Mulher escandaliza fácil.	Mulher se escandaliza fácil.
Frustrar	? Mulher frustra fácil.	Mulher se frustra fácil.
Horrorizar	? Mulher horroriza fácil.	Mulher se horroriza fácil.
Impacientar	? Criança impacienta fácil.	Criança se impacienta fácil.
Inquietar	? Criança inquieta fácil.	Criança se inquieta fácil.
Preocupar	Mulher preocupa fácil/ a toa.	Mulher se preocupa fácil.

2. Verbos não-compatíveis

Verbos agentivos benefactivos	Construção Medial	
Abençoar	*Criança (se) abençoa fácil.	Criança se abençoa fácil.
Abrigar	*Criança (se) abriga fácil.	Criança se abriga fácil.
Ajudar	*Vizinho (se) ajuda fácil.	Vizinho se ajuda fácil.
Amparar	*Criança (se) ampara fácil.	Criança se ampara fácil.
Apoiar	*Filho (se) apóia fácil.	Filho se apóia fácil.
Assessorar	*Estudante (se) assessora fácil.	Estudante se assessora fácil.
Auxiliar	*Estagiário (se) auxilia fácil.	Estagiário se auxilia fácil.
Benzer	*Criança (se) benze fácil.	Criança se benze fácil.
Contratar	*Estagiário não (se) contrata fácil.	Estagiário não se contrata fácil.
Diplomar	*Estudante aplicado (se) diploma fácil.	Estudante aplicado se diploma fácil.
Empregar	*Estagiário (se) emprega fácil.	Estagiário se emprega fácil.
Escoltar	*Estudante (se) escolta fácil.	Estudante se escolta fácil.
Favorecer	*Times (se) favorecem fácil.	Times se favorecem fácil.
Indenizar	*Idosos (se) indenizam fácil.	Idosos se indenizam fácil.
Orientar	*Estudante aplicado (se) orienta	Estudante aplicado se orienta fácil.

	fácil.	
Patrocinar	*Atletas (se) patrocinam fácil.	Atletas se patrocinam fácil.
Penalizar	*Jogador nervosa (se) penaliza fácil.	Jogador nervoso se penaliza fácil.
Premiar	*Estudante aplicado (se) premia fácil.	Estudante aplicado se premia fácil.
Recompensar	*Mulher (se) recompensa fácil.	Mulher se recompensa fácil.
Socorrer	*Vitima de incêndio (se) socorre rápido.	Vitima de incêndio se socorre rápido.
Verbos de experiência	Construção Medial	
Admirar	*Professor competente (se) admira facilmente.	
Adorar	*Você (se) adora facilmente.	
Amar	*Ana (se) ama facilmente.	
Cobiçar	*Carro novo (se) cobiça facilmente.	
Compreender	*Maria (se) compreende facilmente.	
Desejar	*Ter filhos (se) deseja facilmente.	
Estimar	*Crianças (se) estimam facilmente.	
Estranhar	*Reações controversas (se) estranham facilmente.	
Hostilizar	*Estagiário novo (se) hostiliza facilmente.	
Invejar	*Atrizes (se) invejam facilmente.	
Odiar	*Assassinos (se) odeiam facilmente.	
Respeitar	*Professores (se) respeita facilmente.	
Recear	*Críticas (se) receiam facilmente.	
Temer	*Animais grandes (se) temem facilmente.	
Venerar	*Pessoas bonitas (se) veneram facilmente.	
Verbos de obtenção	Construção Medial	
Adquirir	*Bens sólidos (se) adquirem facilmente.	
Conseguir	*Vagas de emprego (se) consegue facilmente.	
Obter	*Visto (se) obtém facilmente.	
Reaver	*Documento de carro (se) reavê facilmente.	
Vencer	*Campeonato mineiro (se) vence facilmente.	
Ganhar uma aposta	*Apostas pequenas (se) ganham facilmente.	
Ganhar um presente	*Presentes baratos (se) ganham facilmente.	
Receber uma carta	*Cartas comuns se recebem facilmente.	
Receber um tapa	*Tapas (se) recebem facilmente.	
Pegar um resfriado	*Resfriado (se) pega facilmente.	
Levar uma bofetada	*Bofetada de namorada (se) leva facilmente.	
Verbos de estado puro	Construção Medial	
Conter	*A cadeira (se) contém facilmente.	
Custar	*Cem reais (se) custa facilmente.	
Parecer	*O palhaço (se) parece facilmente.	
Significar	*Azul (se) significa facilmente.	
Valer	*Muito dinheiro (se) vale facilmente.	
Medir (2 km)	*2 km (se) mede facilmente.	
Pesar (1 kg)	*1 kg (se) pesa facilmente.	
Ter (uma casa)	*A casa (se) tem facilmente.	
Possuir (um carro)	*O carro (se) possui facilmente.	

3. Classes de verbos que podem ser assimilados dependendo do contexto de uso

Verbos agentivos	Construção medial	
Arquivar	?? Essas pastas arquivam fácil.	Essas pastas se arquivam fácil.
Aterrar	?? Esse lote aterriza fácil.	Esse lote se aterriza fácil.
Emoldurar	?? Esse quadro emoldura fácil.	Esse quadro se emoldura fácil.
Empacotar	?? Essa mercadoria empacota fácil.	Essa mercadoria se empacota fácil.
Encanar	?? Essa fiação encana fácil.	Essa fiação se encana fácil.
Encaixotar	?? Essas pastas encaixotam fácil.	Essas pastas se encaixotam fácil.

Encestar	?? Essa bola encesta fácil.	Essa bola se encesta fácil.
Engaiolar	?? Esse passarinho engaiola fácil.	Esse passarinho se engaiola fácil.
Engavetar	?? Esse documento engaveta fácil.	Esse documento se engaveta fácil.
Engarrafar	?? Essa bebida engarrafa fácil.	Essa bebida se engarrafa fácil.
Enjaular	?? Esse animal enjaula fácil.	Esse animal se enjaula fácil.
Ensacar	?? Feijão ensaca fácil.	Feijão se ensaca fácil.
Enterrar	?? Essa caixa enterra fácil.	Essa caixa se enterra fácil.
Envelopar	?? Esse papel envelope fácil.	Esse papel se envelope fácil.
Hospitalizar	?? Crianças não hospitalizam fácil.	Crianças não se hospitalizam fácil.
Verbos de locatum	Construção medial	
Acorrentar	?? Bicicletas acorretam fácil.	Bicicletas se acorretam fácil.
Adubar	?? Jardins adubam fácil.	Jardins se adubam fácil.
Afivelar	?? Essa sandália afivela fácil.	Essa sandália se afivela fácil.
Agasalhar	?? Esse manequim agasalha fácil.	Esse manequim se agasalha fácil.
Algemar	?? Esse homem não algema fácil.	Esse homem não se algema fácil.
Amanteigar	?? Esse biscoito amanteiga fácil.	Esse biscoito se amanteiga fácil.
Apimentar	?? Essa carne apimenta fácil.	Essa carne se apimenta fácil.
Cimentar	?? Esse passeio cimenta fácil.	Esse passeio se cimenta fácil.
Concretar	?? Essa região concreta fácil.	Essa região se concreta fácil.
Coroar	?? Miss Brasil coroa fácil.	? Miss Brasil se coroa fácil.
Selar	?? Esse cavalo sela fácil.	Esse cavalo se sela fácil.
Temperar	?? Peixe tempera fácil.	Peixe se tempera fácil.
Verbos de criação	Construção medial	
Compor	?? Essa música compõe fácil.	Essa música se compõe fácil.
Construir	?? Esse prédio constrói fácil.	Esse prédio se constrói fácil.
Escrever	?? Esse artigo escreve fácil.	Esse artigo se escreve fácil.
Esculpir	?? Esse busto esculpe fácil.	Esse busto se esculpe fácil.
Fabricar	?? Esse carro fabrica fácil.	Esse carro se fabrica fácil.
Pintar (um quadro)	?? Esse quadro pinta fácil.	Esse quadro se pinta fácil.

C) Construção Passiva

1. Classes de verbos compatíveis: verbos que designam eventualidades direcionadas

Verbos de afetação	Construção passiva
Afiar	A faca foi afiada pela empregada.
Afinar	O violão foi afinado pelo músico.
Aspirar	O carro foi aspirado pelo ajudante.
Cortar	O bolo foi cortado por sua tia.
Enxugar	O piso foi enxugado pelo faxineiro.
Lavar	A roupa foi lavada pela lavanderia.
Limpar	O piso foi limpo rapidamente pelos funcionários do shopping.
Partir	O bolo foi partido pelas tias da aniversariante.
Passar	O vestido foi passado por Cida com ferro bem fraquinho.
Pintar (a parede)	Minha casa foi pintada por uma equipe competente de pintores.
Pendurar	O quadro foi pendurado por minha mãe.
Regular	O motor foi regulado pelos mecânicos da esquina.
Remover	A mancha foi removida por um sabão em pó comum.
Soldar	Os metais foram soldados por João.
Varrer	O chão foi varrido por aquela moça.
Verbos benefactivos	Construção Passiva
Abençoar	A criança foi abençoada pelo padre.
Abrigar	A criança foi abrigada pela creche.
Ajudar	O vizinho foi ajudado por toda a comunidade.
Amparar	A criança foi amparada pela prefeitura.

Apoiar	Ele foi muito apoiado pelos pais.
Assessorar	O estudante foi assessorado pelos professores.
Auxiliar	O estagiário foi auxiliado pelo chefe.
Benzer	A criança foi benzida por todos da igreja.
Contratar	O estagiário foi contratado pelo secretário do chefe.
Diplomar	O estudante foi diplomado pela UFMG.
Empregar	Ele foi empregado pela empresa de finanças.
Escoltar	O estudante foi escoltado pela guarda universitária.
Favorecer	O Atlético foi favorecido pelo juiz.
Indenizar	O idosos foram indenizados pela prefeitura.
Orientar	O aluno foi orientado por dois professores.
Patrocinar	Os atletas foram patrocinados pela Nike.
Penalizar	O jogador foi penalizado pelo juiz.
Premiar	O estudante foi premiado pela escola.
Recompensar	A mulher foi recompensada pela comunidade.
Socorrer	A vítima foi socorrida pelos bombeiros.
Verbos de criação	Construção passiva
Compor	Essa música foi composta por Tom Jobim.
Construir	Esse prédio foi construído pela construtora Dínamo.
Escrever	Aquele artigo foi escrito pelas alunas da graduação.
Esculpir	O busto de CDA foi esculpido pelos artistas da cidade.
Fabricar	Esse carro foi fabricado pela FIAT.
Pintar (um quadro)	Esse quadro foi pintado por Maria.
Verbos de location/ lugar	Construção passiva
Arquivar	Aquela pasta foi arquivada pela secretária.
Aterrar	O lote da esquina foi aterrado pela prefeitura.
Emoldurar	Seu quadro foi emoldurado pela molduraria do Ouro Preto.
Empacotar	A mercadoria foi empacotada pelos ajudantes.
Encanar	Essa fiação foi encanada por excelentes profissionais.
Encaixotar	As pastas forma encaixotadas pelo pessoal da mudança.
Encestar	A bola foi encestando pelo jogador mais baixo do time.
Engaiolar	O passarinho foi engaiolado pelo moço da casa da frente.
Engavetar	O documento foi engavetado pela mãe.
Engarrafar	O vinho foi engarrafado pelos próprios produtores.
Enjaular	O leão foi enjaulado por um funcionário treinado do zoológico.
Ensacar	O feijão foi ensacado pelo próprio produtor.
Enterrar	A caixa foi enterrada por mina avó.
Envelopar	A carta foi envelopada pelo atendente.
Hospitalizar	As crianças foram hospitalizadas pela creche.
Verbos de locatum	Construção passiva
Acorrentar	A bicicleta foi acorrentada pelo menino.
Adubar	O jardim foi adubado por Grasielle.
Afivelar	A sandália da Ana foi afivelada pela babá.
Agasalhar	A criança foi agasalhada pelo pai.
Algemar	O homem foi algemado pela polícia.
Amanteigar	O biscoito foi amanteigado por Maria.
Apimentar	A carne foi apimentada pelo chef.
Cimentar	A rua foi cimentada pela prefeitura.
Concretar	A estrada foi concretada pela prefeitura.
Coroar	A princesa foi coroada pela rainha.
Selar	O cavalo foi selado pelo vaqueiro.
Temperar	O peixe foi temperado pela cozinheira.
Verbos causativos/agentivos de mudança de estado físico	Construção passiva
Abrir	A porta foi aberta pelo auxiliar de serviços gerais.
Amassar	O vestido foi amassado pela criança.

Arrebentar	O elástico foi arrebentado pelos meninos.
Colar	Os papéis foram colados pelas crianças.
Descolar	O adesivo foi descolado pelo Victor.
Descosturar	O tecido foi descosturado por Cleuza.
Desencaixar	As peças foram desencaixadas pelo operador.
Desfiar	A meia foi desfiada pela menina de propósito.
Desligar	A TV foi desligada pela criança.
Encaixar	As peças foram encaixadas pelo mecânico.
Entornar	O restante do vinho foi entornado no chão pelo faxineiro.
Entortar	A maçaneta foi entortada pelo pedreiro.
Entupir	A pia foi entupida pela sujeira.
Espalhar	A cobertura foi espalhada pelo confeitoiro.
Estragar	Meu sapato foi estragado pelo gato.
Esvaziar	O filtro foi esvaziado pela Cida.
Fechar	A porta foi fechada pela Lorena.
Iluminar	A sala foi iluminada por velas.
Incendiar	O mato foi incendiado por vândalos.
Misturar	A massa foi misturada por Cida.
Quebrar	O vaso foi quebrado pela criança.
Queimar	Esse mato foi queimado por vândalos.
Rachar	Esse vidro foi rachado pelos meninos que brincam aqui.
Rasgar	Esse tecido foi rasgado pelo diretor do espetáculo.
Trincar	Esse piso foi trincado pelo pedreiro.
Verbos de mudança de estado psicológico	Construção passiva
Acalmar	Maria foi acalmada pelo pai.
Alegrear	A criança foi alegrada pelos palhaços.
Animar	Ela foi animada pelos amigos.
Apavorar	Ela foi apavorada pela sensação de solidão.
Assustar	Ela foi assustada pelo irmão.
Magoar	Ana foi magoada por Cristóvão.
Reconfortar	O bebê foi reconfortado pela mãe.
Suavizar	A menina que gritava foi suavizada pela professora.
Tranqüilizar	O paciente foi tranqüilizado pelo médico.
Traumatizar	Carla foi traumatizada pelos pais.
Verbos de experiência	Construção passiva
Admirar	O professor foi admirado pelos alunos.
Adorar	Maria (sempre) é/foi adorada pelo pessoal do trabalho.
Amar	Joana (sempre) é/foi amada pelos colegas.
Cobiçar	Aquele seu carro novo foi cobiçado pelos vizinhos.
Compreender	Maria foi compreendida pelas amigas.
Desejar	O filho foi muito desejado pelo casal.
Estimar	As crianças foram muito estimadas por nossos amigos em geral.
Estranhar	Sua reação foi estranhada pelo pessoal da empresa.
Hostilizar	O novo estagiário foi hostilizado por muitos do setor.
Invejar	As atrizes foram invejadas por todos do estúdio.
Odiar	O assassino foi odiado por toda a comunidade.
Respeitar	O professor foi respeitado por todos os alunos.
Recear	As críticas foram receadas pelos produtores do filme.
Temer	Os animais grandes foram temidos pelas crianças no zoológico.
Venerar	As atrizes mais bonitas foram veneradas pelos telespectadores.
Verbos de obtenção	Construção passiva
Adquirir	Esse carro foi adquirido por meu pai.
Conseguir	A vaga de emprego foi conseguida pelo profissional mais qualificado.
Obter	Os documentos foram obtidos pelo despachante.

Vencer	O campeonato foi vencido pelo Atlético.
Ganhar uma aposta	A aposta foi ganha por Mauro.
Ganhar um presente	*O presente foi ganho por Maria.
Receber uma carta	A carta foi recebida pela Cida.
Receber um tapa	*O tapa foi recebido pelo namorado.
Pegar um resfriado	*O resfriado foi pego por Ana.
Levar uma bofetada	*A bofetada foi levada pelo namorado.

2. Classes de verbos não-compativos

Verbos de estado puro	Construção passiva
Conter	*Seis cadeiras são/foram contidas pela sala.
Custar	*Cem reais são/foram custados por essa blusa.
Parecer	*Um palhaço é/foi parecido por ele.
Significar	*Azul é/foi significado por "blue".
Valer	*Muito dinheiro é/foi valido por esse carro.
Medir 2 km	*2 km são/foram medidos por essa rua.
Pesar 1 kg	*1 kg é/foi pesado por esse pedaço de carne.
Ter uma casa	*Uma casa é/foi tida por Pedro.
Possuir um carro	*Um carro antigo é/foi possuído por Carlos.
Verbos estritamente causativos	Construção passiva
Abalar	*Maria foi abalada pela notícia.
Aborrecer	* Ela foi aborrecida pela notícia.
Acanhar	*A menina foi acanhada pelo homem.
Agonizar	*A menina foi agonizada pela proximidade das provas.
Deprimir	*Ele foi deprimido pela ausência da esposa.
Desanimar	*Ela foi desanimada pela amiga.
Emocionar	*Maria foi emocionada pelos alunos.
Enfezar	*Maria foi enfezada pelo João.
Enfurecer	*Lourdes foi enfurecida pela professora.
Escandalizar	*Paulo foi escandalizado pela mulher.
Frustrar	*Maria foi frustrada pela atitude do irmão.
Horrorizar	*Lisa foi horrorizada pela situação.
Impacientar	*Abraão foi impacientado pelos fiéis.
Inquietar	*Kátia foi inquietada pelo filho.
Preocupar	*Ela foi preocupada pela filha.